Bahia Econômica

Edição 12 / Novembro 2026



BAHIA 2030: A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ECONOMIA



MUITO MAIS QUE CAPACITAR PESSOAS,

NÓS TRANSFORMAMOS VIDAS





FAEB
SENAR
SINDICATOS

SIGA NOSSAS REDES:
sistemafaeb.org.br | @faebsenarba

FORMAÇÃO PROFISSIONAL RURAL

+ DE 85 MIL
PESSOAS IMPACTADAS EM 2025



ASSISTÊNCIA TÉCNICA E GERENCIAL

+ DE 160 MIL
VISITAS TÉCNICAS REALIZADAS EM 2025

MAIS DE UM MILHÃO DE VIDAS TRANSFORMADAS NO CAMPO





CURSOS DE QUALIFICAÇÃO TÉCNICA

- AGRICULTURA
- AGRONEGÓCIO
- AGROPECUÁRIA
- SEGURANÇA DO TRABALHO
- ZOOTECNIA

EDITORIAL

A Bahia reúne condições para ocupar uma posição de destaque na economia brasileira nas próximas décadas. A diversidade de sua base produtiva, a riqueza de seus recursos naturais, a força de seu agronegócio, sua estrutura industrial e seu potencial energético formam um conjunto de ativos capaz de impulsionar um novo ciclo de desenvolvimento. Transformar essas vantagens em crescimento sustentado, entretanto, exige planejamento, investimentos e uma visão estratégica de futuro.

É a partir dessa perspectiva que a Revista Bahia Econômica chega à 12ª edição, com o tema "**Bahia 2030: A Construção de uma Nova Economia**".

O horizonte de 2030 representa mais do que uma referência temporal. É um marco para refletir sobre as transformações em curso na economia mundial e sobre a capacidade da Bahia de se posicionar diante delas. A transição energética, a reorganização das cadeias globais de produção, o avanço da inteligência artificial, a expansão da economia digital e a crescente importância dos minerais críticos estão redefinindo as oportunidades de investimento e os fatores de competitividade entre países e regiões.

Nesse cenário, a Bahia dispõe de vantagens relevantes. O potencial de geração de energia renovável, a disponibilidade de recursos minerais estratégicos, a força do agronegócio, a presença de importantes polos industriais e a posição geográfica favorável ao comércio internacional abrem perspectivas para a atração de novos empreendimentos e a diversificação da estrutura produtiva.

E, o maior dos desafios: a ampliação da infraestrutura de transportes, portos e logística que será decisiva para integrar esses ativos aos mercados nacionais e internacionais.

A transição energética ocupa lugar central nessa agenda. A Bahia já reúne condições importantes para ampliar sua participação na produção de energia limpa e pode transformar essa vantagem em um diferencial para a instalação de novas indústrias e o desenvolvimento de atividades intensivas em energia. Mas, também aqui, o aproveitamento desse potencial depende de investimentos em transmissão, infraestrutura, tecnologia e integração entre as políticas públicas e a iniciativa privada.

Esta edição se abre com a contribuição de Alexandre Silveira, ministro de Estado de Minas e Energia, cuja participação amplia o debate sobre o papel estratégico da energia na construção de uma nova economia. Ao longo das páginas da revista, artigos e entrevistas com gestores públicos, empresários e representantes de diferentes setores oferecem perspectivas sobre os investimentos, as oportunidades e os desafios que deverão influenciar os rumos do desenvolvimento baiano.

Ao reunir diferentes olhares sobre esse futuro, a Revista Bahia Econômica reafirma seu compromisso de contribuir para o debate sobre os caminhos da economia baiana.

Porque o futuro de uma economia não se define apenas pelos recursos de que ela dispõe, mas pelas escolhas que faz para transformar esses recursos em desenvolvimento.

Boa leitura!

A revista do portal Bahia Econômica

EXPEDIENTE

Uma Publicação do Bahia Econômica,
nº 12 / novembro 2026

Diretor Presidente
Armando Avena

Editor Geral
Luiz Freire

Textos
Convidados

Revisão de textos
Helena Vasconcelos

Projeto Gráfico e Diagramação
Carlos Vilmar

Impressão
Halley Gráfica e Editora

Contato
Portal Bahia Econômica

Rua Dr. José Peroba, nº 297,
salas 709 e 710
Edf. Atlanta Empresarial – STIEP
Salvador/BA – CEP: 41770-235
adm@bahiaeconomica.com.br
(71) 3565-2888
www.bahiaeconomica.com.br

As opiniões contidas nas entrevistas e artigos assinados não refletem necessariamente o pensamento do Bahia Econômica.

Feitas por ideias — humanas e digitais

Imagen da capa: IA
Imagens dos artigos e entrevistas vide créditos das fotos no miolo da revista.

ÍNDICE



10 A BAHIA TEM POTENCIAL PARA TRANSFORMAR SUA RIQUEZA ENERGÉTICA EM DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL, INOVAÇÃO E EMPREGOS - ALEXANDRE SILVEIRA



16 BAHIA 2030: A INDÚSTRIA COMO ALICERCE DA NOVA ECONOMIA - CARLOS HENRIQUE PASSOS



20 TRANSFORMAR POTENCIAL EM MAIS DESENVOLVIMENTO - JOÃO CARLOS OLIVEIRA



24 BAHIA 2030: A TRANSFORMAÇÃO QUE COMEÇA NO CAMPO - HUMBERTO MIRANDA



30 A BAHIA DE 2030 JÁ COMEÇOU - ALEXANDRE BALDY



36 ROTAS QUE MOVIMENTAM O FUTURO - SAULO PONTES



40 DO CARTÃO POSTAL AO MOTOR ECONÔMICO - MILA PAES

ÍNDICE



42 TRANSFORMAR POTENCIAL EM OPORTUNIDADES É O DESAFIO DA BAHIA ATÉ 2030 - ISABELA SUAREZ



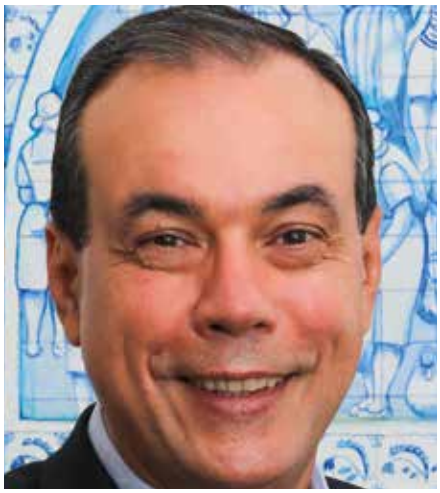
46 CONECTAR PARA TRANSFORMAR: O AEROPORTO E A BAHIA QUE QUEREMOS EM 2030 - JULIO RIBAS



52 O RETORNO DAS POLÍTICAS INDUSTRIAIS - PAULO DE OLIVEIRA COSTA



56 BAHIA 2030: PEQUENOS NEGÓCIOS PARA UMA NOVA ECONOMIA - JORGE KHOURY



60 A SANTA CASA DA BAHIA NO SEU TEMPO E À ALTURA DE SUA HISTÓRIA - JOSÉ ANTÔNIO RODRIGUES ALVES



64 O PAPEL DA INDÚSTRIA NA TRANSIÇÃO PARA UMA ECONOMIA DE BAIXO CARBONO - RAPHAEL CAMPOS



66 SUSTENTABILIDADE, TECNOLOGIA E O FUTURO DE UMA BAHIA MAIS COMPETITIVA - CIRO GOUVEIA



70 GESTÃO ESTRATÉGICA E INOVAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO FUTURO DA ENERGIA - CRISTIANE FORMOSINHO CONDE



74 QUANDO O INTERIOR PUXA A ECONOMIA - ANDRÉ BRITO



78 BAHIA 2030: INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE COMO BASES PARA UMA NOVA ECONOMIA - MOISÉS SANTOS



82 COMO A BRACELL AJUDA A CONSTRUIR A NOVA ECONOMIA DA BAHIA - LEONARDO SARNO



86 COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA E CONEXÕES QUE IMPULSIONAM O DESENVOLVIMENTO DA BAHIA - BRUNO PORTELA



90 CAIS DE HISTÓRIA, VENTOS DE PROGRESSO: A ROTA VERDE DA BAÍA DE TODOS-OS-SANTOS - DEMIR LOURENÇO JÚNIOR



94 BAHIA AMPLIA O USO DO CONSÓRCIO PARA INVESTIR E CRESCER - VIVIAN ZIMOVSKI



98 MINERAIS ESTRATÉGICOS: A BAHIA DIANTE DE UMA NOVA FRONTEIRA DE DESENVOLVIMENTO - GILCIMAR OLIVEIRA

002



Desacelere. Seu bem maior é a vida.



BYD

IT'S NOT A CAR, IT'S A BYD

*Observatório da indústria da FIEB.

AGENDE
UM TEST DRIVE



A BAHIA TEM POTENCIAL PARA TRANSFORMAR SUA RIQUEZA ENERGÉTICA EM DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL, INOVAÇÃO E EMPREGOS

Alexandre Silveira *– Ministro de Estado de Minas e Energia – MME*

A transição energética mundial abre novas perspectivas para o desenvolvimento econômico do Brasil, e a Bahia reúne condições estratégicas para protagonizar essa transformação. Nesta entrevista exclusiva à *Bahia Econômica*, o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, analisa as oportunidades geradas pelas energias renováveis, pela mineração, pelo petróleo e gás e pelas novas tecnologias de baixo carbono. O ministro também aborda os desafios para transformar o potencial energético e mineral baiano em investimentos, industrialização, inovação e empregos qualificados, contribuindo para a construção de uma economia mais competitiva e sustentável até 2030.

O mundo atravessa uma profunda transformação nas matrizes energética e industrial, marcada pela transição para uma economia de baixo carbono, pela disputa por minerais críticos, pela segurança energética e por mudanças geopolíticas nas cadeias globais de produção. Qual é o papel que o Brasil pode e deve ocupar nesse novo cenário internacional e quais são, na sua avaliação, as principais oportunidades que essa transformação abre para o país até 2030?

> *"O compromisso do governo federal é fazer com que a contribuição brasileira à transição energética gere benefícios concretos para nossa população e fortaleça nossa soberania."*



"O Plano Nacional de Mineração 2050 estabelece as bases estratégicas para essa transformação."

Essa transformação é uma oportunidade histórica para o Brasil converter suas vantagens naturais em desenvolvimento industrial, inovação e empregos qualificados. Temos recursos minerais, uma matriz elétrica com elevada participação renovável, experiência em biocombustíveis, além de capacidade científica e tecnológica. Nosso papel é conectar essas competências e ampliar a participação brasileira nas cadeias produtivas da nova economia.

E o Brasil conta hoje com políticas que dão sustentação a essa perspectiva. A Lei do Combustível do Futuro, por exemplo, estabelece bases para ampliar os biocombustíveis e desenvolver mercados como os de combustível sustentável de aviação (SAF), biometano e diesel verde. O marco legal do hidrogênio de baixa emissão oferece uma estrutura para desenvolver essa cadeia. A Política Nacional de Transição Energética organiza a atuação do governo, integrando suas políticas, e promovendo o diálogo com a sociedade por meio do Fórum Nacional de Transição Energética, que se soma ao Plano Nacional de Transição Energética (Plante), em fase final de discussão no âmbito do Ministério, e tem como objetivo traduzir essas diretrizes em ações coordenadas.

Há ainda a Política Nacional de Minerais Críticos e Estratégicos que fortalece o compromisso com o beneficiamento e a transformação mineral no Brasil.

Até 2030, esses instrumentos deverão se traduzir em projetos produtivos, novas tecnologias e maior capacidade industrial. Para isso, temos trabalhado também na expansão da transmissão e no desenvolvimento do armazenamento de energia, que são fundamentais para aproveitar melhor as renováveis. O compromisso do governo federal é fazer com que a contribuição brasileira à transição energética gere benefícios concretos para nossa população e fortaleça nossa soberania.

O Brasil possui uma das matrizes elétricas mais renováveis do mundo e, ao mesmo tempo, dispõe de importantes reservas de petróleo, gás natural e minerais estratégicos, além de grande potencial em biocombustíveis e novas fontes de energia. Como o Ministério de Minas e Energia trabalha para conciliar segurança energética, competitividade econômica, expansão da oferta e transição energética, transformando essa diversidade de recursos em vantagem estratégica para o desenvolvimento nacional?

Temos trabalhado, no MME, com planejamento integrado e três importantes compromissos: segurança energética, desenvolvimento sustentável e justiça social. Instrumentos como o Plano Nacional de Energia, que oferece a referência de longo prazo, e o Plano Decenal de Expansão de Energia, que traz as perspectivas para a expansão do setor na próxima década, orientam as políticas públicas e os investimentos no setor. Além disso, a diversidade brasileira permite combinar fontes e tecnologias para garantir o abastecimento, reduzir emissões e criar condições competitivas para a indústria.

No setor elétrico, nós atuamos para que a expansão da geração seja acompanhada de transmissão, modernização da distribuição e maior flexibilidade operativa. Os leilões de transmissão, o aprimoramento das condições de acesso à rede e a contratação de armazenamento em baterias fazem parte desse esforço. Nos transportes, a já mencionada Lei do Combustível do Futuro fortalece nossa experiência em biocombustíveis e abre espaço para novas soluções. Na mineração, o Plano Nacional de Mineração 2050 e a Política Nacional de Minerais Críticos e Estratégicos aproximam o aproveitamento dos recursos naturais da inovação e do desenvolvimento industrial.

Ao mesmo tempo, o Brasil reconhece o papel do petróleo e do gás natural no abastecimento e na economia durante a transição. O objetivo é aproveitar essa diversidade com responsabilidade ambiental, garantindo que os investimentos ampliem a segurança do país e gerem emprego e renda. Mas, para o presidente Lula, nada disso teria sentido se o compromisso não estivesse sempre voltado aos benefícios para as famílias, com a garantia de acesso à energia e a serviços de qualidade para todas e todos, especialmente para quem mais precisa.

O Plano Nacional de Mineração 2050, aprovado neste ano, estabelece uma visão de longo prazo para o setor, com foco, entre outros aspectos, na diversificação da produção mineral, na

agregação de valor, na sustentabilidade e no aproveitamento dos minerais necessários à transição energética. Que mudanças o senhor considera fundamentais para que o Brasil deixe de ser apenas um grande produtor e exportador de recursos minerais e avance na construção de cadeias produtivas mais sofisticadas, capazes de gerar tecnologia, industrialização, emprego e maior valor agregado no país?

O principal desafio é transformar a riqueza geológica brasileira em vantagem industrial, tecnológica e competitiva. Isso exige superar uma visão da mineração concentrada na extração e na exportação de commodities para passar a construir uma estratégia de desenvolvimento que conecte os recursos minerais à indústria, à ciência, à inovação e à geração de empregos qualificados.

O Plano Nacional de Mineração 2050 estabelece as bases estratégicas para essa transformação. Um passo fundamental é adensar as cadeias produtivas, ampliando o beneficiamento e a transformação mineral no país, criando condições para avançar na produção de materiais, ligas, componentes e produtos de maior complexidade tecnológica.

Para isso, é fundamental articular a política mineral com as políticas industrial, energética e de ciência, tecnologia e inovação. Precisamos fortalecer a pesquisa e o desenvolvimento e aproximar universidades, centros tecnológicos e empresas. Também é necessário desenvolver fornecedores nacionais de máquinas, equipamentos, insumos e serviços, criando oportunidades para que empresas brasileiras participem de toda a cadeia.

Outro elemento decisivo é construir um ambiente favorável ao investimento produtivo, com previsibilidade regulatória, segurança jurídica, infraestrutura logística e energética adequadas e instrumentos de financiamento e incentivo capazes de estimular projetos de transformação mineral e inovação em nosso país.

A Política Nacional de Minerais Críticos e Estratégicos, sancionada pelo presidente Lula em setembro deste ano, reforça essa direção ao estabelecer instrumentos voltados ao beneficiamento, à transformação mineral, à pesquisa e ao desenvolvimento tecnológico. Nesta gestão, também regulamentamos o acesso de projetos de transformação de minerais como cobalto, cobre, lítio, níquel e terras raras a debêntures incentivadas e de infraestrutura, ampliando as alternativas de financiamento para esses empreendimentos.



"A Lei do Combustível do Futuro estabelece bases para combustíveis sustentáveis e para a captura e o armazenamento de carbono."

Nosso governo, liderado pelo presidente Lula, tem trabalhado para combinar esses instrumentos com as etapas de geração do conhecimento geológico e de pesquisa mineral, além de viabilizar parcerias que fortaleçam nossas capacidades produtivas. Afinal, construir uma cadeia industrial competitiva exige tecnologia, escala, demanda e viabilidade econômica. A atração de investimentos é parte desse processo, que deve estar orientado à geração de empregos qualificados, ao desenvolvimento regional e à responsabilidade socioambiental.

O PNM 2050 oferece a visão estratégica de longo prazo para essa mudança. O passo fundamental agora é transformar suas diretrizes em ações coordenadas e investimentos concretos, com a participação do Estado, do setor produtivo e da comunidade científica para consolidar o Brasil em uma posição mais qualificada nas cadeias globais de valor e transformar sua riqueza mineral em desenvolvimento econômico e social.

Petróleo e gás natural continuarão tendo papel relevante na segurança energética e no desenvolvimento brasileiro durante o processo de transição. Como o Governo Federal pretende aproveitar o potencial do setor de petróleo e gás, inclusive do pré-sal, para gerar investimentos, arrecadação, empregos e desenvolvimento industrial, ao mesmo tempo em que prepara o país para uma economia progressivamente menos intensiva em carbono? ✓

O petróleo e o gás natural continuarão tendo um papel relevante no abastecimento e no desenvolvimento brasileiro durante a transição. Tenho defendido que o aproveitamento desse potencial, inclusive do pré-sal, seja acompanhado de eficiência, responsabilidade ambiental e fortalecimento da cadeia produtiva nacional, fazendo com que o país aproveite suas opor-



"Há importantes oportunidades para a indústria, os transportes, os biocombustíveis, o armazenamento e os minerais críticos e estratégicos."

tunidades ofertando ao mundo aquilo que temos e fazemos com excelência.

No gás natural, a agenda do Gás para Empregar busca melhorar o aproveitamento da produção brasileira e ampliar seus benefícios econômicos e sociais. Considero importante avançar nas condições de acesso à infraestrutura de escoamento, processamento e transporte, para que o gás possa atender à indústria e contribuir para sua competitividade. Também vejo espaço para ampliar a inovação, os serviços especializados e a formação de profissionais associados à produção e ao abastecimento.

Em paralelo, temos trabalhado para desenvolver alternativas de menor intensidade de carbono. A Lei do Combustível do Futuro estabelece bases para combustíveis sustentáveis e para a captura e o armazenamento de carbono. Queremos conectar essas frentes à redução das emissões das operações e à eficiência energética. Buscamos, com isso, garantir o abastecimento, aproveitar os benefícios da produção nacional e preparar a economia para uma participação crescente de soluções de baixo carbono.

A expansão das energias renováveis, especialmente solar e eólica, vem criando novas oportunidades para o Brasil, mas também aumenta a necessidade de investimentos em transmissão, armazenamento, modernização do sistema elétrico e segurança energética. Quais são hoje os principais desafios para que o crescimento da geração renovável seja acompanhado pela infraestrutura necessária e como o Ministério pretende preparar o sistema elétrico brasileiro para a próxima década?

O principal desafio é coordenar o crescimento da geração com a infraestrutura e as condições operativas necessárias para utilizar essa energia. A solar e a eólica variam ao longo do dia e conforme as condições climáticas. Por isso, precisamos de transmissão, armazenamento, fontes complementares e mecanismos que permitam ajustar o consumo às necessidades do sistema.

Por isso, o planejamento é fundamental. Temos trabalhado em frentes que se complementam. Os leilões de transmissão ampliam as condições de escoamento da energia e de atendimento a novas demandas. O Plano Nacional de Acesso ao Sistema de Transmissão (PNAST) contribui para organizar os pedidos de conexão e dar previsibilidade aos investimentos. A contratação de armazenamento em baterias acrescenta uma ferramenta para deslocar a utilização da energia entre horários e apoiar o atendimento nos períodos de maior necessidade.

Também é fundamental modernizar a distribuição, ampliar a digitalização e estimular a participação dos consumidores na gestão da demanda. As novas diretrizes para a renovação das concessões reforçam a atenção à qualidade dos serviços. As novas diretrizes para implementação de medidores inteligentes é a materialização do estímulo à digitalização gradual das redes e serviços, tão necessários para empoderar o consumidor de energia elétrica. Nosso objetivo é preparar um sistema mais confiável e flexível, reduzindo as restrições ao aproveitamento das renováveis e preservando a atenção aos custos para a sociedade.

Programas como o PATEN - Programa de Aceleração da Transição Energética procuram aproximar financiamento, empresas, infraestrutura, pesquisa e inovação para acelerar projetos relacionados à transição energética. Que papel o senhor espera que o capital privado e a inovação tecnológica desempenhem nessa agenda e quais setores da economia brasileira poderão se beneficiar mais desse novo ciclo de investimentos?

Temos trabalhado para garantir planejamento, segurança jurídica e instrumentos que aproximem os investimentos das prioridades da transição energética. O Programa de Aceleração da Transição Energética (PATEN) foi instituído nesta gestão com o propósito de apoiar essa aproximação entre projetos, financiamento e desenvolvimento tecnológico. Sua implementação trará mecanismos viáveis e cri-

térios transparentes. Este programa se soma aos marcos do hidrogênio de baixa emissão, do Combustível do Futuro e aos instrumentos de apoio à transformação mineral.

Há importantes oportunidades para a indústria, os transportes, os biocombustíveis, o armazenamento e os minerais críticos e estratégicos. Nosso objetivo é que empresas brasileiras participem como produtoras e fornecedoras de equipamentos, componentes, serviços e tecnologias. Por isso, é indispensável aproximar o setor produtivo das universidades e dos centros de pesquisa, com formação profissional e condições para transformar conhecimento em soluções de escala industrial.

A BAHIA NO CONTEXTO DESSA TRANSFORMAÇÃO

A Bahia reúne características particularmente favoráveis para essa nova economia: forte potencial solar e eólico, produção de petróleo e gás, atividades de mineração, infraestrutura energética, biocombustíveis e possibilidade de desenvolvimento de novas cadeias industriais associadas à transição energética. Como o senhor enxerga a posição estratégica da Bahia dentro do planejamento do Ministério de Minas e Energia para os próximos anos?

A Bahia é um estado estratégico pela combinação de recursos energéticos e minerais com uma base industrial capaz de aproveitar essas oportunidades. Essa diversidade permite construir conexões entre geração renovável, indústria, combustíveis e transformação mineral.

A experiência industrial do município de Camaçari, por exemplo, oferece uma base importante para desenvolver tecnologias e reduzir as emissões de processos produtivos. A disponibilidade de fontes renováveis também contribui na atração de investimentos que busquem energia de baixo carbono, desde que acompanhados de infraestrutura, confiabilidade e condições competitivas de fornecimento.

Temos trabalhado para que as políticas nacionais apoiem esse movimento por meio de instrumentos que possam ser aproveitados em projetos no estado. Temos articulado essa agenda com o governo baiano, o setor produtivo e as instituições de pesquisa, sempre respeitando a viabilidade de cada empreendimento. Mas também temos, nas nossas políticas, a preocupação que os benefícios também cheguem ao interior, com fornecedores locais, capacitação e oportunidades de trabalho nos territórios que recebem os investimentos.

A Bahia já se consolidou como um dos principais polos brasileiros de geração de energia a partir de fontes renováveis, especialmente eólica e solar. Que novos investimentos e oportunidades o senhor identifica para o Estado até 2030 e o que precisa avançar em transmissão, infraestrutura, armazenamento, licenciamento e ambiente de negócios para que esse potencial se converta em uma nova etapa de industrialização e geração de valor dentro do próprio território baiano?

A Bahia possui boas oportunidades no aproveitamento das energias renováveis, no armazenamento, nos combustíveis de baixo carbono e nas atividades industriais que podem ganhar competitividade com energia limpa e confiável. E essa expansão energética tem sido acompanhada do desenvolvimento de fornecedores, serviços e unidades produtivas no próprio estado.

Na transmissão, já temos iniciativas concretas. O Leilão de Transmissão nº 1/2026 contratou empreendimentos em diferentes estados, incluindo a Bahia. A continuidade dessa agenda é importante para acompanhar a expansão da geração e atender novas demandas industriais. O avanço do armazenamento também pode contribuir para a flexibilidade do sistema, conforme as necessidades identificadas pelo planejamento e pela operação.

Até 2030 temos como um dos eixos prioritários a coordenação entre conexão elétrica, logística, financiamento e implantação dos projetos. Buscamos processos de licenciamento previsíveis, com análise técnica, respeito às exigências ambientais, diálogo com as comunidades e previsibilidade. Temos também fortalecido a articulação entre empresas e instituições de formação profissional, combinação necessária para que o potencial energético se traduza em uma indústria mais competitiva e em empregos qualificados para o povo baiano.

A transição energética abre espaço para novas cadeias produtivas ligadas aos minerais críticos, à produção de equipamentos, ao hidrogênio e combustíveis de baixo carbono, à eletrificação e à indústria de tecnologia. Considerando os recursos naturais e a infraestrutura existentes na Bahia, quais dessas novas cadeias o senhor considera que podem ganhar maior relevância no Estado e que condições precisam ser criadas para que a Bahia participe não apenas da geração de energia, mas também da produção de bens, tecnologias e serviços associados a essa transformação?

Há inúmeras possibilidades na produção e utilização de hidrogênio de baixa emissão, nos combustíveis sustentáveis, nos equipamentos e serviços para as renováveis e na transformação mineral. A relevância de cada cadeia dependerá dos recursos disponíveis, da infraestrutura, da tecnologia e da demanda que possa sustentar os projetos.

Na Bahia, é especialmente importante aproximar a oferta renovável da base industrial e das instituições de pesquisa e formação tecnológica. Isso pode favorecer soluções para eletrificação, eficiência energética e desenvolvimento de combustíveis e processos de menor intensidade de carbono. Os marcos legais construídos nesta gestão têm contribuído, e muito, na previsibilidade a esses investimentos.

Na mineração, a identificação das oportunidades será orientada por conhecimento geológico e estudos de viabilidade, em linha com o Plano Nacional de Mineração 2050 e a Política Nacional de Minerais Críticos e Estratégicos.

Além disso, também consideramos fundamental desenvolver fornecedores e profissionais locais, sempre focando na ampliação da participação baiana em produtos, tecnologias e serviços de maior valor agregado, com projetos economicamente sustentáveis e benefícios para a população.

A Bahia também possui uma importante atividade de petróleo e gás e uma posição estratégica no Nordeste, além de potencial para ampliar sua participação em biocombustíveis e outras soluções de baixo carbono. Como o Ministério avalia a possibilidade de integração dessas diferentes vocações - petróleo e gás, renováveis, biocombustíveis, mineração e novas tecnologias energéticas - em uma estratégia capaz de diversificar a economia baiana e aumentar sua competitividade nacional e internacional até 2030?

Eu vejo essa integração como uma oportunidade de aproveitar a experiência produtiva da Bahia e construir novas atividades econômicas. O estado reúne competências em petróleo e gás, indústria, mineração e geração renovável que podem se complementar em projetos de modernização e diversificação.

O presidente Lula nos deu a incumbência de trabalhar em políticas que apoiam essas conexões. A agenda do Gás para Empregar, por exemplo, busca melhorar o aproveitamento do gás nacional e suas condições de atendimento à economia. O Combustível do Futuro cria bases para ampliar combustíveis sustentáveis. O marco do hidrogênio de baixa emissão e a política de minerais críticos fortalecem outras cadeias que podem dialogar com a indústria existente.

Na Bahia, vejo possibilidades de utilizar eletricidade renovável em processos industriais, ampliar a eficiência energética e desenvolver novos combustíveis e materiais, conforme a viabilidade de cada projeto. É fundamental que essa estratégia seja construída com o governo estadual, as empresas e as instituições de pesquisa, conectando oferta de energia, demanda produtiva e acesso aos mercados. Essa articulação amplia a competitividade e gera oportunidades em diferentes segmentos da economia baiana.

Para encerrar, olhando para o horizonte proposto por esta edição da Bahia Econômica - "BAHÍA 2030: A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ECONOMIA" -, quais são as decisões, investimentos e transformações que precisam começar a acontecer agora para que, em 2030, a Bahia esteja mais preparada para aproveitar as oportunidades da transição energética e da nova economia? E qual poderá ser, nesse processo, a contribuição do Ministério de Minas e Energia para que os ativos naturais, energéticos e minerais do Estado se transformem em desenvolvimento, industrialização, inovação, emprego e melhoria da qualidade de vida dos baianos?

Nós iniciamos, nesta gestão, uma importante coordenação entre infraestrutura, projetos industriais, financiamento e formação de pessoas. Os investimentos têm prazos de maturação, e as decisões sobre conexão elétrica, logística, tecnologia e qualificação profissional precisam caminhar juntas. Sob a liderança do presidente Lula, nós construímos uma base de políticas para apoiar essa transformação. Esses instrumentos precisam ser aproveitados em projetos viáveis, que fortaleçam a indústria e ampliem as oportunidades para a população.

Minha contribuição à frente do Ministério é conectar essas políticas ao planejamento energético e mineral, à expansão da infraestrutura e ao diálogo com o estado e o setor produtivo, sempre com informações



"Na Bahia, é especialmente importante aproximar a oferta renovável da base industrial e das instituições de pesquisa e formação tecnológica."

confiáveis. O Balanço Energético Nacional, construído em conjunto entre o Ministério e a Empresa de Planejamento Energético (EPE), já oferece uma base para esse trabalho, e a proposta da Estratégia Nacional de Dados Energéticos, em discussão no ministério, busca ampliar a qualidade dessas informações para melhor orientar as decisões e acompanhar resultados nos diferentes territórios.

Também considero indispensável associar essa agenda à inclusão social, à qualidade do fornecimento e ao acesso à energia. O resultado que buscamos para o horizonte que vai até 2030 é uma Bahia com mais capacidade de produzir, inovar e gerar empregos qualificados, com desenvolvimento que alcance seus diferentes territórios e melhore a qualidade de vida. ■



BAHIA 2030: A INDÚSTRIA COMO ALICERCE DA NOVA ECONOMIA

Carlos Henrique Passos *- Presidente da Federação das Indústrias do Estado da Bahia - FIEB*

Nenhuma economia se reinventa sem uma base produtiva sólida. A Bahia chega à segunda metade desta década com uma oportunidade rara: reunir, no mesmo território, uma indústria de base consolidada, abundância de energia renovável, posição logística estratégica e uma estrutura de tecnologia e inovação reconhecida nacionalmente. A pergunta que se impõe até 2030 não é se a indústria terá papel central na construção de uma nova economia baiana. A pergunta é se seremos capazes de transformar essas vantagens em investimento, produtividade e empregos de qualidade, no ritmo que a transição econômica global exige.

A resposta depende de escolhas que precisam ser feitas agora. A indústria baiana foi, por décadas, sinônimo de petroquímica, refino, celulose, metalurgia e mineração. Esses segmentos continuam sendo pilares da nossa economia e responsáveis por parcela expressiva das exportações, da arrecadação e dos empregos formais de maior remuneração no estado. O Polo Industrial de Camaçari segue como um dos maiores complexos integrados do Hemisfério Sul, e a cadeia de base florestal coloca a Bahia entre os principais produtores de celulose do mundo.

Mas o que marca o momento atual é a transformação desse parque. A retomada da produção automotiva em Camaçari, agora voltada para veículos eletrificados, sinaliza que a Bahia voltou ao mapa das decisões de investimento de grandes grupos globais. O refino local caminha para biocombustíveis avançados, incluindo o combustível sustentável de aviação a partir da macaúba, cultura que pode reorganizar a economia de regiões do semiárido. Já a petroquímica busca rotas de menor intensidade de carbono. Esses movimentos mostram que os segmentos tradicionais não são o passado da indústria baiana. São a plataforma sobre a qual a nova economia será construída.

Há também outros investimentos estruturantes fora da Região Metropolitana de Salvador que apontam para novos caminhos. Diversos são os exemplos, dentre os quais podemos citar a nova fronteira de produção de etanol de milho, a produção de biodiesel de óleos vegetais e gordura animal, além do promissor projeto de etanol derivado do agave, que está sendo tratado com uma nova fronteira tecnológica. Por fim, a Bahia também desponta pelo seu enorme potencial na mineração, especialmente na produção de terras raras, minerais críticos e outros recursos minerais. Esse potencial ganha ainda mais relevância com a adoção do conceito de mineração sustentável, que busca minimizar os impactos ambientais da atividade e prevê, desde o início da exploração, a recuperação das áreas degradadas,

> *"São investimentos que geram empregos de elevada qualificação técnica e renda, e que ancoram cadeias de fornecedores e serviços."*



> *"O fim da guerra fiscal não elimina a desigualdade regional; apenas retira dos estados menos desenvolvidos a ferramenta que usavam para compensá-la."*

possibilitando sua utilização para outras finalidades após o encerramento das atividades minerárias.

Ao mesmo tempo, a indústria enfrenta um ambiente externo mais hostil. A escalada de medidas protecionistas, em especial as tarifas impostas pelos Estados Unidos sobre produtos brasileiros, atingiu diretamente setores relevantes da nossa pauta exportadora, como petroquímicos, pneus e celulose. A Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB) atuou junto aos governos federal e estadual com diagnósticos setoriais e propostas de mitigação, e continuará defendendo a diversificação de mercados, instrumentos de apoio ao exportador e uma diplomacia comercial ativa. Um estado que exporta indústria precisa de uma política comercial à altura de seus interesses.

Outro ponto a ser considerado é a transição energética como vetor de desenvolvimento. A Bahia é hoje uma das maiores geradoras de energia eólica e solar do país. Esse é um ativo extraordinário, mas que ainda não se converteu plenamente em desenvolvimento para os baianos. Temos um paradoxo a resolver: geramos energia limpa em volume crescente, enfrentamos cortes de geração por limitações de escoamento e de demanda, e exportamos essa energia pela rede sem agregar valor aqui.

A nova economia baiana passa por inverter essa lógica, levando a demanda para onde está a energia. Isso significa atrair para o estado atividades intensivas em eletricidade e de alto valor agregado: data centers, sistemas de armazenamento de energia em baterias, hidrogênio verde e seus derivados, e processos industriais eletrificados. São investimentos que geram empregos de elevada qualificação técnica e renda, e que ancoram cadeias de fornecedores e serviços.

Foi com esse propósito que a FIEB estruturou o Programa Indústria Verde de Bahia, que atua em duas frentes complementares: a defesa de políticas públicas que viabilizem a transição energética da indústria e o apoio operacional do Sistema FIEB a empresas âncoras que lideram projetos de descarbonização no estado. No mesmo sentido, a Federação e o SENAI Cimatec têm defendido junto ao Governo do Estado a criação de uma Zona de Processamento de Exportação na Região Metropolitana de Salvador, desenhada para atrair grandes investimentos em infraestrutura digital e energia. Instrumentos desse tipo existem em estados concorrentes e a Bahia não pode renunciar a eles.

A Reforma Tributária nos traz por sua vez o fim de um modelo e a urgência de outro. A reforma tributária sobre o consumo é a mudança institucional mais profunda que a indústria brasileira viverá nesta década. Ela traz ganhos reais de simplificação, fim da cumulatividade e desoneração de investimentos e exportações, benefícios que a FIEB sempre defendeu. Mas encerra, de forma gradual até 2032, a política de incentivos fiscais do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), que foi por mais de meio século o principal instrumento de atração de investimentos do Nordeste.

É preciso dizer com clareza: o fim da guerra fiscal não elimina a desigualdade regional; apenas retira dos estados menos desenvolvidos a ferramenta que usavam para compensá-la. Por isso, o Fundo Nacional de Desenvolvimento Regional precisa ser mais do que uma previsão constitucional. Ele deve ter recursos efetivos, regras estáveis, critérios que premiem investimento produtivo e governança que permitam à Bahia disputar projetos em condições de igualdade. A FIEB tem trabalhado para que o estado se prepare desde já para esse novo ambiente, com uma estratégia de atração de investimentos baseada em infraestrutura, qualificação, segurança jurídica e inteligência econômica, e não apenas em renúncia fiscal.

Em relação à infraestrutura e ao Custo Bahia, temos convicção de que competitividade se constrói também no chão da logística. É fundamental avançar na integração dos diferentes modais de transporte, consolidando uma infraestrutura logística mais eficiente e competitiva. Nesse contexto, destacam-se a modernização da Ferrovia Centro-Atlântica (FCA), cuja renovação da concessão está em discussão, especialmente quanto aos investimentos previstos

para a Bahia; a conclusão da Ferrovia de Integração Oeste-Leste (FIOL); a viabilização do complexo portuário de Ilhéus; a modernização dos portos da Baía de Todos-os-Santos; e a recuperação da malha ferroviária existente.

A infraestrutura rodoviária também exige investimentos significativos em recuperação, ampliação e modernização. Destaca-se a BR-324, que representa um gargalo estrutural para a logística e a mobilidade da Região Metropolitana de Salvador. Além dela, as BRs 242, 101 e 116 constituem importantes eixos de integração territorial e escoamento da produção, cuja modernização é essencial para melhorar as condições de transporte e fortalecer a competitividade da economia baiana. A essas iniciativas somam-se a ampliação da oferta de gás natural a preços competitivos, a expansão da rede de transmissão de energia elétrica e o fortalecimento da conectividade digital no interior do estado. A superação desses gargalos é essencial para reduzir os custos de produção e de transporte, fortalecer a integração da Bahia às cadeias produtivas nacionais e globais e ampliar as oportunidades de desenvolvimento econômico para além da Região Metropolitana de Salvador.

Há, nesse ponto, um ativo que costuma ser subestimado: a própria indústria da construção. É ela que transforma planos de infraestrutura em obras concretas, e o setor baiano reúne empresas, engenharia e cadeias de fornecedores de materiais com capacidade técnica e experiência acumulada para responder às demandas urgentes do estado, das rodovias e ferrovias aos portos, do saneamento à habitação, das linhas de transmissão às plantas industriais que a transição energética vai exigir.

A construção baiana está pronta para esse esforço. Essa disposição precisa encontrar, do outro lado, uma carteira de projetos bem estruturada, previsibilidade orçamentária, contratos equilibrados e segurança jurídica, inclusive nas concessões e parcerias público-privadas. Quando o planejamento público e a capacidade de execução privada caminham juntos, a infraestrutura deixa de ser gargalo e passa a ser motor de crescimento, com forte efeito multiplicador sobre emprego e renda em todas as regiões.

Essa interiorização é, aliás, uma das grandes promessas da nova economia. O oeste baiano, o semiárido, o sudoeste e o sul do estado reúnem potencial para a agroindustrialização, incluindo a ampliação do abate e processamento de proteína animal voltada à exportação, a mineração com beneficiamento local e as bioenergias. Agregar valor à produção primária dentro do território baiano é uma das formas mais eficazes de gerar emprego e renda fora das grandes cidades.

Para isso, precisamos ter pessoas, tecnologia e produtividade. Nenhuma dessas transformações acontecerá sem gente preparada. O desafio da produtividade é, antes de tudo, um desafio de formação. A indústria de 2030 demandará profissionais capazes de operar sistemas automatizados, analisar dados, trabalhar com novas fontes de energia e manter processos cada vez mais digitalizados.

O Sistema FIEB está organizado para responder a essa demanda. O SENAI forma e requalifica trabalhadores em todo o estado, com cursos alinhados às necessidades reais das empresas. O SESI eleva a escolaridade e promove saúde e segurança do trabalhador, fatores diretamente ligados à produtividade. O IEL aproxima a academia do setor produtivo e prepara lideranças. E o SENAI Cimatec, referência nacional em pesquisa aplicada, desenvolvimento tecnológico e formação em áreas de fronteira, conecta a indústria baiana às agendas globais de inovação, da inteligência artificial à supercomputação, da manufatura avançada às tecnologias de energia.

O Observatório da Indústria completa essa estrutura com inteligência econômica, monitorando setores, mercados de trabalho e cadeias produtivas e oferecendo às empresas e ao poder público dados para decisões melhores. Em uma economia que muda depressa, informação qualificada é também um fator de competitividade.

Para organizar essas prioridades, a FIEB, em parceria com a Fecomércio, FAEB e Fetrabase, elaborou a Agenda do Setor Produtivo Baiano 2027–2030, apresentada aos candidatos ao governo como uma contribuição ao planejamento do estado. Ela parte de uma convicção simples: a Bahia tem os ativos necessários para um novo ciclo de crescimento, mas precisa de coordenação entre governo, empresas e instituições para convertê-los em resultado.

Essa agenda propõe, em síntese, seis compromissos: uma estratégia estadual de atração de investimentos adequada ao pós-reforma tributária; o uso da energia renovável como alavanca de industrialização; a execução das obras estruturantes de logística; a qualificação massiva da força de trabalho para as novas tecnologias; o fortalecimento da inovação nas empresas, inclusive nas de menor porte; e um ambiente de negócios com segurança jurídica, licenciamento eficiente e diálogo permanente com o setor produtivo.

A nova economia baiana não virá da substituição da indústria por outras atividades, mas de uma indústria renovada, da transformação à construção: mais limpa, mais digital, mais produtiva e mais distribuída pelo território. É essa indústria que gera os empregos de melhor qualidade, que sustenta a arrecadação necessária às políticas sociais e que difunde tecnologia pelo restante da economia.

A FIEB estará onde sempre esteve: na defesa da competitividade, ao lado de quem produz e à disposição de quem governa para que a Bahia de 2030 seja um estado que não apenas participa da nova economia, mas ajuda a liderá-la. ■


TODA TRANSFORMAÇÃO COMEÇA COM UMA PEQUENA ATITUDE.
E cada atitude pode gerar um efeito borboleta.
Escolher copos, sacolas e embalagens de papel, feitos de matéria-prima renovável, é um primeiro passo.
A Suzano transforma o que vem da natureza em produtos cada vez mais sustentáveis para o seu dia a dia.
Porque cuidar do futuro começa nas escolhas que fazemos hoje.
suzano
nós plantamos o futuro
suzano.com.br



TRANSFORMAR POTENCIAL EM MAIS DESENVOLVIMENTO

João Carlos Oliveira *- Secretário de Desenvolvimento Econômico do Estado da Bahia - SDE*

Quando olhamos para a Bahia que queremos construir até 2030, uma coisa me parece evidente: não nos falta potencial. Temos recursos naturais, uma localização estratégica, uma base industrial importante, capacidade de geração de energia renovável, diversidade mineral e um povo com vontade de fazer acontecer. O desafio é transformar tudo isso em desenvolvimento que permaneça no Estado, fortaleça ainda mais a economia baiana e chegue de fato à vida das pessoas.

Durante muito tempo, a atração de investimentos foi, e continua sendo, uma tarefa fundamental para qualquer política de desenvolvimento. Mas acredito que precisamos dar um passo além. Não basta só trazer novos empreendimentos. Precisamos fazer com que esses investimentos criem cada vez mais conexões com a economia local, estimulem fornecedores, gerem conhecimento, ampliem a capacidade tecnológica e contribuam para formar uma estrutura produtiva mais diversificada. É uma perspectiva que considero necessária para o próximo ciclo da economia baiana.

Em outras palavras, o desafio não é apenas crescer. É crescer agregando valor.

A Bahia chega aos próximos anos em uma posição especialmente interessante. Temos setores tradicionais que continuam importantes, ao mesmo tempo em que surgem novas oportunidades capazes de mudar a estrutura da nossa economia. Energia renovável, mobilidade elétrica, minerais estratégicos, indústria de transformação, economia digital, bioeconomia e manufatura avançada são alguns desses novos caminhos.

> *"Somos líderes nacionais em capacidade instalada de energia eólica e avançamos também na geração solar."*

Um exemplo bastante claro está na energia, e de energia o povo baiano entende. A Bahia já possui uma das matrizes elétricas mais renováveis do país: 99% da energia elétrica gerada no Estado tem origem em fontes renováveis. Somos líderes nacionais em capacidade instalada de energia eólica e avançamos também na geração solar. Ao longo dos últimos anos, esse movimento atraiu dezenas de bilhões de reais em investimentos e criou milhares de empregos.

Agora surge uma questão importante: o que fazer com essa vantagem?

A resposta não pode ser simplesmente continuar produzindo energia e exportando esse potencial. Precisamos usar a disponibilidade de energia limpa como um fator de competitividade para atrair e desenvolver novas atividades econômicas. É aí que a transição energética deixa de ser apenas uma agenda ambiental e passa a ser também uma agenda industrial.

Os gargalos de transmissão mostram, inclusive, que crescimento econômico exige infraestrutura compatível. A expansão da geração precisa caminhar junto com a capacidade de transmissão e distribuição. Os novos projetos de linhas de transmissão previstos para a Bahia até 2030, garantidos pelo governo do presidente Lula, ajudam a criar condições para uma nova etapa de expansão das fontes renováveis.



> *"Existe uma cadeia potencial de fornecedores, componentes, engenharia, tecnologia, logística e serviços especializados que se desenvolve ao redor desse empreendimento."*

Mas há uma oportunidade ainda maior quando pensamos na possibilidade de transformar energia em indústria.

A produção de equipamentos para os setores eólico e solar, sistemas de armazenamento, componentes para veículos elétricos e novas soluções tecnológicas forma cadeias produtivas associadas a essa transição. Camaçari, por exemplo, reúne condições e já desempenha um papel importante nesse processo, aproveitando sua infraestrutura industrial e sua capacidade de receber novos empreendimentos. É justamente essa lógica de conexão que precisamos perseguir.

O mesmo raciocínio vale para a mineração. A Bahia possui uma das maiores diversidades minerais do Brasil e apresenta perspectivas importantes em áreas como níquel, cobre, vanádio, grafite, fosfato e terras raras. A expansão desses segmentos abre uma janela de oportunidade para o interior do Estado, especialmente porque a atividade mineral está presente em mais de 200 municípios.

Uma economia competitiva não pode se contentar em tirar o minério do território. Podemos ampliar, sempre que houver condições técnicas e econômicas, as etapas de beneficiamento e transformação dentro da própria Bahia. Isso significa agregar valor, desenvolver fornecedores, qualificar trabalhadores e criar novas empresas ao redor das atividades de maior porte.

É esse tipo de oportunidade que precisamos aprender a enxergar.

O desafio da industrialização baiana, portanto, não está apenas em ampliar o número de fábricas. Está em aumentar a complexidade daquilo que produzimos. Precisamos de mais inovação, mais tecnologia, mais integração entre empresas e instituições de pesquisa e uma participação maior dos fornecedores baianos nas cadeias que estão sendo formadas.

Essa é uma das razões pelas quais o Governo da Bahia vem trabalhando na construção de uma nova política industrial. O trabalho desenvolvido em parceria com o PNUD e o CIMATEC parte justamente do entendimento de que a próxima etapa precisa combinar diversificação, inovação, sustentabilidade, desenvolvimento territorial, transformação digital, transição energética, desenvolvimento de fornecedores e internacionalização.

Não se trata de abandonar a indústria que já existe. Pelo contrário. A indústria instalada na Bahia é uma base importante para o próximo salto. O que precisamos é criar condições para que ela se conecte às novas oportunidades e, ao mesmo tempo, estimular o surgimento de novas atividades.

A chegada da BYD e a formação de uma nova cadeia relacionada à mobilidade elétrica ajudam a ilustrar esse movimento. O impacto de um investimento desse porte não deve ser medido apenas pela produção de veículos.

Existe uma cadeia potencial de fornecedores, componentes, engenharia, tecnologia, logística e serviços especializados que se desenvolve ao redor desse empreendimento. O papel do Estado, nesse processo, feito com êxito, é articular e construir pontes para essas conexões.

Isso muda a própria maneira de pensar a atração de investimentos. Durante muito tempo, o sucesso de uma política de desenvolvimento podia ser medido pela quantidade de empresas que chegavam, pelo volume de investimentos anunciados ou pelo número de empregos diretamente criados. Esses indicadores continuam importantes. Mas já não são suficientes.

Precisamos perguntar também: quantos fornecedores locais esse investimento consegue mobilizar? Quanto conhecimento permanece na Bahia? Quantos trabalhadores são qualificados? Quantas empresas baianas conseguem crescer a partir daquela cadeia? Que novos serviços surgem? Que tecnologia pode ser incorporada por outras empresas?

Essa é, na minha avaliação, uma das principais mudanças que precisamos consolidar até 2030: passar da simples atração para a qualificação dos investimentos.

Isso também nos ajuda a enfrentar um problema: a concentração econômica em determinadas regiões. Interiorizar o desenvolvimento não significa simplesmente levar uma fábrica para

fora da Região Metropolitana ou dos grandes polos. Significa criar, nos diferentes territórios, condições para que uma atividade econômica que seja viável. Uma empresa precisa encontrar infraestrutura, energia, logística, conectividade e mão de obra qualificada. Mas precisa também de fornecedores, serviços especializados, instituições de ensino e pesquisa e mercados capazes de sustentar seu crescimento.

Por isso, a interiorização precisa estar associada às vocações de cada região. O objetivo é criar ambientes econômicos capazes de gerar oportunidades de maneira mais distribuída, fortalecer empresas locais e reduzir desigualdades territoriais.

Essa preocupação vale também para comércio e serviços. Uma economia moderna não se sustenta apenas na indústria. Pequenos negócios, empresas de serviços, comércio, tecnologia, logística e atividades profissionais fazem parte da mesma engrenagem.

A atualização da política estadual para o comércio e os serviços, que está em curso, parte dessa compreensão, com foco em produtividade, digitalização, capacitação, inovação e integração regional. O desenvolvimento econômico deve olhar para essas atividades não como setores separados, mas como partes de uma mesma estrutura produtiva.

Há, ainda, uma questão que não podemos deixar de considerar: o ambiente econômico que será construído nos próximos anos.

A reforma tributária representa uma mudança estrutural para estados e municípios. A transição será gradual, e os mecanismos atualmente existentes de incentivos fiscais não desaparecerão de uma hora para outra. Ao mesmo tempo, a criação do Fundo Nacional de Desenvolvimento Regional abre uma nova perspectiva para o Nordeste.

A competitividade da Bahia não poderá depender apenas de incentivos. Precisaremos cada vez mais de infraestrutura, energia, logística, qualificação profissional, inovação, segurança jurídica e capacidade de planejamento. Em um ambiente de maior competição entre estados e regiões, as vantagens precisam ser construídas de forma mais ampla.

É por isso que falar em Bahia 2030 é falar, sobretudo, em capacidade de transformar vantagens em capacidades produtivas.

Temos vento e sol. Devemos transformá-los também em indústria e tecnologia.

Temos minerais estratégicos. Devemos ampliar sua capacidade de gerar valor dentro do Estado.

Temos uma base industrial relevante. Devemos conectá-la a novas tecnologias e novos mercados.

Temos grandes investimentos chegando. Devemos fazer com que eles movimentem empresas, fornecedores, trabalhadores e conhecimento baianos.

Temos potencial em diferentes regiões. Precisamos criar condições para que esse potencial se converta em atividade econômica e oportunidades no interior.

É uma agenda que exige continuidade. Grandes transformações econômicas não acontecem de um ano para o outro, nem dependem de uma única política pública. Elas são resultado de decisões acumuladas, investimentos persistentes e capacidade de aproveitar as oportunidades quando elas aparecem.

Na Secretaria de Desenvolvimento Econômico, nosso papel é contribuir para que esse ambiente seja construído. Isso envolve atrair investimentos, mas também acompanhar os empreendimentos, aproximá-los da base produtiva local, estimular fornecedores, articular políticas públicas e ajudar a criar as condições necessárias para que novas cadeias econômicas se desenvolvam.

A discussão sobre a Bahia de 2030 não deveria ser apenas sobre quanto vamos crescer. Precisamos discutir que tipo de economia queremos ter.

Uma economia mais diversificada. Mais inovadora. Mais sustentável. Mais integrada entre suas regiões. Com empresas baianas mais fortes e inseridas em cadeias de maior valor. Com trabalhadores preparados para as novas atividades. E capaz de transformar recursos e investimentos em oportunidades concretas.

A Bahia está preparada para dar esse passo. ■



Thuane Martins/GOVBA

> *"É por isso que falar em Bahia 2030 é falar, sobretudo, em capacidade de transformar vantagens em capacidades produtivas."*

A Bahia é a maior produtora petroquímica do Brasil.

E essa força movimenta muito mais que a indústria.

Na Bahia, só a operação da Braskem gera cerca de 5 mil empregos e produz matérias-primas essenciais para as áreas da saúde, alimentação, infraestrutura e bens de consumo.

Por isso, a Braskem segue em movimento: para que indústria e a Bahia continuem avançando juntas, melhorando a vida das pessoas com soluções sustentáveis da química e do plástico.

Saiba mais sobre nossa atuação

Braskem





BAHIA 2030: A TRANSFORMAÇÃO QUE COMEÇA NO CAMPO

Humberto Miranda *- Presidente do Sistema Faeb / Senar*

Construir uma Bahia mais competitiva, inovadora e preparada para as oportunidades até 2030 exige transformar potencialidades em condições concretas de produção, geração de renda, emprego e qualidade de vida.

O estado reúne características que poucos conseguem combinar: localização estratégica, três biomas, recursos naturais, agropecuária diversificada, vocação para produzir alimentos, fibras e energia e uma matriz energética cada vez mais renovável. Somos capazes de produzir para o Brasil e para o mundo.

Mas potencial não é sinônimo de competitividade. Para avançar, precisamos enfrentar gargalos históricos e acelerar uma agenda de futuro baseada em infraestrutura, segurança jurídica, educação, assistência técnica, inovação, interiorização do desenvolvimento e acesso aos mercados.

Infraestrutura e logística

Não existe economia competitiva sem infraestrutura adequada. A produção baiana avançou, mas estradas, ferrovias, portos, armazenagem, energia e conectividade não acompanharam esse crescimento na mesma velocidade.

Na agropecuária, a deficiência logística impacta diretamente o custo de produção e o acesso aos mercados. Produzir bem não basta: é preciso transportar, armazenar e comercializar com eficiência.

A Bahia tem posição geográfica privilegiada e é cortada por importantes corredores rodoviários, como as BRs 101, 116, 324 e 242. Essa vantagem precisa ser convertida em infraestrutura capaz de sustentar o desenvolvimento.

A malha rodoviária permanece como principal eixo de escoamento da produção e circulação de mercadorias. Segundo pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT), em 2025, apenas 5,4% das rodovias avaliadas na Bahia foram classificadas como ótimas e 17% como boas.

> *"Produzir bem não basta: é preciso transportar, armazenar e comercializar com eficiência."*



> *"Até 2030, o desafio é transformar energia limpa em vantagem competitiva para a agropecuária, a agroindústria e outros setores."*

Cerca de 18% estavam em condições ruins e 3% em situação péssima. As condições inadequadas provocam aumento médio de 28,7% no custo operacional do transporte rodoviário no estado.

Também merecem atenção as estradas vicinais, fundamentais para ligar propriedades rurais aos corredores logísticos e, em muitos municípios, comunidades rurais aos centros urbanos. Em períodos chuvosos, muitas se tornam intransitáveis, comprometendo o escoamento da produção, ampliando perdas e dificultando o acesso a serviços essenciais, como saúde e educação. A infraestrutura rural deve ser tratada como agenda estratégica de desenvolvimento econômico e integração territorial.

Também precisamos avançar na integração ferroviária e ampliar o potencial portuário baiano. Parte relevante da produção agropecuária percorre longas distâncias para ser embarcada em portos de outros estados, como Santos, em São Paulo, e Itaqui, no Maranhão.

Existe produção e existe mercado. O desafio é reduzir a distância entre os dois. O fortalecimento dos portos, associado à expansão ferroviária e à melhoria das rodovias, pode gerar uma mudança estrutural na competitividade baiana.

Outro gargalo é a armazenagem. Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a safra baiana 2024/2025 de fibras, grãos e café alcançou aproximadamente 15 milhões de toneladas, enquanto a capacidade estática cadastrada chegou a apenas 7,9 milhões de toneladas. Ou seja, o estado consegue armazenar cerca de 52,6% da produção, percentual insuficiente para garantir maior eficiência logística e segurança operacional ao setor.

Energia: outro ativo estratégico

A transformação energética abre novas oportunidades para a Bahia. Segundo o Balanço Energético Nacional 2026, a geração conjunta de energia eólica e solar passou de 33,6 TWh, em 2016, para 204,6 TWh, em 2025, crescimento acumulado de 509,5%. A geração eólica avançou de 33,5 TWh para 116,5 TWh, enquanto a solar passou de 0,1 TWh para 88,1 TWh. As fontes renováveis responderam por 86,6% de toda a eletricidade gerada no país em 2025.

A Bahia ocupa posição estratégica nesse processo. Em agosto de 2026, o estado contava com 11,8 GW de potência eólica outorgada em operação, 3,04 GW de potência solar centralizada e 2,9 GW de geração solar distribuída.

Esse patrimônio amplia as possibilidades de desenvolvimento no interior, mas precisa ser acompanhado pela expansão das redes de transmissão e distribuição e pela melhoria da qualidade do fornecimento.

Até 2030, o desafio é transformar energia limpa em vantagem competitiva para a agropecuária, a agroindústria e outros setores, apoiando atividades como irrigação, refrigeração, armazenamento e processamento de alimentos, além da geração de energia nas propriedades rurais.

Não basta produzir energia limpa. É necessário garantir distribuição eficiente, qualidade e disponibilidade, inclusive no meio rural, criando condições para novos investimentos e incorporação de tecnologias.

Segurança jurídica

Outro pressuposto indispensável é a segurança jurídica. Não existe investimento de longo prazo onde há inse-

gurança sobre o direito de propriedade, nem desenvolvimento consistente quando conflitos fundiários permanecem sem solução.

Defender segurança jurídica não significa ignorar direitos. Significa assegurar que todos sejam respeitados dentro da lei: povos originários, comunidades tradicionais e quilombolas, assim como proprietários que adquiriram legalmente suas terras e cumprem sua função social e ambiental.

A Bahia ainda convive com conflitos fundiários e questões relacionadas à regularização e à definição de limites territoriais. A solução não pode ser a perpetuação da incerteza.

Precisamos de um ambiente institucional no qual o produtor possa investir, planejar, contratar, tomar crédito, adotar tecnologia e transmitir seu patrimônio às próximas gerações com tranquilidade.

Conhecimento é infraestrutura para a competitividade

A agropecuária brasileira demonstra como ciência e tecnologia podem transformar uma atividade econômica. Segundo dados da Embrapa, entre 1975 e 2015, a tecnologia respondeu por 59% do crescimento do valor bruto da produção agrícola brasileira. No período, a produtividade da mão de obra cresceu 5,4 vezes; a da terra, 4,4 vezes; e a do capital, 3,3 vezes.

O próximo desafio é ampliar o alcance dessa transformação. O Censo Agropecuário registrou mais de 762 mil estabelecimentos agropecuários na Bahia, em sua maioria pequenos, fundamentais para a produção de alimentos, geração de renda e sustentação das economias locais.

Para esse produtor, inovação não significa apenas grandes máquinas, inteligência artificial ou agricultura de precisão. Pode significar orientação técnica, irrigação bem dimensionada, nova variedade, manejo adequado do solo, gestão financeira, informação de mercado, mecanização apropriada ou tecnologia compatível com a realidade da propriedade.

Por isso, precisamos fortalecer uma assistência técnica e extensão rural contínuas. A tecnologia só transforma a realidade quando chega à ponta, e a assistência técnica é a ponte entre o conhecimento produzido pelas instituições de pesquisa e as decisões tomadas diariamente no campo.

Também precisamos fortalecer uma política de educação para o campo. O jovem que vive em um povoado, distrito ou pequena cidade precisa encontrar possibilidades de futuro onde nasceu, com educação de qualidade, formação profissional, tecnologia, conectividade e oportunidades de trabalho e empreendedorismo.

O campo de 2030 será cada vez mais tecnológico, profissionalizado e conectado. As novas gerações precisarão estar preparadas para trabalhar com dados, máquinas inteligentes, biotecnologia, gestão, sustentabilidade, comercialização e novas formas de produção. Ao mesmo tempo, é preciso valorizar a história e a identidade das famílias que vivem no campo há gerações. Desenvolvimento também significa criar condições para que possam permanecer em seus territórios com dignidade e oportunidade.

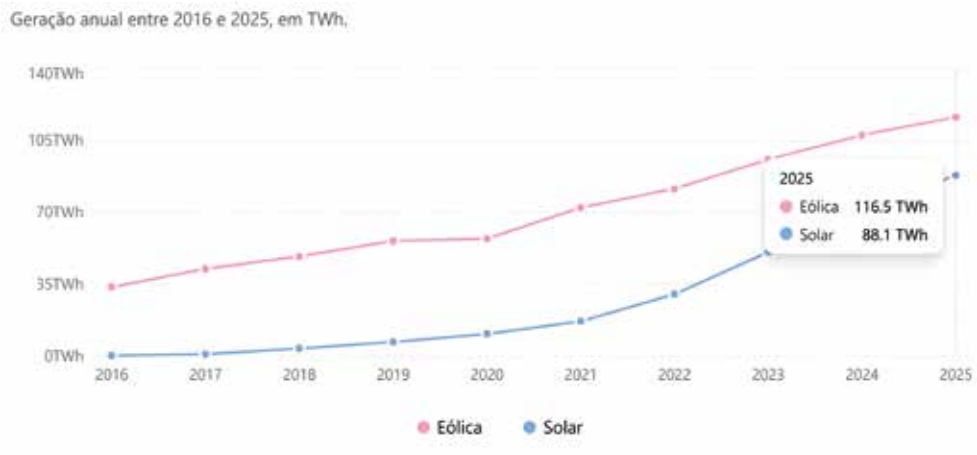
Uma economia com vários centros de desenvolvimento

Essa visão nos leva à interiorização do desenvolvimento. A Bahia não pode concentrar oportunidades em poucos centros urbanos. Precisamos descentralizar investimentos, levando infraestrutura, saúde, educação, conectividade, logística e serviços às diferentes regiões.

Feira de Santana, por exemplo, tem potencial para se consolidar ainda mais como grande centro logístico, de saúde, educação e serviços. No Oeste, temos uma das principais fronteiras agrícolas do país, com forte produção de grãos e fibras e grande capacidade de agregação de valor. Outras regiões possuem vocações relevantes na fruticultura, cafeicultura, pecuária, cacauicultura, produção de leite, horticultura e silvicultura.

A estratégia não deve ser escolher uma região em detrimento de outra, mas reconhecer a vocação de cada território e criar condições para seu desenvolvimento. Uma Bahia competitiva precisa de vários polos econômicos articulados.

Gráfico 01: Evolução da geração eólica e solar no Brasil



Fonte: EPE, Balanço Energético Nacional 2026, ano-base 2025.

A inovação também precisa ser territorial. Os municípios podem contribuir para criar ambientes de desenvolvimento tecnológico, capacitação e conexão entre produtores, empresas, instituições de ensino, pesquisa e assistência técnica.

Precisamos estimular núcleos de inovação e transferência de tecnologia próximos de quem produz. Para pequenos e médios produtores, isso é fundamental para elevar a produtividade, reduzir custos e ampliar a capacidade de competir. Inovação não pode ser privilégio. Precisa ser política de desenvolvimento.

O papel do Sistema Faeb / Senar

É nesse ambiente que se insere o papel do Sistema Faeb / Senar. Nossa missão é representar, defender e organizar o produtor rural, ao mesmo tempo em que contribuímos para a formação profissional, a assistência técnica, a promoção social e a melhoria da qualidade de vida de quem vive no campo.

A organização amplia a capacidade de acesso à tecnologia, conhecimento, mercados, crédito e informação. Por isso, o Sistema Faeb atua por meio de uma rede que chega aos municípios pelos Sindicatos dos Produtores Rurais.

O Senar Bahia transforma conhecimento em oportunidade, com ações gratuitas de formação profissional rural, promoção social e assistência técnica e gerencial voltadas a produtores, trabalhadores rurais, jovens, mulheres e suas famílias. A instituição mantém oito Centros de Capacitação Regional, instalados em Gandu, Itamaraju, Luís Eduardo Magalhães, Senhor do Bonfim, Irecê, Miguel Calmon, Itapetinga e Inhambupe, além de dois Centros Nacionais, sendo o Excelência em Fruticultura, no município de Juazeiro; e o de Excelência em Zootecnia, em Feira de Santana.



"O jovem que vive em um povoado, distrito ou pequena cidade precisa encontrar possibilidades de futuro onde nasceu, com educação de qualidade."

Em 2026, o Senar Bahia iniciou o ano letivo dos cursos técnicos com mais de 1.300 alunos matriculados, em Salvador e dez polos regionais, demonstrando a crescente demanda por qualificação alinhada às necessidades do agronegócio baiano.

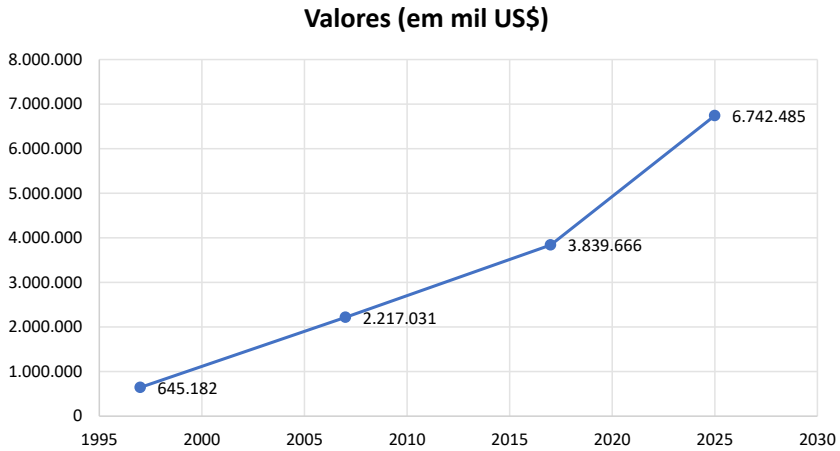
Também temos uma experiência importante na educação das novas gerações. O Programa Despertar, que completou 20 anos, já alcançou quase um milhão de estudantes em mais de 130 municípios baianos.

Nosso desafio até 2030 é ampliar essa capacidade, fortalecer a assistência técnica e aproximar cada vez mais o produtor das tecnologias capazes de transformar produtividade em renda e desenvolvimento.

A agropecuária baiana no contexto internacional

Entre 1997 e 2025, as exportações do agronegócio baiano passaram de US$ 645,2 milhões para US$ 6,74 bilhões, crescimento de 945% em dólares correntes, multiplicando por mais de dez o valor inicial. As ven-

Gráfico 02: Exportações do agronegócio baiano



Fonte: Agrostat Brasil/Mapa. Elaboração própria

das chegaram a US$ 2,22 bilhões em 2007 e US$ 3,84 bilhões em 2017. Entre 2017 e 2025, cresceram 75,6%, com taxa média anual de 7,3%, acima dos 5,6% registrados na década anterior.

Essa evolução reforça a necessidade de investimentos em logística, armazenagem, infraestrutura portuária, inovação e processamento agroindustrial para ampliar o acesso aos mercados e transformar exportações em renda e oportunidades nos territórios baianos.

A composição da pauta também mudou. Em 1997, os produtos florestais lideravam as vendas externas, com 39,3%, enquanto o complexo soja representava 13%. Em 2025, a soja passou a responder por 41,3%, com US$ 2,78 bilhões, seguida pelos produtos florestais, com 20,1%, e fibras e produtos têxteis, com 15,1%. Este último segmento superou US$ 1 bilhão e cresceu 165% em valor entre 2017 e 2025.

Café e frutas também ampliaram suas vendas externas. Como os três principais segmentos concentram 76,5% da receita exportada, diversificar cadeias e destinos é estratégico para ampliar oportunidades e reduzir a exposição às oscilações de mercados específicos.

Esse desempenho ganha relevância diante do desafio mundial da segurança alimentar. Segundo o relatório "O Estado da Segurança Alimentar e da Nutrição no Mundo 2026", elaborado por cinco organismos das Nações Unidas, cerca de 645 milhões de pessoas enfrentaram a fome em 2025, enquanto 2,69 bilhões não tinham condições econômicas de adquirir uma alimentação saudável. As projeções indicam que entre 510 milhões e 520 milhões poderão continuar enfrentando a fome em 2030.

Para a Bahia, esse cenário reforça a importância de produzir, conservar, processar e distribuir alimentos com maior eficiência. Pesquisa, irrigação, infraestrutura, logística refrigerada e redução de perdas são componentes dessa agenda.

Tabela 01: Evolução das exportações do agro baiano por segmento

Segmento	Participação em 1997	Participação em 2025	Crescimento do valor entre 2017 e 2025
Complexo soja	13,0%	41,3%	89,6%
Produtos florestais	39,3%	20,1%	6,6%
Fibras e produtos têxteis	8,5%	15,1%	165,0%
Cacau e seus produtos	19,0%	8,1%	110,7%
Café	4,0%	5,9%	720,5%
Frutas, incluindo nozes e castanhas	2,0%	3,4%	51,2%

Fonte: Agrostat/Mapa; Elaboração própria

O Brasil e a demanda mundial por alimentos

Em 2025, as exportações do agronegócio brasileiro alcançaram o recorde de US$ 169,2 bilhões, aproximadamente 49% de todas as vendas externas do país. Os produtos brasileiros chegaram a mais de 200 parceiros comerciais, com a China respondendo por 33% do valor exportado, seguida pela União Europeia, com 15%, e pelos Estados Unidos, com 7%.

A demanda mundial tende a crescer. A população do planeta deverá passar de 8,2 bilhões de pessoas, em 2024, para aproximadamente 8,5 bilhões em 2030, um acréscimo de cerca de 300 milhões de habitantes. Urbanização, mudanças nos padrões de consumo e aumento da renda devem ampliar a demanda por alimentos. O desafio, porém, não é apenas produzir mais. É produzir com eficiência, rastreabilidade e sustentabilidade, reduzindo perdas, fortalecendo a logística e agregando valor.

O Brasil se destaca internacionalmente: responde por 76% da produção e das exportações mundiais de suco de laranja, 61% das exportações de soja, 54% de açúcar, 35% de carne de frango, 33% de algodão e 31% de carne bovina.

Esse protagonismo amplia as oportunidades para a Bahia, especialmente nas cadeias de soja, algodão, café, frutas e carnes, mas exige investimentos contínuos em produtividade, sustentabilidade, infraestrutura e agregação de valor.

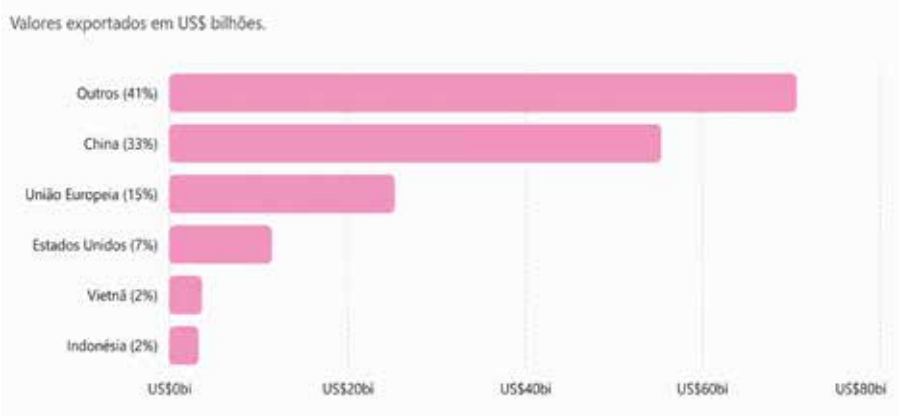
A agropecuária como vetor de uma nova economia

WA agropecuária baiana já é protagonista da economia estadual. Em 2025, o agronegócio movimentou R$ 118,4 bilhões e respondeu por 22,1% da economia baiana, segundo a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). As exportações alcançaram US$ 6,74 bilhões, o maior valor da série histórica.

A Bahia também alcançou, em 2025, uma safra recorde de 12,8 milhões de toneladas de grãos, com destaque para soja, milho e algodão. Esses números representam muito mais que indicadores econômicos. Representam propriedades, trabalhadores, empresas, famílias, municípios e cadeias produtivas. Representam oportunidade.

A Bahia pode produzir mais e melhor, agregar valor, ampliar sua participação nos mercados nacional e internacional e transformar sua diversidade produtiva em vantagem competitiva. Para isso, precisamos deixar de enxergar a agropecuária apenas como um setor da economia e tratá-la como parte de uma estratégia de desenvolvimento do Estado.

Gráfico 03: Exportações do agronegócio brasileiro por destino — 2025.





"Os produtos brasileiros chegaram a mais de 200 parceiros comerciais, com a China respondendo por 33% do valor exportado."

Isso significa conectar campo e indústria, produção e logística, energia e inovação, educação e trabalho, municípios e mercados.

Essa é a Bahia que precisamos construir até 2030: capaz de produzir alimentos, fibras e energia, mas também conhecimento, tecnologia, renda e oportunidades. Uma Bahia que não apenas exporte commodities, mas avance na agregação de valor e na industrialização de suas cadeias produtivas.

O verdadeiro desenvolvimento acontece quando a riqueza chega aos territórios, quando o jovem encontra oportunidade onde nasceu, quando a família consegue permanecer no campo com dignidade, quando pequenas cidades geram emprego e renda e quando a produção rural se transforma em prosperidade para toda a sociedade.

A agropecuária tem papel decisivo nessa transformação porque está presente em praticamente todos os territórios e possui capacidade de gerar atividade econômica onde outros setores ainda não chegaram.

Se queremos uma Bahia mais competitiva em 2030, precisamos olhar para o campo não apenas como origem da produção, mas como origem de uma nova dinâmica de desenvolvimento. A interiorização da economia, a valorização dos municípios e a permanência das famílias no campo são caminhos para reduzir desigualdades, ampliar oportunidades e aliviar a pressão sobre os grandes centros urbanos.

No fim, é disso que estamos falando quando discutimos a Bahia de 2030: uma economia mais forte e uma sociedade mais equilibrada. Se a Bahia quer ser mais competitiva, inovadora e preparada para o futuro, essa construção precisa começar onde a riqueza é produzida, onde as famílias vivem e onde está uma das maiores forças econômicas e sociais do nosso estado. Essa construção precisa começar no campo. ■



Divulgação BYD

A BAHIA DE 2030 JÁ COMEÇOU

Alexandre Baldy *- Vice-Presidente Sênior da BYD Brasil*

Há transformações que os números ajudam a dimensionar, mas são as histórias das pessoas que mostram seu verdadeiro impacto. Em Camaçari, uma delas é a de George Reis Ferreira. Depois de mais de 16 anos trabalhando na antiga fábrica de automóveis da cidade, ele viu aquele ciclo industrial chegar ao fim e precisou reconstruir sua trajetória profissional em outras áreas. Com a chegada da BYD, encontrou a oportunidade de voltar à indústria, desta vez como líder de produção. Pouco tempo depois, embarcou pela primeira vez em um avião, com destino à China, para conhecer os processos que seriam implantados na Bahia. Hoje, divide com o filho, George Emanuel, algo que, até pouco tempo atrás, parecia improvável: os dois trabalham na mesma fábrica, construindo juntos uma nova história para a indústria automotiva brasileira.

A trajetória dessa família ajuda a explicar o que está acontecendo em Camaçari. A tradição industrial da cidade ganha agora um novo capítulo, com a chegada de tecnologias, investimentos e oportunidades que ajudam a redesenhar o futuro da região. Uma transformação que já movimenta a economia, gera milhares de empregos e abre caminho para colocar a Bahia entre os protagonistas da nova indústria brasileira até 2030.

Quando anunciamos, em julho de 2023, a instalação do complexo industrial da BYD em Camaçari, já tínhamos uma visão clara do que queríamos construir na Bahia: uma operação de grande escala, capaz de desenvolver tecnologia, formar profissionais e fortalecer uma cadeia produtiva nacional preparada para os desafios da mobilidade do futuro. Queríamos estabelecer no Brasil uma operação capaz de produzir em escala, desenvolver tecnologia, formar profissionais e fortalecer uma cadeia produtiva nacional preparada para os desafios da mobilidade do futuro.

Pouco mais de dois anos depois, aquele projeto começou a se transformar em realidade. A linha de montagem final foi inaugurada em outubro de 2025 e, apenas um ano depois, em outubro de 2026, alcançamos a marca de 130 mil veículos produzidos. Instalado em uma área de 4,6 milhões de metros quadrados, o complexo já nasce com capacidade inicial de 150 mil veículos por ano e um plano de expansão que poderá elevar esse volume a 600 mil unidades anuais quando todas as etapas estiverem concluídas.

Os números mostram a dimensão do projeto, mas é o impacto na economia, na cadeia produtiva e na vida das pessoas que revela sua importância para a Bahia. Queremos transformar Camaçari em um dos maiores polos de mobilidade

> *"Em outubro de 2026, o complexo alcançou 9 mil colaboradores diretos, com a perspectiva de chegar a 10 mil até o fim do ano."*



Divulgação BYD

> *"Um complexo industrial da dimensão de Camaçari tem potencial para movimentar toda uma cadeia econômica."*

sustentável da América Latina, reunindo produção industrial, engenharia, inovação, qualificação profissional e uma cadeia de fornecedores cada vez mais integrada à economia brasileira.

E essa transformação já pode ser vista dentro e fora da fábrica. Em outubro de 2026, o complexo alcançou 9 mil colaboradores diretos, com a perspectiva de chegar a 10 mil até o fim do ano. Mais de 90% dos profissionais incorporados à operação são baianos e mais da metade mora em Camaçari. Isso significa que o crescimento da BYD está diretamente conectado à geração de oportunidades para quem vive na região. São milhares de famílias que encontram na indústria uma perspectiva de estabilidade, desenvolvimento profissional e construção de novos projetos de vida.

A expansão da fábrica também abre espaço para profissionais cada vez mais qualificados. Enquanto ampliamos a produção e nos preparamos para implementar o terceiro turno, avançamos na instalação de novas etapas industriais, como soldagem, estamparia e pintura. Com isso, a operação brasileira ganha complexidade e passa a exigir uma mão de obra cada vez mais especializada.

A indústria automotiva atravessa uma das maiores transformações de sua história, e a eletrificação está no centro dessa mudança. Baterias, motores elétricos, sistemas eletrônicos, automação, software, análise de dados e segurança de alta tensão já fazem parte da rotina das fábricas e exigem novas habilidades. Essa evolução também transforma as possibilidades de carreira, criando espaço para novas funções e para o desenvolvimento de quem já atua no setor.

Por isso, desde o início, tratamos a formação profissional e a transferência de conhecimento como prioridades. Trazer tecnologia para o Brasil é importante, mas garantir que os profissionais brasileiros saibam dominá-la, aprimorá-la e desenvolver novas soluções a partir dela é o que permitirá construir uma indústria verdadeiramente competitiva no longo prazo.

A experiência de George mostra como esse processo acontece na prática. Na China, ele teve a oportunidade de conhecer de perto os processos industriais da BYD e aprender com profissionais que já dominam essas tecnologias. Voltou à Bahia com novos conhecimentos e a responsabilidade de compartilhá-los com seus colegas, contribuindo para a formação de outras pessoas e para o desenvolvimento da operação brasileira.

Esse processo ganha ainda mais relevância quando olhamos para o que acontece além dos portões da fábrica. Um complexo industrial da dimensão de Camaçari tem potencial para movimentar toda uma cadeia econômica, criando oportunidades para fornecedores, empresas de serviços, operadores logísticos, instituições de ensino e negócios de diferentes portes.

A BYD estabeleceu a meta de superar 50% de nacionalização de partes e peças até 2027, um compromisso que exige desenvolver parcerias de longo prazo e aproximar cada vez mais a produção dos fornecedores brasileiros. A nacionalização tem um papel fundamental para aumentar a competitividade, reduzir distâncias logísticas, dar agilidade à operação e fortalecer a capacidade de resposta da indústria instalada no país.

O fortalecimento da cadeia de fornecedores também movimenta outros setores da economia. À medida que novas empresas passam a integrar essa rede, surgem oportunidades de negócios, investimentos em capacidade produtiva e novos postos de trabalho, criando um ambiente favorável à circulação de conhecimento e ao desenvolvimento de toda a região.

Na Bahia, esse movimento pode envolver desde grandes fabricantes de componentes automotivos até pequenas e médias empresas que atuam em manutenção industrial, transporte, armazenagem, tecnologia e serviços especializados. Nem todas precisam fornecer diretamente para a BYD. Muitas podem crescer atendendo a outras empresas que integram essa cadeia, ampliando o alcance econômico do investimento inicial.

É justamente essa a diferença entre instalar uma fábrica e desenvolver um polo industrial. Uma fábrica pode produzir milhares de veículos e gerar empregos, mas só um ecossistema industrial sólido tem a capacidade de transformar a economia de uma região inteira.

E a Bahia reúne condições para desempenhar esse papel. Camaçari carrega décadas de tradição industrial, conta com infraestrutura consolidada e instituições de formação profissional. Agora, essa experiência encontra uma nova fronteira de desenvolvimento, marcada pela convergência entre mobilidade, energia, tecnologia e inovação.

A eletrificação está aproximando setores que, durante muito tempo, avançaram por caminhos distintos. A indústria automotiva passa a dialogar cada vez mais com a geração e o armazenamento de energia, a conectividade, o desenvolvimento de software e os sistemas inteligentes de gestão. Essa integração cria novas possibilidades de negócios e amplia o papel que um polo industrial pode exercer no desenvolvimento econômico.


Iracema Chequer


Iracema Chequer

"O Brasil possui características próprias, entre elas uma matriz energética diferenciada e uma experiência onsolidada com biocombustíveis."

Basta observar o que acontece com a expansão da mobilidade eletrificada. Quanto mais veículos elétricos e híbridos chegam às ruas, maior é a necessidade de infraestrutura de recarga, instalação e manutenção de equipamentos, soluções de conectividade e serviços especializados. Na logística, surgem novas demandas de planejamento de rotas, gestão de frotas e eficiência energética. No setor elétrico, crescem as oportunidades relacionadas ao armazenamento de energia e à integração de diferentes tecnologias.

A eletrificação está mudando a forma como produzimos, consumimos e utilizamos energia, criando oportunidades para diferentes setores da economia. O Brasil tem condições de assumir um papel importante nesse cenário, desenvolvendo tecnologias e produzindo soluções capazes de atender tanto ao mercado nacional quanto a outros países.

Um exemplo desse potencial é o desenvolvimento do sistema híbrido plug-in flex fuel, que estreou no país com os modelos BYD Atto 2 e BYD Song



Pro Flex. O projeto mobilizou mais de 100 engenheiros brasileiros e chineses ao longo de aproximadamente dois anos e reuniu duas competências importantes: a experiência global da BYD em eletrificação e o conhecimento brasileiro, construído ao longo de décadas, sobre o uso do etanol e a tecnologia flex.

Essa combinação traduz a nossa visão para o futuro da indústria brasileira. Ao reunir a experiência global da BYD com o conhecimento desenvolvido no Brasil ao longo de décadas, conseguimos criar tecnologias que atendem às particularidades do nosso mercado e valorizam as competências que o país já possui.

O desenvolvimento dessa tecnologia reforça o potencial da Bahia para se tornar um importante centro de inovação automotiva. Com uma operação que reúne produção industrial, engenharia e desenvolvimento tecnológico, Camaçari ganha condições de atrair novos investimentos, qualificar profissionais e fortalecer sua competitividade nos próximos anos. E isso faz diferença. Uma indústria que produz tecnologia, desenvolve profissionais e gera conhecimento cria condições para crescer de maneira mais consistente e fortalecer sua competitividade ao longo do tempo.

Essa visão também está diretamente relacionada à sustentabilidade. A transição energética não acontecerá de maneira uniforme em todos os países, e seria um erro imaginar que existe uma única solução capaz de atender às diferentes realidades do mercado. O Brasil possui características próprias, entre elas uma matriz energética diferenciada e uma experiência consolidada com biocombustíveis.

Ao combinar eletrificação e etanol, conseguimos ampliar as alternativas disponíveis aos consumidores e aproveitar vantagens competitivas que o país já possui. É uma forma de acelerar a transição para uma mobilidade de menor emissão sem deixar de considerar as particularidades do mercado brasileiro.

Para a BYD, sustentabilidade e competitividade industrial não são objetivos separados. Ao contrário, acreditamos que a capacidade de desenvolver tecnologias mais eficientes, ampliar a produção local e fortalecer a cadeia de fornecedores será decisiva para que o Brasil conquiste espaço na nova economia global.

É nesse contexto que a Bahia assume uma importância estratégica. Nossa visão para 2030 é consolidar Camaçari como uma plataforma de produção capaz de atender ao mercado brasileiro e avançar também sobre outros mercados da América Latina. Queremos que Camaçari se consolide como uma referência latino-americana na produção de veículos eletrificados e no desenvolvimento de tecnologias que vão impulsionar o futuro da mobilidade, fortalecendo também o protagonismo da indústria brasileira nesse mercado.

Cada automóvel produzido em Camaçari carrega o trabalho de profissionais baianos, o conhecimento da



> *"George e Emanuel são parte dessa história. E representam milhares de brasileiros que, mais do que acompanhar a transformação da indústria, estão ajudando a construí-la."*

engenharia brasileira e componentes desenvolvidos no país. É o resultado de uma indústria que cresce, incorpora novas tecnologias e fortalece a participação do Brasil na cadeia global da mobilidade.

O impacto dessa transformação poderá ser sentido muito além dos indicadores econômicos. A consolidação de um polo industrial dessa dimensão cria condições para atrair investimentos, estimular a instalação de novos fornecedores, aproximar empresas e instituições de ensino e ampliar as oportunidades para os jovens que estão escolhendo seus caminhos profissionais.

Afinal, o desenvolvimento de uma região não pode ser medido apenas pelo tamanho de uma fábrica, pelo volume de investimentos ou pela quantidade de veículos produzidos. Esses indicadores são importantes, mas o verdadeiro legado de um projeto industrial aparece quando o crescimento econômico se traduz em oportunidades concretas para as pessoas.

É por isso que a história de George e Emanuel tem tanto significado. O pai, que viu uma etapa importante de sua vida profissional chegar ao fim, encontrou a oportunidade de recomeçar. O filho, por sua vez, passou a construir a própria trajetória dentro de uma indústria que está ajudando a definir o futuro da mobilidade. Duas gerações, uma mesma fábrica e perspectivas que, há poucos anos, pareciam distantes.

Histórias como essa mostram que, por trás de cada vaga de emprego, existe uma família, um projeto pessoal e a possibilidade de transformar o próprio futuro. E, quando essas histórias se multiplicam por milhares, o resultado ultrapassa os limites de uma empresa e passa a fazer parte da transformação econômica e social de uma região.

Há poucos anos, Camaçari enfrentava a incerteza provocada pelo encerramento de um importante ciclo industrial e pela perda de milhares de postos de trabalho. Hoje, o cenário é diferente. A cidade volta a discutir expansão da produção, contratação de profissionais, formação de mão de obra especializada, atração de fornecedores, desenvolvimento de tecnologias e oportunidades de exportação.

Essa mudança não aconteceu por acaso. É resultado de investimento, planejamento de longo prazo e, sobretudo, da confiança na capacidade da Bahia e do Brasil de participar de uma nova etapa do desenvolvimento industrial.

Até 2030, queremos avançar ainda mais. Nosso compromisso é ampliar a produção, aprofundar a nacionalização, desenvolver fornecedores, formar profissionais e consolidar Camaçari como um dos principais polos de mobilidade sustentável da América Latina. Queremos que cada nova etapa da operação fortaleça a competitividade da indústria brasileira e multiplique as oportunidades para a região.

O desafio é grande, mas as bases já estão sendo construídas. E talvez essa seja a principal mensagem que queremos deixar: o futuro da indústria brasileira não depende apenas das tecnologias que seremos capazes de produzir, mas também da nossa capacidade de transformar conhecimento em desenvolvimento, investimento em oportunidades e crescimento econômico em benefícios duradouros para a sociedade.

A Bahia de 2030 não é uma promessa distante. Ela já pode ser vista nas linhas de produção de Camaçari, nos profissionais que aprendem novas tecnologias, nas empresas que se preparam para integrar essa cadeia produtiva e, principalmente, nas famílias que voltaram a fazer planos para o futuro.

George e Emanuel são parte dessa história. E representam milhares de brasileiros que, mais do que acompanhar a transformação da indústria, estão ajudando a construí-la.

A Bahia de 2030 já começou. E está sendo construída, todos os dias, por mãos e mentes brasileiras. ■

Toda energia tem uma fonte. A nossa é a Bahia.

A Arena Fonte Nova agora passa a se chamar **Arena Acelen Fonte Nova.**

ARENA acelen FONTE NOVA

A energia da Bahia vai muito além das suas fronteiras, ela move o Brasil e alcança o mundo. Na Bahia, a Acelen começou a sua história. Agora, essa trajetória encontra um dos seus maiores símbolos. A Arena Fonte Nova passa a se chamar **Arena Acelen Fonte Nova**. A gente se orgulha de fazer parte da história dessa arena, palco do esporte, da música e da cultura popular da Bahia e fonte de inspiração, paixão e orgulho para todos os baianos.









ROTAS QUE MOVIMENTAM O FUTURO

Saulo Pontes *- Secretário de Infraestrutura do Estado da Bahia – SEINFRA*

A Bahia que se projeta para 2030 será mais conectada. Não apenas pela ampliação da malha rodoviária ou pelo crescimento da geração de energia, mas pela capacidade de transformar infraestrutura em instrumento de desenvolvimento econômico. Em um território com dimensões comparáveis às da França e marcado por diferentes produções agrícolas, conectar regiões significa aproximar produtores de mercados, reduzir obstáculos à circulação de mercadorias, criar condições para novos investimentos e ampliar as oportunidades de desenvolvimento. E essa transformação já está em curso.

Entre 2023 e outubro de 2026, as ações realizadas pelo Estado na área de infraestrutura rodoviária somam mais de 9 mil quilômetros e investimentos de R$ 9 bilhões, considerando obras concluídas, em andamento, em licitação e a iniciar, incluindo o programa Bahia em Movimento.

Os números ajudam a dimensionar o esforço de qualificação da infraestrutura rodoviária baiana, mas é na economia real que os efeitos dessas intervenções podem ser percebidos. Afinal, uma rodovia não é apenas uma faixa de asfalto ligando dois pontos. Ela é um caminho por onde circulam produção, trabalhadores, insumos, serviços e oportunidades.

A diversidade econômica da Bahia exige uma infraestrutura igualmente diversificada. No Oeste, onde a produção de soja, milho, feijão e algodão possui forte protagonismo, o Anel da Soja se consolidou como um dos principais corredores de escoamento agrícola da região.

No Vale do São Francisco e na região de Irecê, a BA-052 exerce uma função estratégica. A rodovia atende ao transporte da produção agropecuária entre Barra e Xique-Xique e também concentra forte movimentação comercial entre Feira de Santana, Irecê e Xique-Xique. É por esse corredor que circulam produtos como feijão, cebola, milho e oleaginosas, em uma ligação que conecta a BR-116/BR-324, em Feira de Santana, à região de Irecê e ao Vale do São Francisco.

Em uma escala mais localizada, outras rodovias cumprem funções igualmente importantes. A BA-225, na região de Irecê, contribui para o transporte de banana, feijão e milho. A pavimentação do trecho ampliou a capacidade de transporte da produção agrícola local. No Sul da Bahia, a BA-649 atende ao escoamento de cacau e produção pecuária.

São exemplos que ajudam a explicar a dimensão econômica da malha rodoviária estadual. A rede atende a diferentes cadeias produtivas, como agricultura, pecuária, mineração e indústria. E seus efeitos não se limitam ao transporte de mercadorias. Uma estrada em boas condições também pode favorecer a integração regional, estimular novos negócios e ampliar o potencial turístico dos territórios.

> *"O desafio não é apenas garantir que a produção chegue ao seu destino, mas criar condições para que novas atividades econômicas possam surgir e se desenvolver."*



> *"Atualmente, 96,20% da capacidade instalada de geração de energia do estado é proveniente de fontes renováveis."*

Por isso, as ações de pavimentação, restauração, manutenção e ampliação da malha rodoviária assumem papel estratégico. O desafio não é apenas garantir que a produção chegue ao seu destino, mas criar condições para que novas atividades econômicas possam surgir e se desenvolver.

A expansão da pavimentação também alcança áreas mais distantes dos grandes corredores. São cerca de 2.600 quilômetros de acessos a distritos e povoados pavimentados. É uma infraestrutura que aproxima comunidades, municípios e centros regionais e contribui para reduzir distâncias entre os núcleos agrícolas e o mercado consumidor.

A integração também passa pelos aeroportos regionais. Atualmente, o Estado administra 72 aeródromos. Desse conjunto, há voos comerciais regulares no interior baiano em Porto Seguro, Vitória da Conquista, Ilhéus, Lençóis, Comandatuba, Guanambi e Barreiras. Esses equipamentos estão conectados à rede rodoviária estadual e ampliam as possibilidades de circulação de pessoas entre diferentes regiões. Desde 2023, foram investidos mais de R$ 450 milhões em serviços de manutenção, auxílios à navegação e ampliação de infraestrutura aeroportuária.

A energia que vem do vento e do sol

Se as rodovias representam as veias por onde circula a economia, a energia é um dos elementos que permitem que ela funcione. E, nesse campo, a Bahia passou por uma transformação particularmente significativa. Os números mostram a dimensão dessa mudança.

A Bahia possui atualmente 381 parques eólicos em operação comercial, que somam 11,84 gigawatts de potência instalada. Esse volume representa 33,79% de toda a capacidade eólica instalada no Brasil. Os investimentos privados realizados no segmento já ultrapassam R$ 51,9 bilhões.

A energia solar também avançou rapidamente. Desde a entrada em operação das primeiras usinas de grande porte, em 2017, o estado chegou a 155 usinas fotovoltaicas em operação, responsáveis por 3,05 GW de capacidade instalada. O número corresponde a 12,93% da potência solar instalada no país, com investimentos privados de R$ 11,3 bilhões. Somadas, as duas fontes representam quase 15 GW de capacidade instalada.

Mas o cenário projetado para os próximos anos é ainda maior. Na geração eólica, existem outros 139 parques entre obras e projetos já outorgados, que representam aproximadamente 5,6 GW adicionais de capacidade. Na energia solar, são mais 345 usinas entre construção e projetos autorizados, com potencial para acrescentar aproximadamente 15,4 GW ao sistema elétrico estadual.

A expansão desses empreendimentos também modifica a dinâmica econômica dos municípios onde são implantados. No semiárido, onde as condições de vento favorecem a geração eólica, municípios como Morro do Chapéu, Sento Sé, Gentio do Ouro, Caetité, Campo Formoso, Xique-Xique, Pindaí e Guanambi passaram a receber grandes investimentos privados.

Os efeitos ultrapassam os limites dos parques. A chegada dos empreendimentos movimenta empregos, renda e arrecadação municipal e cria novas relações econômicas em regiões que tradicionalmente enfrentavam maiores desafios para atrair investimentos.

Na geração solar, Juazeiro lidera a produção estadual, seguido por Barreiras, Oliveira dos Brejinhos, Bom Jesus da Lapa e Tabocas do Brejo Velho. Norte e Oeste, assim, passam a ocupar posição de destaque também na geração fotovoltaica.

A mudança na matriz elétrica baiana é expressiva. Atualmente, 96,20% da capacidade instalada de geração de energia do estado é proveniente de fontes renováveis, considerando energia eólica, solar, hidrelétrica, pequenas centrais hidrelétricas, biomassa e geração distribuída. A energia eólica, sozinha, responde por 47,29% da matriz elétrica estadual. A solar representa outros 12,20%.

Ao todo, a Bahia possui 25,04 GW de capacidade instalada distribuída entre mais de 328 mil empreendimentos de geração, considerando desde grandes usinas até sistemas de micro e minigeração distribuída.

Esse movimento coloca a infraestrutura energética no centro da discussão sobre o futuro econômico do estado. A disponibilidade de energia é um dos elementos necessários para a expansão das atividades produtivas. Ao mesmo tempo, a predominância de fontes renováveis cria uma característica adicional para a economia baiana: a possibilidade de crescer apoiada em uma matriz de baixo carbono.

Não se trata apenas de produzir mais energia. Trata-se de transformar um recurso natural em uma cadeia econômica capaz de movimentar investimentos e gerar oportunidades nos territórios.

O caminho até 2030

Rodovias e energia, portanto, fazem parte de uma mesma equação. De um lado, está a necessidade de transportar a produção. Do outro, a de garantir energia para sustentar e ampliar as atividades econômicas. Entre os dois, existe um território extenso e diverso, que precisa estar cada vez mais integrado.

A infraestrutura tem justamente essa capacidade: transformar distância em conexão.

Quando uma rodovia é pavimentada, produtores passam a contar com melhores condições para transportar sua produção. Quando um acesso é implantado, um distrito ou povoado se aproxima de um centro regional. Quando um aeroporto está conectado a uma rede rodoviária, ampliam-se as possibilidades de deslocamento de pessoas. Quando um parque eólico ou solar é instalado, uma nova atividade econômica chega ao território e passa a movimentar investimentos.



> *"E é nessa rede, cada vez mais integrada, que a Bahia poderá chegar a 2030 preparada para um novo ciclo de desenvolvimento."*

É essa combinação que ajuda a explicar o que está em jogo na construção da Bahia de 2030.

O próximo ciclo de desenvolvimento não dependerá de uma única atividade econômica ou de uma única região. A força da Bahia está justamente na diversidade: nos grãos do Oeste, nas frutas do Vale do São Francisco, na produção do Baixio de Irecê, no cacau e na pecuária do Sul, na mineração, na indústria e, cada vez mais, na geração de energia renovável.

Para que essa diversidade se transforme em competitividade, porém, é necessário conectá-la. E os investimentos realizados nos últimos anos criam uma base para que essa conexão avance. Mais estradas pavimentadas e restauradas significam maior capacidade de circulação. Mais acessos significam maior integração territorial. Mais energia renovável significa maior capacidade de geração e uma matriz energética alinhada à transição para umWa economia de baixo carbono.

Até 2030, a questão central será transformar essa infraestrutura em desenvolvimento. Isso significa fazer com que os quilômetros de rodovias e os gigawatts de energia se convertam em mais produção, mais negócios, mais integração e novas oportunidades.

A Bahia já reúne alguns dos elementos necessários para esse movimento. Tem território, diversidade produtiva, potencial energético e uma infraestrutura em expansão.

Porque uma nova economia não se constrói apenas com novos investimentos. Ela se constrói quando estradas, energia, produção e pessoas passam a fazer parte de uma mesma rede. E é nessa rede, cada vez mais integrada, que a Bahia poderá chegar a 2030 preparada para um novo ciclo de desenvolvimento. ■

SOMOS A CONEXÃO QUE IMPULSIONA A INDÚSTRIA DA BAHIA, DE PONTA A PONTA.

Conectamos cadeias produtivas, fortalecemos negócios e impulsionamos o desenvolvimento industrial em todas as regiões do estado.
De Norte a Sul. De Leste a Oeste.



Sistema FIEB
SESI | SENAI | IEL | CIEB

SOMOS CONEXÃO


Acervo Pessoal

DO CARTÃO POSTAL AO MOTOR ECONÔMICO

Mila Paes *- Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico, Emprego e Renda de Salvador - SEMDEC*

"Como Salvador está transformando o mar em uma plataforma logística, industrial, turística e de geração de empregos."

Salvador nasceu do mar e para o mar. Com mais de 60 km de costa (sem contar as 3 ilhas que fazem parte do município) e banhada pela magnitude das águas calmas e abrigadas da Baía de Todos-os-Santos, a nossa capital possui um ativo natural e geográfico verdadeiramente incomparável. Contudo, ao longo de décadas, a gestão pública e a própria dinâmica da cidade acabaram por limitar-se a enxergar esse vasto patrimônio quase exclusivamente sob uma ótica contemplativa, paisagística ou, no máximo, ligada à pesca de subsistência. Hoje, sob as diretrizes do nosso Plano Estratégico 2025-2028, a atual gestão municipal consolidou um entendimento muito mais arrojado, técnico e pragmático: o nosso oceano não é apenas um belo cartão-postal, mas sim uma plataforma econômica, logística, industrial e turística de altíssima robustez. Estamos trabalhando de forma estruturada, com base em evidências e em planejamento de longo prazo, para transformar Salvador e a Baía-de-Todos-os-Santos no mais importante hub logístico do país, aproveitando nossa localização estratégica ímpar para revolucionar definitivamente a economia local.

A inspiração em para essa meta ambiciosa, assim como a observação atenta e técnica de modelos globais e nacionais de sucesso, não é um mero recurso retórico: trata-se da busca incessante por um modelo de eficiência, governança e aproveitamento inteligente das facilidades naturais. Cidades que se reinventaram com base na economia azul nos ensinam lições valiosas. Analisamos detalhadamente casos como o de La Rochelle, na França, modelo global que reestruturou seu desenvolvimento com a implantação de uma marina pública e de um forte centro tecnológico exportador; o polo de Itajaí, em Santa Catarina, que transcendeu a atividade puramente portuária para despontar na construção naval; e Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, que construiu uma engrenagem conectando manutenção, pesca e hotelaria. A formulação de políticas públicas eficientes exige essa técnica e uma análise rigorosa da realidade socioeconômica: não conseguimos fazer política pública sem olhar para os dados. O cenário nacional atual abre janelas determinantes de transformação, a começar pela regulamentação da Reforma Tributária. Com a padronização e o nivelamento dos incentivos fiscais entre os estados brasileiros, a atração de investimentos privados exigirá diferenciais de competitividade concretos: infraestrutura eficiente, segurança jurídica, transição energética e mão de obra altamente qualificada.

Nesse sentido imperativo, a economia do mar exige integração multissetorial e uma visão holística de cadeia produtiva. Durante nossos encontros com lideranças empresariais e investidores, temos deixado muito claro o papel de Salvador como um vetor logístico e industrial central para a engrenagem econômica baiana. A nossa capital já vem se posicionando como polo receptor e corredor logístico do agronegócio do interior, integrando cadeias produtivas do oeste baiano à infraestrutura portuária soteropolitana. Para se ter a dimensão exata dessa eficiência portuária local sob gestão privada, o Porto de Salvador já deve responder até dezembro de 2026, sozinho, por 30% de todo o algodão exportado pelo estado da Bahia. Quando escoamos essa produção por aqui, cria-

mos elementos para modernizar conexões logísticas. Contudo, o nosso principal desafio é claro: avançar na industrialização e no processamento de demandas de alto valor agregado dentro da nossa capital, agregando valor e retendo a riqueza na nossa economia.

Por isso, em um trabalho conjunto e integrado da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Emprego e Renda de Salvador (SEMDEC) com a Secretaria Especial do Mar (SEMAR) da Prefeitura de Salvador, estudamos a viabilização de um condomínio náutico voltado para a instalação de empresas do setor. Trata-se de uma indústria singular que combina alta tecnologia com montagem artesanal, uma característica fantástica que demanda um contingente imenso de profissionais diretos e indiretos, garantindo estabilidade no longo prazo. Temos fabricantes de relevância nacional com interesse real em operar em Salvador, devido à eficiência logística e à tradição marítima da cidade. Sabemos, porém, que a competitividade exige a superação de gargalos e entraves fiscais. Seguimos atuando firmemente para estruturar incentivos inovadores, visando criar o melhor ambiente de negócios possível para esses investidores de peso.

Uma infraestrutura de ponta atrai embarcações, que, por sua vez, atraem turistas de alto poder aquisitivo, movimentando uma cadeia extensa que vai do mecânico de motores náuticos à alta gastronomia, ao setor de serviços e à hotelaria de luxo. A meta estabelecida no nosso planejamento reflete essa grande ambição: queremos aumentar a permanência média do turista na cidade de cinco para sete dias, gerando um impacto financeiro formidável e imediato. Além disso, a economia azul ganha escala por meio de grandes vitrines globais e da atração de negócios voltados à economia criativa. A realização do 2º Fórum Náutico Internacional da Bahia e do Salão Náutico Salvador com Grand Pavois, além de duas edições do Boat Show Salvador, prova, de maneira incontestável, que estamos



"Temos fabricantes de relevância nacional com interesse real em operar em Salvador, devido à eficiência logística e à tradição marítima da cidade."

no radar do mundo. A nossa previsão estratégica é consolidar a atração de 15 a 16 grandes eventos náuticos por ano até 2028, projetando a marca de Salvador internacionalmente e fomentando o nosso turismo o ano inteiro.

Contudo, é fundamental lembrar que a atração de capital, a melhoria do ambiente de negócios e a modernização da infraestrutura dependem, de forma indispensável, das pessoas. Toda essa grande transformação tem um propósito central absoluto: a geração intensiva de emprego formal e de renda digna para o cidadão soteropolitano. Os números comprovam que o trabalho técnico e planejado gera resultados expressivos, visto que Salvador abriu 2026 liderando a geração de empregos formais em todo o Nordeste, segundo dados do Caged. Nos primeiros diagnósticos da SEMDEC, o temido "apagão de talentos" era a principal dor apontada pelo setor produtivo, mas respondemos construindo um ecossistema sólido de formação: já ultrapassamos a marca histórica de 91 mil pessoas qualificadas gratuitamente pelo município em diversas áreas de expansão. Através de iniciativas focadas como a Trilha Náutica e o nosso robusto programa Treinar para Empregar — que tem a meta ousada de alcançar mais de 100 mil cidadãos capacitados —, garantimos que o turismo, a fabricação de peças, a logística portuária e a gestão das novas marinas sejam operados, com excelência, por soteropolitanos devidamente qualificados.

A transformação definitiva e sustentável de Salvador não ocorrerá por acaso, mas por meio de escolhas técnicas baseadas em evidências, parcerias sólidas com a iniciativa privada e a coragem política e administrativa para executar projetos de altíssima complexidade. O poder público tem a responsabilidade indelegável de construir a base e o ecossistema adequados para que as empresas prosperem. O nosso mar deixou definitivamente de ser apenas um patrimônio contemplativo: ele é, hoje, a engrenagem principal de um motor econômico que está acelerando rumo a um futuro de inclusão e prosperidade. Ao integrarmos ciência, indústria, qualificação de excelência, turismo de alto valor e logística, provamos ao Brasil e ao mundo que o nosso oceano de oportunidades é, de fato, infinito. ■



TRANSFORMAR POTENCIAL EM OPORTUNIDADES É O DESAFIO DA BAHIA ATÉ 2030

***Isabela Suarez** – Presidente da Associação Comercial da Bahia – ACB*

A Bahia vive um momento decisivo para consolidar sua economia e desenhar uma visão de futuro competitiva até 2030. Com uma base plural sustentada pelo agronegócio, indústria, portos, mineração e energias renováveis, o estado possui os ativos para assumir um protagonismo global. O desafio prático, no entanto, é transformar esse vasto potencial em oportunidades reais de negócios, inovação e desenvolvimento sustentável.

Para debater os caminhos desse salto qualitativo, a revista Bahia Econômica recebeu para essa entrevista exclusiva Isabela Suarez, presidente da Associação Comercial da Bahia (ACB). À frente da entidade bicentenária, Suarez oferece um diagnóstico pragmático sobre as reais necessidades do setor produtivo local.

Ao longo da conversa, a executiva detalha as pautas prioritárias para o estado: a superação urgente dos gargalos de infraestrutura e logística, a garantia de segurança jurídica e a desburocratização do ambiente de negócios. Com foco no longo prazo, Suarez destaca o apoio aos micros e pequenos empreendedores, o associativismo e a qualificação profissional como os alicerces indispensáveis para transformar as vocações baianas em riqueza efetiva para a sociedade.

A Associação Comercial da Bahia tem uma trajetória histórica na defesa da atividade empresarial e do desenvolvimento econômico do Estado. Qual é, na sua visão, o papel da ACB no atual cenário econômico e quais são as principais pautas que a entidade considera prioritárias para a Bahia?

A ACB tem um papel muito importante de diálogo e articulação, aproximando o setor produtivo, o poder público e a sociedade para discutir os caminhos da Bahia. Hoje precisamos olhar tanto para os grandes investimentos quanto para quem está começando um negócio, principalmente o micro e o pequeno empreendedor.

Entre as nossas prioridades estão a melhoria do ambiente de negócios, a segurança jurídica, infraestrutura, qualificação profissional, inovação e empreendedorismo. A Bahia tem muitos potenciais, mas precisamos criar as condições para que esses potenciais se transformem em negócios, investimentos, emprego e renda.

A Associação Comercial tem uma história de mais de dois séculos justamente porque sempre esteve ligada às trans-

> *"O nosso papel é continuar fazendo essa ponte, ouvindo quem está empreendendo, identificando os gargalos e levando essas discussões para os espaços de decisão."*



> *"Não adianta ter um porto eficiente se a carga não consegue chegar até ele com competitividade."*

formações da economia. O nosso papel é continuar fazendo essa ponte, ouvindo quem está empreendendo, identificando os gargalos e levando essas discussões para os espaços de decisão.

A ACB tem atuado como espaço de diálogo entre empresários, instituições e poder público. O que precisa avançar nessa relação para que governo e setor produtivo possam construir, de forma mais integrada, uma agenda de desenvolvimento para a Bahia até 2030?

A infraestrutura é um dos principais pontos que precisam avançar para que a Bahia tenha um ambiente mais favorável aos negócios. Quando faltam estradas em boas condições, energia, saneamento, conectividade e uma logística eficiente, o impacto chega diretamente a quem produz, investe e empreende, aumentando custos e reduzindo a competitividade. Melhorar a infraestrutura é uma condição para o desenvolvimento econômico, e o poder público tem responsabilidade importante nesse processo, com planejamento e continuidade dos investimentos.

Nos próximos quatro anos, precisamos ter mais diálogo com os diferentes setores, entender as necessidades de quem está produzindo, investindo e empreendendo e, a partir disso, estabelecer prioridades e metas. O setor produtivo tem muito a contribuir porque está na ponta, conhece as dificuldades e também as oportunidades.

É preciso construir uma agenda de longo prazo, com participação dos setores e com continuidade. A Bahia precisa planejar o que quer ser em 2030 e trabalhar nessa direção, independentemente da vontade, apenas, dos governantes e partidos políticos.

Um ambiente de negócios mais simples, seguro e previsível é fundamental para estimular investimentos. Quais são hoje os principais entraves enfrentados pelos empresários baianos e quais mudanças a ACB considera necessárias para melhorar esse ambiente?

A burocracia, a complexidade tributária e a falta de previsibilidade ainda são grandes entraves, principalmente para o micro e o pequeno empresário. Precisamos discutir a atualização dos tetos do MEI e do Simples Nacional, para que esses regimes acompanhem a realidade dos negócios e permitam que as empresas cresçam sem que a mudança de faixa represente um obstáculo. Também precisamos enfrentar problemas concretos de infraestrutura e logística, que elevam custos e reduzem a competitividade. Não adianta ter um porto eficiente se a carga não consegue chegar até ele com competitividade. É preciso melhorar a conexão entre rodovias, ferrovias, portos e aeroportos e superar gargalos que limitam o desenvolvimento das regiões.

A segurança jurídica também é fundamental. Quem investe precisa ter previsibilidade para planejar, contratar e crescer. Mudanças frequentes de regras e excesso de exigências dificultam decisões de médio e longo prazo. A segurança pública entra nessa equação, porque a violência também gera custos para as empresas e transfere ao setor produtivo despesas que deveriam ser responsabilidade do Estado.

A ACB defende, portanto, um ambiente mais simples, seguro e previsível, com menos burocracia, melhoria da infraestrutura e regras que permitam planejamento. O debate sobre a escala 6x1 é um exemplo: mudanças dessa dimensão precisam ouvir quem emprega e quem trabalha e considerar a realidade dos diferentes setores. O desenvolvimento exige diálogo, segurança e planejamento de longo prazo.

A Bahia possui um grande potencial para atrair novos investimentos, mas ainda enfrenta desafios para transformar suas vantagens competitivas em novos negócios. Que medidas a senhora considera fundamentais para

ampliar a atração e a retenção de investimentos no Estado?

A Bahia tem localização estratégica, recursos naturais, potencial energético, uma grande costa e um mercado importante. Temos ativos para atrair investimentos, mas não podemos acreditar que basta anunciar a chegada de uma empresa. Para o investimento permanecer, crescer e gerar novas cadeias produtivas, precisamos oferecer condições competitivas. Isso inclui uma carga tributária que não penalize quem produz aqui, menos burocracia, processos de licenciamento ambiental mais eficientes, regularização fundiária e um ambiente em que o empresário consiga enxergar perspectivas de longo prazo.

Também precisamos transformar nossas vantagens em valor. O Estado tem uma economia diversificada, mas ainda exporta muita matéria-prima sem capturar todo o potencial de geração de renda, tecnologia e empregos. O Oeste baiano é um exemplo: tem forte capacidade produtiva e de atração de investimentos, mas enfrenta limitações de energia e conectividade que restringem sua expansão.

A atração de investimentos deve fortalecer fornecedores locais, estimular inovação e desenvolver novas cadeias produtivas. Na Baía de Todos-os-Santos, a Usina de Beneficiamento de Pescado de Bom Jesus dos Passos, fruto da parceria entre a Fundação Baía Viva e a ONG italiana Amici di Sardegna, mostra esse caminho: conhecimento, tecnologia e cooperação internacional agregando valor à produção de marisqueiras e pescadores. Investimento bom é aquele que chega, mas também deixa conhecimento, renda e novas oportunidades no território.

O fortalecimento do empreendedorismo, especialmente entre pequenos e médios empresários, é essencial para a geração de emprego e renda. Como a ACB pode contribuir para criar condições mais favoráveis ao crescimento e à sustentabilidade desses negócios?

O micro e o pequeno empreendedor precisam estar no centro da agenda de desenvolvimento. É ele que muitas vezes começa sozinho, gera o primeiro emprego e movimenta a economia do bairro, do município e da região. Os pequenos negócios têm um peso muito grande na geração de empregos e na movimentação da economia brasileira e são responsáveis por 80% das vagas de emprego no Brasil, de acordo com o SEBRAE.

A ACB pretende concentrar esforços no apoio aos micros e pequenos empresários, aproximando esses empreendedores de informação, conhecimento, crédito, mercados e oportunidades. Essa atuação é conduzida pela Câmara de Micro e Pequenas Empresas, que também busca criar conexões entre pequenos negócios, ampliando possibilidades de parceria, fornecimento e acesso a novos mercados.

Entretanto, não existe milagre em um país que possui uma das maiores taxas de juros reais do mundo e características muito rentistas, ou seja, que favorecem aqueles que vivem de rendimentos financeiros. Enquanto o crédito não for barato, os empreendedores continuarão enfrentando dificuldades.

A inovação e a transformação tecnológica estão mudando rapidamente o ambiente empresarial. Como a ACB avalia o nível de preparação das empresas baianas para essa nova economia e que iniciativas podem ajudar o setor produtivo a avançar nessa direção?

É preciso melhorar a gestão, digitalizar processos, usar dados, melhorar a produtividade. São ferramentas que podem fazer uma diferença enorme para a nossa economia.

A ACB auxilia esse empreendedor, como eu disse, criando conexões entre empresas, universidades, startups, centros de pesquisa e instituições de apoio. É importante que a inovação chegue também ao pequeno empreendedor e não fique restrita às grandes empresas. Se uma pequena empresa consegue melhorar sua produtividade ou acessar um novo mercado por meio da tecnologia, isso já é inovação.

A Bahia tem potencial relevante em áreas como energia renovável, indústria, agronegócio, mineração, turismo, logística e economia digital. Como a ACB enxerga a necessidade de diversificação da economia baiana e quais setores podem liderar um novo ciclo de desenvolvimento até 2030?

A Bahia tem uma economia muito grande e muitas vocações diferentes. Temos oportunidades em energia renovável, agronegócio, indústria, turismo, mineração, logística, tecnologia e também na economia do mar. Se temos energia, por exemplo, podemos atrair também indústria e serviços relacionados a essa cadeia. O mesmo vale para o agronegócio, para o turismo e para a economia do mar. Temos que aproveitar nossas vocações para gerar novos negócios, qualificar pessoas e criar empregos.

Mas é preciso que o poder público também seja atuante e dê condições e incentivos para quem gera emprego, renda e riqueza. A gestão ambiental e o licenciamento, de forma geral, ainda são desafios, e os municípios precisam ser mais bem capacitados para atender às regras atuais estabelecidas na Lei Geral do Licenciamento Ambiental. Quando criamos um ambiente mais seguro e organizado para as empresas crescerem, isso amplia oportunidades e se traduz em impacto positivo na qualidade de vida da população.

A infraestrutura e a logística são fatores decisivos para a competitividade das empresas. Quais investimentos e melhorias a Bahia precisa priorizar em áreas como transporte, portos, mobilidade, energia e conectividade para se tornar mais competitiva?

A infraestrutura não pode ser pensada de forma fragmentada. Pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostra que apenas 25%



> *"Temos oportunidades em energia renovável, agronegócio, indústria, turismo, mineração, logística, tecnologia e também na economia do mar."*

dos industriais do Nordeste consideram boas ou ótimas as condições de infraestrutura da região. O frete rodoviário é apontado como alto ou muito alto por 72% deles, e 45% avaliam as ferrovias como ruins ou péssimas. A distância média percorrida para transportar a produção nordestina chega a 1.134 quilômetros. São números que mostram o quanto a deficiência logística pesa sobre quem produz.

Na Bahia, precisamos avançar na integração entre rodovias, ferrovias, portos e aeroportos, além de energia e conectividade. O estado tem um papel central nisso. Cabe ao poder público planejar, definir prioridades, fiscalizar e garantir que os investimentos aconteçam, seja com recursos próprios, concessões ou parcerias público-privadas. Infraestrutura não pode ser uma promessa permanente. É preciso transformar planejamento em obra, obra em integração e integração em redução de custos para quem produz.

A ACB também tem um papel importante na representação dos interesses do setor empresarial e na construção de propostas para o desenvolvimento econômico. Quais temas deveriam fazer parte de uma agenda permanente entre as entidades empresariais e os governos estadual e municipais nos próximos anos?

Eu listaria como temas permanentes para o ambiente de negócios, a segurança jurídica, infraestrutura, qualificação profissional, inovação e atração de investimentos. Nesse processo, o associativismo também tem papel importante. Quando os empresários se organizam e atuam de forma conjunta, conseguem fortalecer suas cadeias, compartilhar conhecimento, identificar demandas e buscar soluções que, isoladamente, seriam mais difíceis. É uma forma de ampliar a capacidade de cada setor e também de aproximar os diferentes segmentos.

Essa agenda precisa ser construída de forma permanente, com os diferentes setores e entes atuando juntos para planejar os próximos anos. É esse diálogo contínuo, aliado ao associativismo, que permite identificar gargalos, construir soluções e melhorar as políticas públicas.

Se a senhora pudesse estabelecer uma agenda com cinco prioridades para que a Bahia chegasse a 2030 com uma economia mais competitiva, empreendedora, inovadora e capaz de gerar mais empregos e oportunidades, quais seriam essas prioridades?

A primeira é, sem dúvidas, melhorar o ambiente de negócios, com menos burocracia e mais segurança jurídica. É preciso também investir em infraestrutura e logística e agregar valor ao que a Bahia produz, fortalecendo nossas cadeias produtivas.

A quarta prioridade é investir em qualificação profissional, preparando as pessoas para as novas necessidades do mercado e para as oportunidades que estão surgindo. E a inovação também não pode ficar de fora, com estímulos principalmente para o micro e o pequeno empreendedor, para que esses negócios tenham acesso à tecnologia e possam aumentar sua produtividade e competitividade.

A Bahia tem potencial e tem ativos importantes. O nosso desafio é transformar tudo isso em oportunidades concretas, com planejamento, diálogo entre os setores e continuidade nas ações. É assim que conseguimos chegar a 2030 com uma economia mais forte, mais empregos e mais oportunidades para os baianos. ■



CONECTAR PARA TRANSFORMAR: O AEROPORTO E A BAHIA QUE QUEREMOS EM 2030

Julio Ribas *- CEO da Vinci Airports no Brasil*

Quando pensamos na Bahia de 2030, precisamos pensar sobre quais infraestruturas serão capazes de sustentar o crescimento do Estado, ampliar sua competitividade e conectá-lo de maneira mais eficiente ao Brasil e ao mundo. Nesse cenário, os aeroportos ocupam uma posição estratégica, já que eles deixaram de ser apenas lugares de embarque e desembarque e se tornaram pontos de conexão entre pessoas, empresas e mercados, além de estruturas relevantes para o turismo, a logística e a circulação de conhecimento e oportunidades.

É sob essa perspectiva que enxergamos o papel do Salvador Bahia Airport nos próximos anos. Desde que a VINCI Airports assumiu sua operação, em janeiro de 2018, o aeroporto passou por um processo de modernização de sua infraestrutura e incorporação de padrões globais de operação. Foram investidos R$ 700 milhões em obras de modernização e ampliação, que aumentaram em 50% a capacidade do terminal, hoje preparado para atender até 15 milhões de passageiros por ano.

Essa transformação da infraestrutura foi um passo fundamental, mas não encerra a nossa visão para o aeroporto, pois acreditamos que infraestrutura precisa estar a serviço do desenvolvimento. E isso significa olhar para conectividade aérea, logística, sustentabilidade, inovação, eficiência operacional, mobilidade e experiência dos passageiros de maneira integrada.

> *"Mais do que uma porta de entrada, uma infraestrutura capaz de aproximar pessoas, mercados e oportunidades."*



Will Recarey

"O trabalho do aeroporto é criar condições para que Salvador continue competitiva nessa disputa por novas operações."

Nosso propósito traduz bem essa visão: **"Conectar para transformar"**. Conectar pessoas, destinos, negócios e oportunidades. Na prática, cada voo adicional, cada nova rota, cada melhoria operacional ou avanço na infraestrutura pode criar condições para que outras atividades se desenvolvam ao redor dessa conexão.

Conectividade como vetor de desenvolvimento

A conectividade aérea tem uma relação direta com a capacidade de uma região de se posicionar no mapa do turismo e dos negócios. Por isso, ampliar a malha não significa simplesmente aumentar o número de voos, mas criar mais possibilidades de acesso às inúmeras riquezas da Bahia – de norte a sul, do litoral à Chapada ou ao sertão – e mais alternativas para os baianos chegarem a diferentes destinos e mercados.

Nossos números recentes mostram uma trajetória consistente de crescimento: no primeiro semestre de 2026, mais de 4,2 milhões de passageiros passaram pelo terminal, 11% acima do mesmo período de 2025. No segundo trimestre, foram cerca de 2 milhões de passageiros, com crescimento de 10%, enquanto o número de voos comerciais chegou a 14.034, contemplando uma alta de 8,3% na comparação anual.

A ampliação da malha tem acompanhado esse movimento. Em 2026, tivemos, entre outros avanços, a retomada da ligação com a Cidade do Panamá pela Copa Airlines e a expansão das conexões da GOL em Salvador, adicionando 44 decolagens semanais, além de reforços da LATAM em rotas nacionais. Para a temporada de verão, também está prevista a retomada da ligação direta entre Salvador e Santiago do Chile pela SKY e pela LATAM, ampliando novamente as possibilidades de conexão internacional.

Em períodos estratégicos para a economia baiana, essa conectividade se torna ainda mais perceptível. Entre 18 e 26 de junho de 2026, durante os festejos de São João, foram disponibilizados mais de 260 mil assentos domésticos e internacionais, crescimento de 13,6% em relação ao mesmo período do ano anterior. Considerando toda a alta temporada de meio de ano, entre 15 de junho e 31 de julho, a oferta chegou a quase 1,5 milhão de assentos. Dados igualmente relevantes são notados no fim de ano, com a alta temporada de verão, e durante o carnaval.

Esses movimentos são importantes porque a conectividade aproxima mercados. No turismo, por exemplo, mais alternativas de acesso criam melhores condições para ampliar a

chegada de visitantes e conectar Salvador a outros destinos do estado. O aeroporto funciona, portanto, como parte de uma cadeia que começa no transporte aéreo e segue por hotéis, restaurantes, serviços, cultura, entretenimento e demais atividades que integram a experiência de quem visita a Bahia.

Até 2030, precisamos continuar olhando para conectividade como uma construção permanente. Rotas aéreas dependem de demanda, planejamento e articulação com companhias e diferentes atores do setor. O trabalho do aeroporto é criar condições para que Salvador continue competitiva nessa disputa por novas operações.

Um aeroporto que também conecta mercadorias e mercados

Se passageiros são parte importante dessa equação, as cargas representam outra dimensão estratégica. O crescimento recente do Terminal de Cargas Aéreas (TECA) mostra esse potencial. Em julho deste ano, foram movimentadas 4.061 toneladas de cargas, maior volume registrado pelo terminal no ano e 16% superior ao resultado de julho de 2025. Entre janeiro e julho, foram 24.690 toneladas. Somente em julho, 890 toneladas foram relacionadas a operações de comércio exterior.

Um dado também chama atenção: entre as cargas de importação, o segmento de mobilidade, que inclui peças automotivas e aeronáuticas, apresentou crescimento de 739% no volume movimentado em relação ao mesmo período do ano anterior. Isso ajuda a mostrar que o papel econômico de uma infraestrutura aeroportuária ultrapassa a movimentação de passageiros.

Uma economia competitiva precisa movimentar também insumos, componentes e produtos com eficiência. Nesse sentido, o transporte aéreo pode ser particularmente relevante para cadeias nas quais tempo, disponibilidade e alcance dos mercados são fatores importantes. E é por isso que entendemos que o aeroporto deve atuar também como espaço de articulação.

Em setembro, diante das mudanças relacionadas à Declaração Única de Importação (DUIMP) impostas pelos órgãos federais, reunimos representantes de órgãos públicos e profissionais do comércio exterior para discutir o novo processo. A lógica é simples: o fortalecimento do comércio exterior não depende somente de infraestrutura física, já que exige eficiência, conhecimento e integração entre os agentes que fazem parte dessa cadeia.

Isso aponta para uma discussão mais ampla sobre a Bahia de 2030: logística e conectividade precisam caminhar juntas. Quanto mais integrado for esse ambiente, melhores serão as condições para empresas que já estão no estado e para aquelas que avaliam investir aqui.

Eficiência também é infraestrutura

Outro eixo importante para os próximos anos é a eficiência operacional. Em julho de 2026, o Salvador Bahia Airport registrou 90,60% de partidas pontuais e foi reconhecido pela CIRIUM como o aeroporto mais pontual do Brasil em sua categoria, de 5 a 15 milhões de passageiros por ano. No levantamento mundial da categoria, Salvador alcançou a terceira posição.

Pontualidade não é apenas um indicador do setor aéreo. É parte de uma cadeia de confiança. Para passageiros, significa previsibilidade. Para companhias, significa um ambiente operacional coordenado. Para uma infraestrutura que pretende ampliar sua contribuição econômica, eficiência é um requisito básico.

Alinhados a isso, temos investido também em soluções que muitas vezes não são visíveis aos passageiros, mas fazem diferença na operação. Desde janeiro de 2026, por exemplo, drones vêm sendo empregados em atividades de engenharia, manutenção e segurança no aeroporto. Em aproximadamente 20 minutos de voo, o equipamento utilizado consegue mapear até 200 mil metros quadrados. Os dados coletados alimentam o sistema de gestão de pavimentos e ajudam no planejamento de manutenções e investimentos.

Em outra frente, o aeroporto passou a contar com um Posto de Coordenação Móvel de Crise, estruturado para aproximar das ocorrências os recursos necessários à coordenação de respostas a emergências. O veículo possui sistemas próprios de comunicação, monitoramento, energia e espaço de trabalho para as lideranças envolvidas.

São exemplos diferentes, mas que partem do mesmo princípio: um aeroporto preparado para crescer precisa fazer da eficiência uma rotina, não uma ação pontual.

Inovação que melhora a jornada

No que tange à inovação, acreditamos que ela também precisa ser percebida por quem utiliza o aeroporto. Em 2026, a Ana, assistente virtual do Salvador Bahia Airport, passou a utilizar inteligência artificial generativa. Com a evolução da ferramenta, passageiros podem formular perguntas em linguagem natural e obter informações sobre documentos, bagagens, voos, portões de embarque, lojas, restaurantes e outros serviços. A Ana utiliza a base oficial de informações do aeroporto e consulta também dados operacionais para responder às dúvidas relacionadas à jornada.

Ao mesmo tempo, estamos avançando na acessibilidade. O programa LUMI foi estruturado para reunir ini-



"Em 2026, a Ana, assistente virtual do Salvador Bahia Airport, passou a utilizar inteligência artificial generativa."

ciativas voltadas ao acolhimento de passageiros com diferentes necessidades, incluindo condições não visíveis. Entre as ações previstas estão treinamento das equipes, materiais informativos, cordões de identificação com girassol, sinalização e uma sala multissensorial concebida para oferecer um ambiente com estímulos controlados e recursos que favoreçam a regulação sensorial durante a jornada aeroportuária. Tecnologia, nesse sentido, não deve ser entendida apenas como digitalização. Inovar é encontrar maneiras mais eficientes, simples e inclusivas de resolver problemas concretos.

É também sob essa perspectiva que podemos analisar o **Kiss & Fly**, que pretendemos implantar para organizar a mobilidade no meio-fio do terminal. Em maio, foram registrados 445.711 acessos de veículos à área de embarque e desembarque rápido, e mais de 95% das permanências ocorreram dentro dos dez minutos previstos para utilização gratuita do espaço. O tempo médio de permanência foi de 5,17 minutos.

O projeto faz parte de uma estratégia mais ampla de organização da mobilidade, com foco na segurança, fluidez e disponibilidade de vagas para embarque e desembarque. Também foi implantado um bolsão com 315 vagas cobertas para motoristas de aplicativo, táxis comuns e vans turísticas. Paralelamente, a área do meio-fio recebeu intervenções de requalificação do pavimento e melhorias de comunicação visual para facilitar a localização dos diferentes serviços de transporte.

São iniciativas que mostram uma visão importante para o futuro: a experiência aeroportuária não começa no check-in. Ela começa no acesso ao terminal e termina quando o passageiro consegue seguir seu destino com segurança e previsibilidade, além de receber o devido suporte para resolução das demandas que surgirem neste contexto.

Crescer com menor impacto

Mas todas as soluções propostas precisam se alinhar a um valor inegociável da VINCI Airports: nenhuma discussão sobre infraestrutura até 2030 pode ignorar a transição ambiental. Para nós, sustentabilidade não é uma agenda paralela à operação, já que ela tem que estar incorporada às decisões do negócio.

No Salvador Bahia Airport, as emissões diretas de carbono foram reduzidas em 91% em relação a 2018. O aeroporto utiliza energia 100% renovável, possui duas usinas solares próprias e alcançou o Nível 5 da Airport Carbon Accreditation, a mais alta certificação internacional em gestão de carbono concedida pelo ACI.

Em setembro de 2026, essa trajetória recebeu o Green Airports Recognition do Airports Council International. O projeto reconhecido integrou dados



"Apoiar o turismo, facilitar o comércio e a logística, favorecer um ambiente mais competitivo para os negócios e oferecer infraestrutura capaz de acompanhar o desenvolvimento econômico do Estado."

de consumo de energia, combustíveis e atividades operacionais para orientar decisões relacionadas à descarbonização, eficiência energética, energia renovável e melhorias da operação.

Esse talvez seja um dos melhores exemplos de como vemos a infraestrutura do futuro: sustentabilidade, eficiência e tecnologia não são agendas concorrentes. Quando trabalhadas de maneira integrada, podem melhorar processos, orientar investimentos e reduzir impactos. Na VINCI Airports, a transição ambiental é uma agenda global. A companhia atua em mais de 70 aeroportos em 14 países e tem a meta de alcançar emissões líquidas zero em toda a rede até 2050.

A infraestrutura que a Bahia de 2030 precisa

Mas quando projetamos os próximos anos, não enxergamos o Salvador Bahia Airport isoladamente. Um aeroporto só cumpre plenamente seu papel quando suas conexões geram valor para além de seus limites físicos. Isso passa por contribuir para aumentar a conectividade da Bahia, apoiar o turismo, facilitar o comércio e a logística, favorecer um ambiente mais competitivo para os negócios e oferecer infraestrutura capaz de acompanhar o desenvolvimento econômico do Estado.

Passa também por manter um aeroporto eficiente, seguro e preparado para responder a novas demandas. Por entender que experiência do passageiro, sustentabilidade e inclusão fazem parte dessa competitividade, bem como por estabelecer pontes entre a experiência internacional de uma rede global e as necessidades locais.

A VINCI Airports opera aeroportos em diferentes países e mercados, reunindo experiência em desenvolvimento, financiamento, construção, gestão, otimização operacional, modernização de infraestrutura e transição ambiental. Salvador foi sua primeira concessão aeroportuária no Brasil. Essa inserção global permite trazer referências e capacidade técnica para uma operação que, ao mesmo tempo, está profundamente conectada às características e oportunidades do território baiano.

Até 2030, infraestrutura será cada vez mais sinônimo de conexão. Conectividade física, logística, digital, econômica e humana. É justamente nesse ponto que o papel de um aeroporto se torna maior do que sua própria área operacional. Se conseguirmos conectar a Bahia a mais destinos, aproximar empresas de mercados, tornar o transporte aéreo e a logística mais eficientes, avançar na sustentabilidade e melhorar continuamente a jornada de quem passa por aqui, contribuiremos para criar as condições necessárias para um novo ciclo de desenvolvimento.

Porque conectar não é apenas encurtar distâncias. É ampliar possibilidades. E é dessa forma que queremos continuar conectando para transformar. ■

CANCER CENTER SANTA IZABEL

Um cuidado completo para cada etapa do tratamento do câncer.

No Cancer Center Santa Izabel, o cuidado oncológico integra tecnologia, experiência e acolhimento em todas as etapas da jornada.

Somos um Centro de Excelência em Teranóstico, uma abordagem que integra diagnóstico molecular e terapia-alvo por meio da Medicina Nuclear e do uso de radiofármacos.

Essa estrutura se soma a uma assistência completa para adultos e crianças, com diferentes especialidades, equipe multiprofissional e recursos avançados como PET/CT, SPECT/CT, cirurgia robótica, radioterapia, quimioterapia e Transplante de Medula Óssea.



RESPONSÁVEL TÉCNICO: DR. JORGE MOTTA (CRM-BA 14.612)



Medicina Nuclear | PET-CT Siemens Symbia



Cirurgia Robótica



Radioterapia | Acelerador Linear Varian Truebeam

- Equipe Multiprofissional
- Medicina Nuclear
- Radioterapia
- Cirurgia Robótica
- Transplante de Medula Óssea
- Quimioterapia

Agende sua consulta:
71 2203-8100 71 98188-3380

Hospital SANTA IZABEL
SantaCasaBA


Divulgação

O RETORNO DAS POLÍTICAS INDUSTRIAIS

Paulo de Oliveira Costa *– Diretor Presidente da Desenbahia*

A formação da indústria brasileira

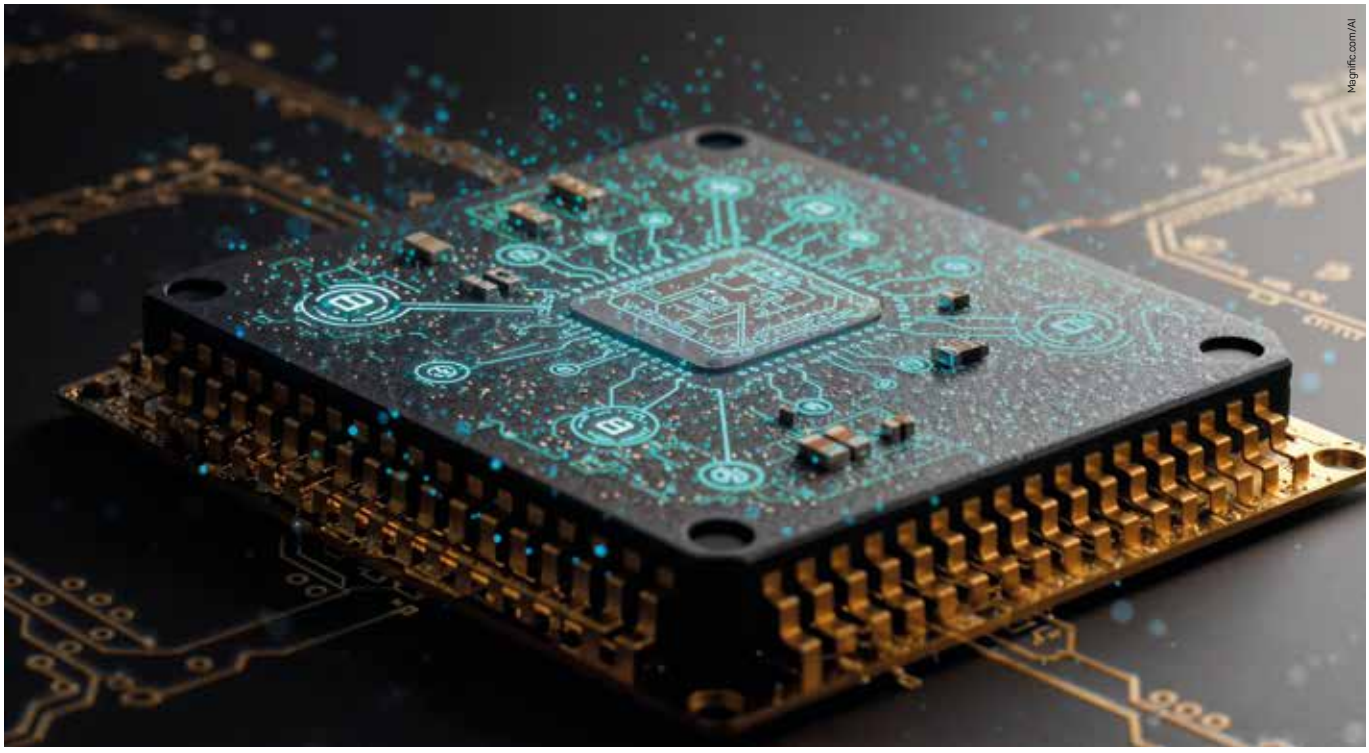
No período pós segunda guerra mundial até o final dos anos 70, o Brasil passou por um processo de profundas transformações econômicas e sociais, mudando de uma economia agrária e rural - exportadora de produtos agrícolas primários, para uma economia de complexa e integrada rede industrial. O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), entre 1948 e 1980, foi de, aproximadamente, 8% ao ano. Resultado da estratégia de industrialização baseada na substituição de importações.

O modelo de substituição de importações protegia as indústrias domésticas, com o objetivo de substituir bens importados pelos produzidos localmente, com a expectativa de que, com o passar do tempo, as indústrias se tornassem globalmente competitivas. O modelo envolvia financiamentos subsidiados, incentivos fiscais, proteção do mercado interno - utilizando altas tarifas de importação, políticas de conteúdo local, compras públicas etc.

> *"A competitividade não é da indústria somente, precisa ser sistêmica."*

Esse modelo foi abandonado, tanto no Brasil como em muitos outros países em desenvolvimento. Suas limitações estavam relacionadas ao tamanho do mercado doméstico, que restringe a escala de produção; à ausência de incentivos para melhoria de qualidade, à ausência de competição externa e interna; e ao limitado interesse do investidor externo em transferir tecnologia para uso restrito aos mercados locais.

Os esforços para substituição de importações levaram a um aumento das tarifas de importação, que invertiam os preços relativos, permitindo que empresas menos produtivas prosperassem, reduzindo a produtividade da economia.





"O interesse em políticas industriais é crescente principalmente entre as economias em desenvolvimento."

Outro ponto importante. Empresas muito protegidas tendem a limitar os investimentos em formação de mão de obra qualificada. Como consequência, a adoção de tecnologias mais modernas, inovação, Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), crescimento profissional e salarial ficam muito limitados.

Produzir bens inWdustriais no Brasil ficou caro demais, não só pelas questões da indústria propriamente dita, mas também pelo crescimento da carga tributária, em valor e como porcentagem do PIB e em complexidade, pelos juros altos, e pela insegurança jurídica. A competitividade não é da indústria somente, precisa ser sistêmica.

Sou engenheiro e trabalhei muitos anos na indústria petroquímica, entre os anos 80 e 90. Meu depoimento pessoal. Os detentores de tecnologia não disponibilizavam para o Brasil as tecnologias mais modernas e competitivas, as empresas eram monopolistas, as escalas muito pequenas, quando comparadas às dos Estados Unidos e da Europa, os equipamentos nacionais eram caros e ineficientes, utilizávamos computadores obsoletos. Estávamos aquém das indústrias similares estrangeiras.

A partir de 1981 e até o momento (2026), o desempenho da economia foi abaixo do desejado, exceto no agronegócio e na extração mineral, com crescimento médio do PIB próximo a 2,0% ao ano e expansão anual do produto per capita inferior a 0,9% ao ano.

O passado é uma roupa que não nos serve mais (Belchior). Esqueçamos o modelo que funcionou no pós-guerra.

Nova (des)ordem mundial

Por algumas décadas, o crescimento econômico, principalmente nos países desenvolvidos, teve princípios bem simples: os governos preocuparam-se com as questões macroeconômicas fundamentais, investindo em educação, saúde e infraestrutura, o setor privado cuidava do resto. Promoveram a abertura dos mercados, a globalização, que é, em síntese, o comércio livre de mercadorias entre as fronteiras.

Funcionou bem por algum tempo. Uma nova ordem competitiva está se formando, as principais potências mundiais (Estados Unidos, China e Rússia)

procuram garantir suas esferas de interesse, e a cooperação entre os países é bem diferente do que foi. Com o confronto geoeconômico; o crescimento mundial arrefeceu, a automação ameaça os empregos, os salários diminuíram e o protecionismo dos mercados ressurgiu, com destaque para a indústria americana. A geopolítica está corroendo a globalização.

As cadeias produtivas globalizadas tendem a apresentar sérias fragilidades quando há restrições geopolíticas às exportações. Por exemplo, as restrições à exportação de chips de alta tecnologia dos Estados Unidos para a China. Na outra mão, a China restringe a exportação de minerais raros, já processados, para os Estados Unidos, necessários para produzir componentes eletrônicos. As guerras na Ucrânia e no Irã comprometeram o comércio de fertilizantes, gás natural, petróleo e derivados. Escrevo em outubro de 2026, quando existe o risco de os Estados Unidos restringirem a exportação de diesel – o que pode afetar muito os preços do combustível na América Latina. Os parceiros comerciais não são mais os mesmos.

O retorno das Políticas industriais

Sem dúvidas as estratégias industriais estão de volta, os governos, no mundo inteiro, começaram a repensar o tema das políticas industriais que buscam incentivar a competitividade e fortalecer as cadeias produtivas locais.

Para os governos a questão central não é se devem ou não promover o aumento da produção, mas como. Que ferramentas podem ser utilizadas?

Podemos tentar uma definição de Política Industrial como o conjunto de ferramentas governamentais utilizadas para influenciar o que os países produzem, ao invés de deixar este tema totalmente a cargo dos mercados.

O interesse em políticas industriais é crescente principalmente entre as economias em desenvolvimento.

A caixa de ferramentas

Há um conjunto amplo de políticas industriais que podem ser adotadas, quais utilizar depende do contexto e das limitações existentes em cada caso concreto. A seguir, uma lista de possibilidades, divididas em blocos: (1) incentivos públicos desenhados para um conjunto específico de indústrias, (2) incentivos de mercado e (3) intervenções macroeconômicas.

No primeiro bloco, estão as seguintes: (1) implantação de parques industriais, (2) treinamento de pessoal, (3) apoio para acessar mercados, (4) infraestrutura.

No segundo: (5) subsídios para produção, (6) subsídios para inovação, (7) restrição a exportações de commodities, (8) compras governamentais, (9) tarifas e quotas de importação, (10) subsídios para exportação, (11) acordos de transferência de tecnologia, (12) exigências de conteúdo local, (13) subsídios para o consumidor.

No terceiro: (14) movimentações na taxa de câmbio e (15) créditos fiscais para P&D.

Não há espaço, neste artigo, para uma discussão destas ferramentas, mas deixo, para o leitor interessado, como recomendação de leitura, a publicação do Banco Mundial: *Industrial Policy for Development – Approaches for the 21st Century* de Ana Margarida Fernandes e Tristan Reed.

Faço uma ressalva, porém, para ressaltar um tema importantíssimo para o Brasil: os subsídios para inovação. São motivados pela constatação de que as empresas investem pouco em P&D, cujos resultados não são facilmente transformados em patentes ou outras fontes de vantagem competitiva e podem ser apropriados pelos competidores. A pesquisa básica é de especial importância para os países em desen-

> *"Escolher as atividades a serem incentivadas requer uma avaliação do potencial econômico das atividades."*





volvimento, simplesmente porque a que é feita pelos países desenvolvidos não têm como foco adaptar-se ao contexto dos países em desenvolvimento.

Mas, políticas industriais são ferramentas, que por si só não são suficientes para alavancar a indústria. O sucesso depende de uma governança forte: papéis claros das instituições, coordenação, capacidade de implementação e adaptação.

Escolhas difíceis

A próxima questão é identificar quais atividades apresentam maiores possibilidades de externalidades positivas e, em seguida, quais devem ser priorizadas e como alocar os recursos escassos entre as ferramentas disponíveis e os potenciais beneficiários. Decidir quais as atividades são estratégicas e merecedoras de apoio governamental é um tema complexo, conflituoso e tendente a ser manuseado por grupos de influência. Não custa lembrar: política industrial não é escolher vencedores em gabinetes.

> *"O principal ativo da região Nordeste - precisa ser administrado com visão estratégica."*

Mesmo com o avanço da teoria econômica e da vasta base de dados que pode ser manuseada atualmente, não temos como usar modelos econômicos nessa tarefa. Escolher as atividades a serem incentivadas requer uma avaliação do potencial econômico das atividades, dos riscos e da capacidade institucional dos governos.

Num país grande e heterogêneo como o Brasil, as políticas industriais devem ser consideradas em nível regional, ou mesmo estadual.

Não há uma metodologia única, nem a possibilidade de se copiar políticas industriais bem-sucedidas na China, Coréia do Sul, Singapura ou Taiwan. As condições sociais, culturais, econômicas são distintas. Copiar e colar não funciona aqui.

Uma metodologia básica, a ser adaptada em cada situação concreta: (1) listar os benefícios da atividade, as principais externalidades e seus impactos, (2) listar as oportunidades, isto é, o mercado potencial, a concorrência e (3) listar os riscos envolvidos, as vantagens comparativas.

Desafios para 2027

Devemos começar o ano de 2027 com uma expectativa de crescimento do PIB em torno de 1% no ano. Dívida do setor público de aproximadamente 83% do PIB, déficit nominal da ordem de 9% do PIB, muitas empresas e famílias endividadas, taxa básica de juros na casa dos 13,5% ao ano.

A combinação de alta dívida pública com altos juros resulta no custo da dívida da ordem de R$ 1,2 trilhão/ano. Para efeito de comparação, isso equivale ao PIB da Bahia, Pernambuco, Ceará, Maranhão e Rio Grande do Norte, juntos.

Só poderemos sair dessa armadilha em que nos metemos com muito crescimento. Pensar em nova política industrial para o país, parece um bom começo.

Temas para o Nordeste

Energia abundante, do sol e do vento (que pode ser transformada em energia elétrica que movimenta máquinas), com preços competitivos, é o principal ativo da região Nordeste - precisa ser administrado com visão estratégica.

Também são promissoras as possibilidades de desenvolvimento de cadeias produtivas de álcool a partir do agave e biocombustíveis a partir da macaúba.

O Estado não deve e não pode substituir o investidor. As políticas industriais devem promover a região como solução para a descarbonização, prover infraestrutura e outros bens públicos, reduzir falhas de coordenação que bloqueiam os investimentos e vincular apoio público à aprendizagem, tecnologia e integração produtiva.

As cadeias produtivas intensivas no uso de energia têm elos que envolvem pesquisa, engenharia, manutenção, automação, logística, serviços digitais, finanças; integram pequenas e médias empresas; formam trabalhadores. Mais importante que o valor anunciado dos investimentos e a geração de vagas durante a fase de construção é a capacidade de elevar a produtividade e gerar valor, empregos de qualidade, renda, conhecimento, tecnologia e conexões internacionais.

Há desafios, porém. as janelas de oportunidades não ficam abertas indefinidamente. Avanços tecnológicos reduzem as diferenças de custos, a médio prazo, outros locais e outras fontes de energia surgirão com o tempo. ■



BAHIA 2030: PEQUENOS NEGÓCIOS PARA UMA NOVA ECONOMIA

Jorge Khoury *- Diretor Superintendente do Sebrae Bahia*

Olhar para a Bahia de 2030, para nós, do Sebrae, é vislumbrar a capacidade da nossa gente de transformar potencial em prosperidade. É trabalhar por um estado que cresce de forma mais sustentável, inovadora e inclusiva, apoiado na força dos pequenos negócios e na capacidade empreendedora do seu povo. Mais do que uma projeção de futuro, trata-se de uma construção que já está em andamento e que exige o compromisso conjunto de empreendedores, setor produtivo, governos, instituições de ensino e organizações de apoio ao desenvolvimento.

Os pequenos negócios ocupam posição estratégica nessa jornada. Hoje, eles representam a base da economia baiana, movimentam as cadeias produtivas locais, promovem a inclusão econômica e ajudam a reduzir desigualdades entre regiões. É nos bairros, comunidades e municípios que a força empreendedora se mostra viva na vida dos brasileiros. A Bahia possui, em 2026, um universo estimado de 1,2 milhão de pequenos negócios, com cerca de 871 mil microempreendedores individuais (MEI) e 402 mil micro e pequenas empresas (ME e EPP).

Além de numerosos, esses empreendimentos continuam demonstrando sua relevância para a geração de emprego e renda. Segundo dados do Caged, levantados pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), entre janeiro e julho de 2026, a Bahia registrou saldo de 60.697 postos formais de trabalho. Desse total, 38.343 vagas foram criadas pelas micro e pequenas empresas, o equivalente a 63,2% dos empregos gerados no estado. Em 2025, no mesmo período, os pequenos negócios já haviam respondido por 45.443 das 77.818 vagas criadas, representando 58,4% do total. Os números confirmam um fato incontestável: são os pequenos negócios que sustentam boa parte da dinâmica econômica e do mercado de trabalho baiano.

> *"A Bahia possui, em 2026, um universo estimado de 1,2 milhão de pequenos negócios, com cerca de 871 mil microempreendedores individuais (MEI) e 402 mil micro e pequenas empresas (ME e EPP)."*


parqueteconologico-ba.org.br


Magnific.com/ @pkisuperstar

"A Bahia possui um ecossistema cada vez mais dinâmico, formado por startups, universidades, centros de pesquisa, parques tecnológicos e ambientes de inovação."

Ao olhar para 2030, entretanto, não basta crescer em quantidade. A nova economia que se desenha para um futuro impactado pela tecnologia e pelas soluções de Inteligência Artificial, por exemplo, exige produtividade, inovação, sustentabilidade e competitividade. O desafio não é apenas abrir empresas, mas criar condições para que elas sejam mais resilientes, digitais, eficientes e capazes de competir em mercados cada vez mais exigentes.

É justamente nesse contexto que o Sebrae Bahia exerce seu papel estratégico. Nossa atuação vai muito além do atendimento empresarial. Trabalhamos para fortalecer o ambiente de negócios, ampliar oportunidades, desenvolver lideranças empreendedoras e estimular uma cultura de inovação que alcance todas as regiões do estado. É um trabalho ainda de reforçar a participação dos pequenos negócios em encadeamentos produtivos e de consolidar redes de apoio a quem empreende por meio de instituições parceiras.



"A Bahia possui uma extraordinária diversidade econômica, cultural e ambiental."

Uma das iniciativas mais relevantes nesse processo é o Programa Cidade Empreendedora. Por meio dele, atuamos em conjunto com prefeituras, gestores públicos e lideranças locais para criar condições mais favoráveis ao desenvolvimento dos pequenos negócios. A iniciativa reúne ações voltadas para desburocratização, compras públicas, educação empreendedora, inovação, gestão pública e fortalecimento das economias locais.

Somente em 2025, o programa alcançou 184 municípios baianos. Nos últimos oito anos, foram 290 municípios atendidos, demonstrando a amplitude de uma atuação que busca transformar o empreendedorismo em política pública estruturante para o desenvolvimento territorial. Esse compromisso também se reflete em iniciativas como o Salão das Cidades Empreendedoras, realizado este ano em Salvador, que funciona como uma grande vitrine para que os municípios apresentem suas potencialidades, compartilhem boas práticas, fortaleçam sua governança e ampliem sua capacidade de atração de investimentos.

Mas a construção da nova economia baiana exige avanços adicionais. O primeiro deles é a aceleração da transformação digital. Pequenos negócios que incorporam tecnologia conseguem ampliar mercados, melhorar a eficiência operacional, acessar novos canais de vendas e tomar decisões mais inteligentes baseadas em dados. Levar essa transformação para empresas de micro e pequeno portes e diversos setores continua sendo uma prioridade para os próximos anos.

Outro eixo fundamental é a inovação. A Bahia possui um ecossistema cada vez mais dinâmico, formado por startups, universidades, centros de pesquisa, parques tecnológicos e ambientes de inovação. O desafio agora é ampliar as conexões entre esses atores e os pequenos negócios tradicionais, permitindo que a inovação transborde e impacte com soluções para o comércio, a indústria, os serviços, o turismo e o agronegócio.

A qualificação empresarial também é decisiva para o futuro. Empreendedores preparados gerenciam melhor seus negócios, acessam mercados

mais sofisticados, incorporam práticas sustentáveis e respondem com mais rapidez às mudanças econômicas. Investir na formação empreendedora, desde a educação básica até a capacitação empresarial continuada, é investir diretamente na competitividade da Bahia.

A sustentabilidade, por sua vez, deixa de ser apenas uma pauta ambiental para se tornar um fator de competitividade. Consumidores, investidores e mercados valorizam negócios comprometidos com boas práticas ambientais, sociais e de governança. A economia de baixo carbono, a eficiência energética, a economia circular e o uso responsável dos recursos naturais criarão novas oportunidades para os pequenos negócios baianos nos próximos anos.

Outro aspecto essencial será o fortalecimento das vocações territoriais. A Bahia possui uma extraordinária diversidade econômica, cultural e ambiental. O turismo, a economia criativa, o agronegócio, a economia do mar, a bioeconomia, a indústria de alimentos e bebidas e os negócios ligados à cultura e à identidade dos territórios representam oportunidades concretas para gerar desenvolvimento sustentável e valor agregado às economias locais.

Com toda certeza, a Bahia de 2030 será resultado das escolhas que fazemos agora. Se quisermos uma economia mais competitiva, inclusiva e inovadora, precisamos continuar investindo no empreendedorismo como instrumento de transformação social e econômica. Precisamos fortalecer os pequenos negócios, ampliar o acesso à inovação, criar ambientes favoráveis ao investimento e desenvolver talentos capazes de liderar as mudanças que já estão em curso.

Nós, do Sebrae Bahia, seguiremos atuando como parceiro estratégico dessa construção. Afinal, quando fortalecemos os pequenos negócios, fortalecemos os municípios. Quando impulsionamos o empreendedorismo, geramos oportunidades. E quando estimulamos a inovação, criamos as bases para uma economia mais moderna, sustentável e preparada para os desafios do futuro.

A nova economia baiana não será construída por um único ator. Ela nasce da colaboração e da capacidade criativa de milhares de empreendedores espalhados por todo o estado. E é por isso que podemos olhar para 2030 com confiança: a Bahia já possui o principal ativo para construir esse futuro, que é a força empreendedora do seu povo. Somado ao conhecimento, visão estratégica e preparação, esse diferencial se mostra como um grande motor de desenvolvimento e transformação social e econômica no nosso vasto território. ■





A SANTA CASA DA BAHIA NO SEU TEMPO E À ALTURA DE SUA HISTÓRIA

José Antônio Rodrigues Alves *– Provedor da Santa Casa de Misericórdia da Bahia*

Poucas instituições atravessaram tantos períodos da história mantendo uma presença tão contínua na vida da sociedade. A **Santa Casa da Bahia** chega ao presente com uma história que começou há séculos e permanece ligada a uma mesma finalidade.

Desde que nossos antecessores iniciaram essa obra no século XVI, a cidade mudou, a sociedade se transformou e as necessidades da população adquiriram novas dimensões. A instituição acompanhou essas mudanças sem abandonar o princípio que orienta sua existência, o compromisso de bem servir.

Ao longo do tempo, nossa Casa ampliou sua atuação e passou a desempenhar diferentes funções na vida social. Saúde, educação, assistência, formação profissional, cultura, memória e patrimônio integram uma mesma trajetória. São expressões de uma instituição que compreendeu que sua função social exige presença, organização e capacidade de responder às necessidades de cada época.

A permanência e vitalidade de uma organização dependem da capacidade de preservar princípios e rever práticas, incorporar conhecimentos e administrar com responsabilidade os recursos de que dispõe. A **Misericórdia** baiana soube fazê-lo.

Hoje, somos mais de 6.200 colaboradores no Núcleo Executivo e quase 600 Irmãos Voluntários. São pessoas de diferentes profissões e trajetórias, responsáveis pelo funcionamento diário de uma estrutura que reúne assistência, gestão, ensino, pesquisa e ação social.

No Bairro da Paz, milhares de refeições são distribuídas diariamente. Centena de crianças são acolhidas nos Centros de Educação Infantil. Cursos e oficinas de arte, alfabetização e qualificação profissional oferecem oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento.

> *"Saúde, educação, assistência, formação profissional, cultura, memória e patrimônio integram uma mesma trajetória."*


Santa Casa


Santa Casa

> *"O desempenho institucional também recebeu reconhecimento internacional."*

Na educação superior, a Faculdade Santa Casa já oferece bolsas gratuitas a mais de 340 estudantes de Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição e Psicologia. Na formação médica, a Residência do Hospital Santa Izabel reúne mais de quatro décadas de atividade, 19 especialidades e 140 médicos residentes. Gerações de profissionais passaram pelo nosso hospital e levaram para outros serviços conhecimento e experiência adquiridos em equipes de alta complexidade.

O **Hospital Santa Izabel** é uma das expressões mais importantes dessa trajetória. Aos 133 anos, mantém atividade assistencial de grande complexidade, recebendo pacientes que necessitam de diagnóstico preciso, tratamento especializado e decisões clínicas fundamentadas. Seu papel exige atualização técnica, processos seguros e equipes qualificadas.

Nos últimos anos, foram realizados investimentos expressivos em infraestrutura, tecnologia, segurança, processos e desenvolvimento profissional. Os resultados aparecem em áreas como Cardiologia, Neurologia, Oncologia, Ortopedia e Pediatria, além da expansão da Bioimagem e da Medicina Nuclear, do avanço no Transplante de Medula Óssea e da consolidação da cirurgia robótica e dos procedimentos minimamente invasivos.

A tecnologia, entretanto, não constitui um fim em si mesma. Seu valor depende da qualificação dos profissionais, da segurança dos processos e da capacidade de transformar recursos técnicos em melhores condições de diagnóstico e tratamento.

Por isso, a formação ocupa posição estratégica. A convivência entre assistência e ensino permite que médicos em formação aprendam com profissionais experientes e participem de atividades de elevada complexidade. O hospital também participa da produção científica, aproximando a experiência clínica da pesquisa e incorporando novos conhecimentos quando demonstram valor para a assistência.



Essa contribuição alcança uma dimensão ainda maior na relação da Santa Casa com o Sistema Único de Saúde. Como instituição filantrópica, participa da oferta de serviços à população e integra a rede que sustenta o SUS, especialmente em áreas de maior complexidade. A assistência do Santa Izabel soma-se à atuação em unidades públicas administradas pela instituição, como o Hospital Municipal de Salvador e o CER II.

Essa presença exige capacidade assistencial, qualificação profissional e rigor na gestão dos recursos. A filantropia, nessa perspectiva, não se limita à assistência direta. Envolve também colocar estruturas, conhecimento, profissionais e experiência administrativa a serviço de uma política pública essencial à população.

As transformações da saúde tornam essa responsabilidade ainda maior. A medicina dispõe de recursos cada vez mais sofisticados, mas sua incorporação demanda critérios técnicos, planejamento e avaliação. A gestão precisa conciliar qualidade assistencial, segurança, eficiência operacional e equilíbrio econômico.

> *"Pensar na Bahia de 2030 implica considerar as condições necessárias para oferecer uma saúde compatível com as transformações demográficas, sociais e tecnológicas."*

Essa compreensão também orienta a atuação ambiental. Em nove anos, nosso hospital reduziu pela metade o consumo de água, mesmo com a expansão de suas atividades. Avançou no uso de fontes renováveis de energia e antecipou em cinco anos a meta de redução de 50% das emissões de gases de efeito estufa prevista para 2030 pela campanha *Race to Zero*.

O desempenho institucional também recebeu reconhecimento internacional. O Santa Izabel esteve entre os finalistas do *IHF Awards, da International Hospital Federation*, em uma edição com mais de 700 projetos de 38 países, sendo o único representante brasileiro na Suíça. Em 2026, figurou entre os 40 melhores hospitais do Brasil no ranking *World's Best Hospitals*, da revista *Newsweek*, como o único hospital filantrópico do Nordeste nessa relação.

Esses resultados refletem trabalho continuado, apoiado em investimento, planejamento e avaliação. Mais do que distinções, interessam à instituição os padrões de qualidade que consegue estabelecer e manter.

A responsabilidade da Santa Casa compreende também a preservação do patrimônio. O **Campo Santo** integra a história de Salvador e da própria instituição. O **Museu da Misericórdia** mantém viva essa memória e amplia seu acesso pela sociedade e pelas novas gerações, sendo hoje um dos equipamentos culturais mais visitados do Centro Histórico de Salvador.

Na saúde pública, a administração do Hospital Municipal de Salvador e do CER II acrescenta uma responsabilidade específica. Gerir serviços dessa natureza exige integridade na condução dos recursos, rigor administrativo, conhecimento técnico e respeito às finalidades públicas. Administrar a saúde pública com honestidade e competência significa organizar estruturas, valorizar equipes, acompanhar resultados e assegurar que os recursos sejam aplicados em benefício da população.

Essa capacidade de execução é parte importante da trajetória da **Misericórdia**. A finalidade social precisa estar acompanhada de eficiência administrativa. É o que permite sustentar serviços, ampliar a capacidade de atendimento e dar continuidade às atividades assistenciais e sociais.

Consideradas em conjunto, essas frentes revelam a dimensão de uma instituição que alcança diferentes necessidades da população, da assistência hospitalar à educação, da formação profissional à ação social, da participação no SUS à preservação do patrimônio. Essa diversidade exige uma administração preparada para lidar com estruturas e desafios distintos.

Pensar na Bahia de 2030 implica considerar as condições necessárias para oferecer uma saúde compatível com as transformações demográficas, sociais e tecnológicas. Será preciso formar profissionais, produzir conhecimento, incorporar recursos de comprovado valor assistencial e aperfeiçoar a gestão dos serviços. Também será necessário assegurar que recursos públicos e privados sejam aplicados com transparência, eficiência e respeito ao interesse coletivo.

A saúde tem uma dimensão econômica e social importante. Um sistema estruturado gera empregos qualificados, movimenta cadeias de serviços e fornecedores, forma profissionais e favorece a produção de conhecimento. Sua finalidade principal, contudo, está na assistência às pessoas, na capacidade de diagnosticar, tratar, recuperar e, sempre que possível, devolver ao paciente sua autonomia e suas condições de vida.

É a partir dessa compreensão que nossa Casa orienta suas escolhas. Continuaremos investindo na assistência, na formação de profissionais, na pesquisa, na sustentabilidade e no aperfeiçoamento de nossas estruturas. Manteremos também a atuação na educação, na ação social, na saúde pública e na preservação do patrimônio.

A Santa Casa recebeu de gerações anteriores uma instituição de grande significado para a Bahia. Cabe à nossa geração conduzi-la com o conhecimento, os instrumentos e os padrões de gestão que o presente exige.

Honrar essa história é assegurar que ela continue tendo utilidade pública, relevância social e capacidade de realização. ■





O PAPEL DA INDÚSTRIA NA TRANSIÇÃO PARA UMA ECONOMIA DE BAIXO CARBONO

Raphael Campos *- Vice-Presidente Global de Operações da Braskem*

A transição para uma economia de baixo carbono está redefinindo as bases da competitividade industrial. Cada vez mais, a capacidade de produzir bens essenciais com menor intensidade de carbono e de forma economicamente viável será um diferencial para empresas e países. Para a indústria brasileira, esse movimento representa mais do que um desafio ambiental. É uma oportunidade de acelerar sua própria transformação e, ao mesmo tempo, estimular as cadeias das quais faz parte.

Mas transformar essa oportunidade em realidade exige enfrentar desafios que vão muito além da operação industrial. Essa mudança não se resume somente à redução das emissões dentro das fábricas. Ela envolve investimentos em novas tecnologias, transformação de processos produtivos, desenvolvimento de matérias-primas alternativas e criação de mercados para produtos mais sustentáveis. Também exige condições que viabilizem economicamente essa transformação, como disponibilidade de energia competitiva, infraestrutura adequada, segurança regulatória e acesso a financiamento de longo prazo.

Na Braskem, o Programa de Descarbonização Industrial impulsiona, desde 2021, as iniciativas para reduzir emissões e aumentar a eficiência operacional. Como resultado, a companhia alcançou recentemente mais de dois terços do seu objetivo de reduzir em 15% as emissões absolutas de gases de efeito estufa (GEE) de suas operações até 2030. O programa já colocou em operação ações responsáveis pela redução de mais de 1,2 milhão de toneladas de CO_2e por ano, sendo a Bahia responsável por 200 mil toneladas desse total.Um dos exemplos de maior destaque foi o projeto de Aumento da Produção Específica das Caldeiras da UTE, implementado na unidade Químicos 1 (Q 1 BA) e conduzido por engenheiros do Polo Industrial de Camaçari. A iniciativa integrou análises multivariáveis e aprimoramentos operacionais com o objetivo de eliminar desperdícios, minimizar falhas e reduzir a variabilidade do processo, contribuindo para o aumento da eficiência operacional. Como resultado, o projeto proporcionou ganhos significativos com a redução do consumo de combustível, além de evitar a emissão de aproximadamente 30 mil toneladas de CO_2e e reduzir em 46% as perdas de água associadas ao processo.

> *"Para a indústria brasileira, esse movimento representa mais do que um desafio ambiental."*

Outra iniciativa importante foi o projeto de digitalização das operações e otimização do consumo energético dos fornos de pirólise, equipamentos de alta demanda energética e fundamentais para o funcionamento das centrais petroquímicas. Intitulado *Multivariate Process Analysis* (ProMV),


Divulgação Braskem

> *"Descarbonizar uma indústria de base não significa apenas substituir uma máquina por outra."*

o projeto foi desenvolvido com o apoio do Centro Digital da Braskem, integrando ferramentas de análise de dados, automação, inteligência artificial e Internet das Coisas (IoT). A partir da aplicação de modelos matemáticos, estatísticos e de simulação em tempo real, a iniciativa permite otimizar o consumo de energia na operação dos fornos de pirólise, promovendo maior eficiência e desempenho operacional.

O desafio já não está apenas na definição de metas, mas na construção de caminhos viáveis para implementá-las. Como aponta a Agência Internacional de Energia Renovável (IRENA, 2026), a eletrificação tende a desempenhar papel crescente na redução das emissões industriais, mas seu avanço está diretamente ligado à expansão das energias renováveis, à modernização das redes elétricas e ao desenvolvimento de infraestrutura capaz de sustentar essa transformação.

Por isso, em adição às iniciativas voltadas à eficiência energética de nossas operações industriais, é importante destacar que, na Bahia, mais de 90% da energia elétrica adquirida pela Braskem nos últimos anos foi proveniente de fontes renováveis. Esse resultado foi impulsionado por contratos de longo prazo e por investimentos em projetos de geração de energia renovável, incluindo parques eólicos localizados nos municípios baianos de Urandi, Jacaraci, Licínio de Almeida e Campo Formoso, que contribuem com a capacidade instalada do país em mais de 400 MW. São iniciativas que reforçam o avanço consistente da companhia em sua jornada de transição energética e contribuíram para que, em 2025, 85% da energia elétrica adquirida globalmente pela Braskem tivesse origem em fontes renováveis, antecipando o compromisso de ampliar a participação de energia renovável na matriz elétrica da companhia até 2030.

O ponto central, agora, é como avançar nessa trajetória sem comprometer a competitividade da indústria, especialmente em setores intensivos em capital e energia, onde os ciclos de investimento são longos e as decisões dependem de condições econômicas favoráveis.

Nesse cenário, outro avanço relevante foi o fortalecimento da agenda de transição energética da Braskem por meio da migração de unidades industriais para o mercado livre de gás natural. Na Bahia, a migração da planta Q 1 foi iniciada em 2025 e vem sendo realizada de forma gradual. A iniciativa reforça a estratégia da companhia de ampliar sua competitividade, aumentar a eficiência operacional e reduzir a intensidade de carbono de sua matriz energética.

Descarbonizar uma indústria de base não significa apenas substituir uma máquina por outra. Na grande maioria dos casos, é necessário redesenhar processos por inteiro, encontrar novas matérias-primas, desenvolver tecnologias ainda não disponíveis em escala, criar infraestrutura e estimular mercados consumidores dispostos a absorver o custo inicial dessas soluções.

É o que torna a indústria química particularmente emblemática. Estudo da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim) estima que as diferentes trajetórias para a neutralidade climática do setor exigirão entre US$ 69 bilhões e US$ 93 bilhões em investimentos nas próximas décadas. O levantamento também aponta que caminhos que aproveitam vantagens brasileiras, como biomassa sustentável e tecnologias já disponíveis, podem apresentar melhores condições econômicas.

Nesse contexto, a inovação não está apenas no desenvolvimento de tecnologias de menor carbono, mas na capacidade de torná-las viáveis em escala. É justamente por isso que a transição para uma economia de baixo carbono não será construída por um único setor. Empresas, governos, instituições financeiras, universidades, clientes e fornecedores têm papéis complementares na criação das condições necessárias para acelerar essa transformação de forma competitiva e sustentável.

Mais do que apontar respostas definitivas, este é o momento de ampliar a construção coletiva de soluções que permitam conciliar ambição climática, desenvolvimento industrial e geração de valor para a sociedade. ■



SUSTENTABILIDADE, TECNOLOGIA E O FUTURO DE UMA BAHIA MAIS COMPETITIVA

Ciro Gouveia *- Diretor-Presidente da Cetrel*

O crescimento econômico e a sustentabilidade ambiental já não podem ser pensados separadamente. A forma como uma atividade utiliza recursos naturais, previne riscos e lida com seus impactos interfere diretamente na continuidade da operação e na capacidade de planejar novos investimentos. Até 2030, esse equilíbrio terá papel importante para empresas e territórios que precisam conciliar crescimento, eficiência e segurança ambiental.

Na Bahia, essa discussão envolve indústria, agropecuária, infraestrutura, expansão urbana e outras atividades que dependem diretamente dos recursos naturais. Cada uma delas apresenta demandas e riscos próprios. Reduzir perdas, evitar passivos e conhecer antecipadamente as condições de uma operação ou de um território pode ser decisivo para a continuidade de uma atividade e para a atração de investimentos. Esse cenário ganha ainda mais relevância em um estado de dimensões e características diversas, que reúne uma trajetória industrial consolidada e novas frentes de desenvolvimento econômico em diferentes regiões.

> *"Desafios ambientais precisam ser compreendidos e tratados de forma integrada."*

Essa visão orienta a atuação da Cetrel desde o início de suas operações. Localizada no Polo Industrial de Camaçari, na Bahia, a empresa nasceu junto com um dos principais polos industriais do país e construiu sua trajetória acompanhando os desafios ambientais associados ao desenvolvimento industrial. Desafios ambientais precisam ser compreendidos e tratados de forma integrada. Prevenção, tratamento, monitoramento, engenharia e resposta fazem parte de um mesmo processo, no qual as informações geradas em cada etapa podem orientar as decisões seguintes. E essa abordagem muda a forma de pensar a gestão ambiental.

A própria presença da Cetrel na Bahia ajuda a ilustrar o pioneirismo do estado na construção de soluções ambientais voltadas à indústria. Ao longo de décadas, a experiência acumulada no Polo Industrial de Camaçari acompanhou a evolução das demandas ambientais e contribuiu para ampliar a capacidade de prevenção, monitoramento e resposta a diferentes tipos de riscos.

É também por essa perspectiva que pensar em uma

Bahia mais competitiva passa pela capacidade de compreender uma operação, acompanhar seus impactos e antecipar problemas. Quanto maior essa capacidade, maior a possibilidade de tomar decisões com segurança e previsibilidade.

Da preparação e prevenção à prontidão para resposta

Uma gestão ambiental consistente precisa olhar para o problema antes, durante e depois de uma ocorrência. O processo começa na prevenção e no diagnóstico, passa pelo tratamento e pelo monitoramento e continua na análise dos resultados. Quando necessário, também precisa haver preparação para responder rapidamente a uma ocorrência e incorporar os aprendizados dessa resposta ao planejamento, orientando as decisões futuras.

Da informação à decisão

A tecnologia ampliou a capacidade de acompanhar variáveis ambientais, reunir informações de diferentes fontes e identificar alterações que poderiam passar despercebidas em uma análise pontual. Sensores, sistemas de monitoramento, automação e ferramentas de modelagem são recursos importantes, mas não resolvem o problema sozinhos. O valor dessas ferramentas está na capacidade de transformar informação em conhecimento para orientar decisões.

Para isso, é preciso saber o que medir, como interpretar os resultados e quais informações devem ser cruzadas para compreender uma situação. Um indicador fora de determinado parâmetro pode ter causas e implicações diferentes de acordo com as características de uma operação ou de um território. Histórico, condições locais e outras variáveis ajudam a dar significado ao dado e a definir a resposta mais adequada.



Acervo Cetrel

"Tecnologia contribui ao fornecer informações para avaliar a situação, mas sua efetividade depende de profissionais capazes."

É nesse ponto que a engenharia ganha importância: transformar o diagnóstico em uma resposta adequada às características de cada situação. Essa relação aproxima sustentabilidade e eficiência operacional. Uma solução ambiental bem dimensionada pode reduzir desperdícios, melhorar o uso de recursos e diminuir a exposição a riscos. Depois de implantada, seus resultados voltam a alimentar a análise e podem indicar se a estratégia deve ser mantida ou ajustada.

Monitorar para antecipar

Quando existe histórico e capacidade de análise, os dados permitem observar como uma condição ambiental se comporta ao longo do tempo. Uma alteração pontual pode ter pouco significado isoladamente, mas ganha outra dimensão quando comparada com medições anteriores e com outras variáveis.

Esse acompanhamento permite reconhecer tendências, identificar mudanças e avaliar se as medidas adotadas estão produzindo o resultado esperado. Também cria condições para rever uma estratégia antes que uma alteração se transforme em um problema maior. O monitoramento, nesse caso, deixa de ser uma etapa de verificação e passa a participar da tomada de decisão.

Essa abrangência ajuda a mostrar que o monitoramento não se limita a uma variável ou a um momento específico: ele pode acompanhar diferentes aspectos de uma operação e do território em que ela está inserida.

Planos de emergência, treinamentos e simulados ajudam a organizar uma eventual resposta. A Cetrel mantém uma estrutura de prontidão para emergências ambientais e atua com planos, treinamentos, simulados e equipes especializadas. A tecnologia contribui ao fornecer informações para avaliar a situação, mas sua efetividade depende de profissionais capazes de interpretar esses dados e transformá-los em ação.

Depois da ocorrência, o trabalho continua. Registros, resultados e aprendizados podem levar à revisão de procedimentos e ao aperfeiçoamento das medidas de prevenção. Uma emergência também gera conhecimento: o que foi observado em uma situação pode voltar para o planejamento e ajudar a reduzir riscos ou melhorar a resposta em uma ocorrência futura.

Soluções integradas e inovação ambiental

Se o desafio para os próximos anos é produzir com mais eficiência e menor exposição a riscos ambientais, a resposta não está em uma única tecnologia ou solução. Está na capacidade de combinar conhecimento técnico, engenharia, dados, monitoramento e pessoas preparadas para interpretar informações e tomar decisões.

Essa integração aparece de forma concreta na atuação da Cetrel. O ponto relevante, porém, não é a quantidade de soluções oferecidas, mas a possibilidade de conectá-las de acordo com as necessidades de cada operação.

Essa perspectiva será importante para a Bahia nos próximos anos. O estado vive um processo de expansão e diversificação de atividades econômicas que alcança diferentes regiões, do entorno dos polos industriais tradicionais a áreas que vêm recebendo novos investimentos em produção, infraestrutura e atividades ligadas ao agronegócio. O crescimento econômico do Oeste baiano é um exemplo desse movimento, mas não é o único: à medida que diferentes territórios ampliam suas atividades, a gestão dos recursos naturais e dos riscos ambientais precisa acompanhar esse processo.

Até 2030, integrar conhecimento, tecnologia e engenharia pode ajudar empresas e territórios a tomar decisões mais precisas, reduzir perdas e aumentar a previsibilidade das operações.

A inovação ambiental, portanto, não está apenas em adotar uma nova ferramenta. Está em conectar informação, análise e ação para resolver problemas concretos. É essa forma integrada de trabalhar que pode contribuir para uma Bahia mais eficiente, preparada e competitiva. ■



Acervo Cetrel



Acervo Cetrel

"É essa forma integrada de trabalhar que pode contribuir para uma Bahia mais eficiente, preparada e competitiva."

Desenvolver comunidades é fortalecer a economia da Bahia.



Mislayne de Jesus, moradora da comunidade de Tapera em Inhambupe, integrante da Cooperativa de Trabalho das Costureiras de Inhambupe e Região (Coopecir).



Simone Andrade, moradora da comunidade quilombola Catuzinho, em Alagoinhas, que é apoiada pelo programa Nós do Campo.

Acreditamos que o desenvolvimento econômico acontece de forma mais consistente quando gera oportunidades para as pessoas.

Por isso, a Bracell investe em iniciativas que fortalecem a educação, apoiam a geração de renda, impulsionam o empreendedorismo comunitário e promovem cidadania nas regiões onde atua.

Em 2025, mais de 57 mil pessoas foram beneficiadas por ações sociais que fortalecem a educação pública, a agricultura familiar e o crescimento de negócios locais.

Porque quando um território se desenvolve, toda a economia cresce.

www.bracell.com

NOS ACOMPANHE EM NOSSAS REDES SOCIAIS

Bracell

FAZER A DIFERENÇA EM CADA DETALHE



GESTÃO ESTRATÉGICA E INOVAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO FUTURO DA ENERGIA

Cristiane Formosinho Conde *- Diretora de Suporte à Gestão na Origem Energia*

Em um cenário de transformação do setor energético, a Bahia reúne oportunidades para ampliar sua produção de gás natural, atrair investimentos e fortalecer sua competitividade industrial. Nesse contexto, a Origem Energia aposta no potencial da Bacia de Tucano Sul, com a aquisição de quatro novos blocos exploratórios e a perspectiva de ampliar suas operações no estado.

Nesta entrevista exclusiva à *Revista Bahia Econômica*, Cristiane Formosinho Conde, Diretora de Suporte à Gestão na Origem Energia, analisa as perspectivas para o setor de petróleo e gás, as oportunidades de geração de negócios e desenvolvimento regional, além dos desafios para conciliar segurança energética, inovação e sustentabilidade. A executiva também destaca a importância de um ambiente de negócios favorável, com segurança jurídica, infraestrutura adequada e mão de obra qualificada, para transformar o potencial energético baiano em desenvolvimento econômico.

Ao projetar a Bahia para 2030, Cristiane ressalta o papel da integração entre diferentes fontes de energia e dos investimentos de longo prazo na construção de uma economia mais dinâmica, competitiva e preparada para as oportunidades do futuro.

O setor de petróleo e gás possui uma longa e importante trajetória na Bahia. Na sua avaliação, quais são as novas oportunidades que se apresentam para o Estado nesse segmento nos próximos anos?

A Bahia tem uma trajetória histórica na indústria brasileira de petróleo e gás e reúne condições importantes para protagonizar uma nova etapa de desenvolvimento energético. Além da revitalização de campos maduros, vemos oportunidades relevantes na exploração de novas reservas de gás natural, especialmente em regiões que já contam com infraestrutura de produção e escoamento.

Nossa confiança nesse potencial se traduz em investimentos e decisões estratégicas. No dia 7 de outubro, a Origem Energia arrematou quatro novos blocos exploratórios na Bacia de Tucano Sul, durante o 6º Ciclo da Oferta

> *"Acreditamos que o gás natural terá um papel importante nos próximos anos, tanto para ampliar a segurança e a flexibilidade do sistema energético, quanto para apoiar a competitividade da indústria."*



"O setor de petróleo e gás demanda serviços altamente especializados, o que também representa uma oportunidade para estimular a qualificação profissional."

Permanente da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). Esse movimento reforça nossa estratégia de ampliar a presença na Bahia e explorar o potencial de uma bacia que consideramos promissora, com vocação para o gás natural e ainda pouco explorada.

Acreditamos que o gás natural terá um papel importante nos próximos anos, tanto para ampliar a segurança e a flexibilidade do sistema energético, quanto para apoiar a competitividade da indústria. A Bahia tem a oportunidade de combinar sua tradição no setor com novas frentes de exploração, aproveitamento da infraestrutura existente e desenvolvimento de soluções energéticas integradas.

Como a Origem Energia enxerga a contribuição do setor de petróleo e gás e seus impactos em termos de produção, empregos e novos negócios para a Bahia nos próximos anos?

Enxergamos um potencial significativo de contribuição para o desenvolvimento econômico da Bahia, especialmente a partir da ampliação dos investimentos em exploração e desenvolvimento da produção de gás natural nos ativos do Polo Tucano Sul.

A Origem já possui uma presença importante no estado por meio do Polo Tucano Sul, que reúne quatro campos produtores, sendo Fazenda Matinha, Conceição, Quererá e Fazenda Santa Rosa, além de infraestrutura de processamento, escoamento de gás natural e blocos exploratórios. Agora, com os quatro novos blocos exploratórios arrematados no 6º Ciclo da Oferta Permanente da ANP, reforçamos nossa perspectiva de crescimento na região. A ideia é intensificar atividades nos blocos exploratórios e otimizar o desenvolvimento dos campos com a realização de investimentos nos próximos dois anos.

Nossa estratégia é associar o desenvolvimento dos campos existentes com a exploração de novas áreas, aproveitando as sinergias operacionais e a infraestrutura já instalada. A experiência que acumulamos no Polo Alagoas demonstra nossa capacidade de desenvolver ativos e integrar diferentes etapas da cadeia do gás natural.

Esse movimento tem potencial para estimular a contratação de serviços especializados, gerar oportunidades para fornecedores e profissionais locais e fortalecer a cadeia produtiva regional. É importante destacar que a exploração envolve etapas técnicas e riscos geológicos, mas acreditamos no potencial e no sucesso dos investimentos que certamente contribuirão para a ampliação da atividade econômica nos municípios onde estamos presentes.

Como a Origem Energia trabalha para estimular fornecedores, parceiros e oportunidades nas regiões onde está presente?

Acreditamos que o desenvolvimento dos nossos negócios deva caminhar junto com o fortalecimento das economias locais. Por isso, busca-

mos priorizar, sempre que possível, a contratação de profissionais, fornecedores e serviços das regiões onde atuamos, observando os requisitos técnicos, de segurança e de qualidade exigidos pela indústria.

O setor de petróleo e gás demanda serviços altamente especializados, o que também representa uma oportunidade para estimular a qualificação profissional e o desenvolvimento local da cadeia de fornecedores.

Na Bahia, a ampliação da nossa presença em Tucano Sul, reforçada pelos quatro novos blocos exploratórios, abre perspectivas para novas atividades e oportunidades de negócios ao longo das próximas etapas de exploração e desenvolvimento.

Nosso objetivo é construir relações de longo prazo com os territórios onde atuamos, contribuindo para que o crescimento das operações também se traduza em oportunidades econômicas para as comunidades e empresas locais.

A transição energética é um dos grandes temas da atualidade. Como a Origem Energia concilia o crescimento de suas operações no setor de petróleo e gás com a necessidade de construir uma matriz energética cada vez mais eficiente e sustentável?

A Origem, como uma empresa de soluções energéticas integradas, acredita nas soluções regionais que conectam fontes, infraestrutura, produto e mercado, estimulando o desenvolvimento de ecossistemas energéticos. Assim, a escolha pelo gás natural como lastro para sua estratégia "da molécula ao megawatt", que integra os seus diversos segmentos de negócios e canais de monetização, alia o crescimento de suas operações com a necessidade de construir uma matriz energética cada vez mais eficiente e sustentável.

Destaca-se a Estocagem Subterrânea de Gás Natural, onde a Origem está implementando o piloto de estocagem subterrânea de gás natural, no Campo de Pilar (AL), com a injeção do gás em reservatórios já depletados,


Ari Versiani - Acervo Origem

"O setor energético exige investimentos de longo prazo, e a previsibilidade é essencial para que as empresas possam planejar e executar seus projetos com segurança."

um negócio pioneiro no Brasil, que conecta a flexibilidade da molécula à flexibilidade da geração.

Segurança energética começa no acesso confiável à molécula que abastece as usinas e os

consumidores. O desafio não é escolher entre gás e renováveis, mas combinar fontes com atributos diferentes de forma eficiente. O crescimento da energia solar e eólica aumenta a necessidade de fontes capazes de responder, quando a geração intermitente não está disponível. O desenvolvimento do gás doméstico reduz a exposição a riscos logísticos, geopolíticos e de preço associados à dependência de importações em momentos críticos, considerando que essas podem representar parcela relevante do consumo, dependendo das condições hídricas.

Como a senhora avalia essas oportunidades, em termos de energias renováveis para o Estado da Bahia?

A Bahia possui uma vocação extraordinária para as energias renováveis, especialmente a eólica e a solar, além de oportunidades em biocombustíveis, biomassa e novas tecnologias energéticas.

Na nossa visão, uma das grandes oportunidades para o estado está justamente na complementaridade entre essas diferentes fontes. À medida que a participação da geração eólica e solar aumenta, cresce também a importância de soluções capazes de oferecer flexibilidade e segurança ao abastecimento.

Nesse contexto, o gás natural pode exercer uma função complementar, contribuindo para a estabilidade do sistema elétrico e para o atendimento às necessidades da indústria.

Acreditamos que a Bahia reúne condições para desenvolver um ecossistema energético diversificado, aproveitando suas vantagens naturais, sua infraestrutura e sua tradição industrial. O desafio será transformar esse potencial em energia competitiva, investimentos e desenvolvimento econômico.

A atração de investimentos é um dos fatores decisivos para o crescimento econômico. O que é necessário, na sua visão, para que a Bahia se torne

ainda mais competitiva e atraente para empresas do setor energético e de outros segmentos da economia?

A Bahia já possui vantagens competitivas importantes, como disponibilidade de recursos energéticos, infraestrutura industrial, localização estratégica e uma cadeia produtiva com experiência no setor.

Acredito que o próximo salto de competitividade dependerá da capacidade de transformar essas vantagens em um ambiente de negócios cada vez mais previsível e eficiente. Para se criar um ambiente de negócios eficiente é importante que se pense em modelos de negócios integrados, associando a fonte energética à cadeia produtiva, gerando produtos competitivos que fomentem o crescimento do mercado.

Destacaria três fatores fundamentais para essa alavancagem: segurança jurídica e regulatória, infraestrutura adequada e desenvolvimento de mão de obra e fornecedores qualificados.

O setor energético exige investimentos de longo prazo, e a previsibilidade é essencial para que as empresas possam planejar e executar seus projetos com segurança. Da mesma forma, o aproveitamento da infraestrutura existente e a ampliação da capacidade logística e energética contribuem para tornar novos investimentos mais competitivos.

A decisão recente da Origem Energia de arrematar quatro novos blocos exploratórios na Bacia de Tucano Sul demonstra nossa confiança no potencial energético da Bahia. Acreditamos que o estado possui condições de atrair novos investimentos e fortalecer seu papel no desenvolvimento energético e industrial do Nordeste.

Ao projetar a Bahia para 2030, que cenário a senhora imagina para o setor energético do Estado e qual papel a Origem Energia pretende desempenhar na construção de uma economia mais forte, dinâmica, sustentável e preparada para os desafios do futuro?

Vejo a Bahia de 2030 como um estado com potencial para consolidar sua posição como um dos importantes polos de desenvolvimento energético e industrial do Brasil. O estado reúne uma combinação importante de recursos naturais, infraestrutura, tradição industrial e oportunidades de crescimento em diferentes fontes de energia.

Para que esse potencial se traduza em desenvolvimento, será fundamental garantir energia competitiva, segurança no abastecimento e condições favoráveis à atração de investimentos.

A Origem quer participar dessa transformação. Nossa estratégia na Bahia está voltada ao desenvolvimento do potencial de gás natural da Bacia de Tucano Sul, combinando o aproveitamento dos campos existentes com a exploração de novas oportunidades.

O arremate de quatro novos blocos exploratórios no 6º Ciclo da Oferta Permanente da ANP é mais um passo nessa direção e reforça nossa visão de longo prazo para o estado.

Acreditamos que o desenvolvimento energético deve gerar valor não apenas para as empresas, mas também para os territórios onde elas atuam, estimulando oportunidades econômicas e fortalecendo as cadeias produtivas regionais.

Nossa ambição é contribuir para que a Bahia avance até 2030 com uma matriz energética diversificada, maior competitividade industrial e novas oportunidades de desenvolvimento. É dessa construção que queremos fazer parte. ■

Atualmente, a Origem Energia é a quarta maior produtora de gás natural no Brasil, com pouco mais de 2 milhões de metros cúbicos extraídos diariamente em Alagoas e na Bacia de Tucano Sul, Bahia. A companhia pretende utilizar na Bahia a experiência acumulada de sucesso com o crescimento acelerado da produção no polo alagoano. A Bacia de Tucano Sul é ainda pouco explorada e estudos indicam a existência de um potencial significativo de volumes a serem descobertos em novas jazidas análogas às de campos já produtores.

Ativos da Origem Energia na Bahia

Na Bacia Tucano Sul - O Polo Tucano Sul está localizado no Estado da Bahia e engloba os municípios de Água Fria, Alagoinhas, Araci, Aramari, Sátiro Dias, Biritinga, Inhambupe, Ouriçangas, Pedrão, Serrinha e Teofilândia.

Com a participação na 3ª Oferta Permanente da ANP (2022), foram adquiridas 4 Blocos Exploratórios na Bacia Tucano Sul. Ao todo, a área dos blocos totaliza 751 km².

O polo compreende quatro concessões terrestres: os campos de Fazenda Matinha, Conceição, Quererá e Fazenda Santa Rosa.

São 45 poços nos 4 campos, além de 104 km de gasoduto e 2 Estações de Gás Não Associado (EGNA). O gás é comercializado com a Bahiagás, e o ativo está conectado à UPGN Catu (Petrobras) e à malha da TAG.

No 6º Ciclo da Oferta Permanente de Concessão (OPC) da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), realizado na quarta-feira (07/10), a Origem Energia reafirmou sua estratégia de expansão ao adquirir mais 4 blocos exploratórios na Bacia de Tucano Sul, na Bahia, os blocos (TUC-T-155, TUC-T-162, TUC-T-164, TUC-T-173), l

Na Bacia do Recôncavo - A área de concessão de Fazenda Gameleira abrange 3,75 km². O campo está localizado no município de Mata de São João, a leste do Campo de Miranga, a cerca de 100 km da cidade de Salvador, na Bahia.



QUANDO O INTERIOR PUXA A ECONOMIA

André Brito *- Gerente Executivo de Relações Corporativas da Suzano*

Mucuri ocupa apenas a 63ª posição entre os 417 municípios baianos em população, mas é o 23º em participação no PIB estadual, segundo dados do IBGE e da plataforma Caravela Dados Estatísticos. Com cerca de 40 mil habitantes, a cidade produz riqueza muito acima do que seu tamanho sugeriria. O dado é um bom retrato de uma dinâmica nem sempre percebida: parte importante da força econômica de um estado também é produzida longe de sua capital e região metropolitana.

O caso de Mucuri ganha ainda mais sentido quando se amplia a lente para o território. No Extremo Sul da Bahia, cidades de perfis populacionais e produtivos distintos formam uma rede regional em que indústria, agropecuária, serviços e infraestrutura se alimentam mutuamente. Nesse arranjo, o desenvolvimento é resultado das conexões: cadeias produtivas que se fortalecem, negócios que se multiplicam e oportunidades que circulam pelo território.

Interiorizar o desenvolvimento, nesse sentido, significa não apenas distribuir investimentos geograficamente, mas criar condições para que diferentes regiões transformem suas vocações em atividade econômica, emprego, renda e oportunidades. Quando isso acontece, os efeitos ultrapassam os limites de um município: fornecedores encontram mercados, trabalhadores movimentam o comércio e os serviços, produtores ampliam sua capacidade de comercialização e novas atividades encontram espaço para crescer.

> *"O desafio está em criar conexões capazes de transformar essas características em oportunidades e fazer com que a geração de valor alcance diferentes setores da sociedade."*

Essa lógica ganha relevância particular em um estado com a dimensão e a diversidade da Bahia, em que diferentes territórios possuem vocações, estruturas produtivas e desafios próprios e, justamente por isso, podem desempenhar papéis complementares na economia estadual. O desafio está em criar conexões capazes de transformar essas características em oportunidades e fazer com que a geração de valor alcance diferentes setores da sociedade.

É nesse contexto que a atuação da Suzano se insere. Presente na região há 34 anos, a empresa mantém no município de Mucuri uma de suas principais operações industriais, a primeira da companhia no Nordeste, com capacidade para produzir mais de 1,7 milhão de toneladas de celulose por ano, além de 250 mil toneladas de papel e 60 mil toneladas de tissue. A operação reúne mais de 7,5 mil profissionais, entre pessoas do próprio time e de empresas terceirizadas.

Efeito renda – O impacto, no entanto, não termina nos limites da fábrica. A operação também alcança mais de 37 mil pessoas por meio do efeito renda, conforme estudo do



"Uma operação industrial e florestal de grande porte se relaciona com uma ampla rede de atividades."

professor Armando Castelar Pinheiro, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), divulgado em 2024. Esse dado ajuda a traduzir uma dimensão importante do desenvolvimento regional: a renda gerada por uma atividade econômica circula, movimentando o comércio, os serviços e outras atividades do entorno.

Há ainda uma dimensão menos visível desse processo. Uma operação industrial e florestal de grande porte se relaciona com uma ampla rede de atividades: serviços, logística, manutenção, alimentação, hospedagem, comércio e fornecedores. Ao longo do tempo, essa demanda contribui para desenvolver capacidades que permanecem no território e atendem também outras atividades econômicas. É assim que o impacto de um investimento deixa de ser percebido apenas pelo que acontece dentro da fábrica e passa a envolver também as relações econômicas construídas ao seu redor.

Essa capacidade de estabelecer conexões é importante porque o desenvolvimento regional fica mais consistente à medida que diferentes atores conseguem participar da dinâmica econômica. Uma grande operação pode funcionar como um dos elementos dessa engrenagem, mas sua contribuição será tanto mais relevante quanto maior for a capacidade do território de transformar a atividade gerada em novos negócios, qualificação, empreendedorismo e fortalecimento das cadeias locais.

Mais geração de renda – Uma economia regional forte não se constrói apenas com os empregos diretamente associados a uma grande indústria. Ela depende também da capacidade de estimular outras vocações do território e ampliar possibilidades de geração de renda. No Extremo Sul, iniciativas apoiadas pela Suzano vêm fortalecendo a agricultura familiar, a apicultura, a pesca artesanal, em mais de 70 comunidades rurais e tradicionais de sete municípios, com acompanhamento técnico, infraestruturas comunitárias, apoio à produção e à comercialização de culturas como café, mandioca, cacau, hortaliças, urucum, entre outras. Somente no primeiro semestre de 2026, os produtores atendidos comercializaram mais de R$ 8 milhões em produtos agrícolas e apícolas.

O exemplo é importante justamente porque diversificar não significa subs-

tituir uma atividade por outra, mas criar condições para que diferentes vocações econômicas coexistam e se desenvolvam. No campo, isso pode representar mais capacidade de produção e comercialização; nas cidades, mais demanda para o comércio e os serviços. Quando essas relações se fortalecem, amplia-se também a possibilidade de a riqueza gerada circular entre diferentes setores da economia regional.

É uma dinâmica que ajuda a diversificar a atividade econômica e mostra como diferentes vocações podem coexistir e se fortalecer em um mesmo território. Quando investimentos de grande escala se conectam às características locais, seus efeitos podem alcançar produtores, pequenos negócios, fornecedores e outras atividades econômicas, contribuindo para que parte do valor gerado permaneça e circule na própria região.

Interiorizar o desenvolvimento também implica criar condições para que essas oportunidades tenham continuidade. Investimentos produtivos são importantes, mas não respondem, isoladamente, a todos os desafios de uma região. Infraestrutura, educação, qualificação profissional, capacidade de gestão, ambiente favorável aos negócios e políticas públicas são igualmente importantes para transformar ciclos de crescimento em avanços duradouros.

Construção coletiva – Uma das principais lições de territórios com forte atividade produtiva talvez seja justamente a necessidade de articulação. Empresas têm um papel relevante, mas o desenvolvimento é uma construção coletiva. Poder público, iniciativa privada, instituições de ensino, organizações sociais, produtores, empreendedores e comunidades agregam competências diferentes a esse processo. A capacidade de conexão entre esses atores é determinante para transformar potencial econômico em oportunidades concretas para quem vive no território.

Essa perspectiva também ajuda a deslocar a discussão sobre interiorização de uma lógica de competição entre capital e interior. Não se trata de diminuir a importância econômica de Salvador e de sua região metropolitana, mas de ampliar as possibilidades de desenvol-



"No Extremo Sul, iniciativas apoiadas pela Suzano vêm fortalecendo a agricultura familiar, a apicultura, a pesca artesanal, em mais de 70 comunidades rurais."

vimento do estado a partir de uma rede mais diversificada de polos produtivos. Uma Bahia economicamente mais forte passa também pela existência de municípios e regiões capazes de produzir, empreender, atrair investimentos e gerar oportunidades a partir de suas próprias características.

Para isso, é fundamental olhar para o território não apenas como o lugar onde determinada atividade econômica está instalada, mas como parte da estratégia de desenvolvimento. Quanto mais as cadeias produtivas conseguirem dialogar com fornecedores, produtores e empreendedores locais, e quanto mais investimentos públicos e privados estiverem conectados às necessidades regionais, maior tende a ser a capacidade de multiplicar seus efeitos.


Acervo Suzano

A força da economia baiana depende, portanto, da capacidade de seus territórios de gerar valor, conectar cadeias produtivas e ampliar oportunidades, a partir da atuação conjunta de empresas, poder público, comunidades e outros atores relevantes. A experiência construída em Mucuri e no Extremo Sul, da qual a Suzano faz parte, ajuda a mostrar o potencial dessa interiorização.

Desenvolver a Bahia também passa por reconhecer, conectar e fortalecer os muitos polos de geração de riqueza que existem. Além de levar desenvolvimento ao interior, o desafio é criar condições para que a força econômica nos demais territórios ganhe escala, e se transforme, cada vez mais, em oportunidades para quem vive neles. ■





BAHIA 2030: INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE COMO BASES PARA UMA NOVA ECONOMIA

Moisés Santos *- Diretor de Operação Tronox Bahia*

Pensar na Bahia de 2030 é pensar em como transformar as vantagens que o estado já possui em competitividade, desenvolvimento e oportunidades de longo prazo. Temos tradição industrial, infraestrutura, localização estratégica, pessoas qualificadas e um importante potencial mineral, que amplia as possibilidades de desenvolver novas cadeias produtivas e agregar valor no próprio estado. Em um cenário global de transformação das cadeias produtivas, esses diferenciais ganham ainda mais relevância.

O desafio envolve tanto atrair novas indústrias e projetos de mineração quanto criar condições para que as empresas já instaladas continuem investindo, inovando e ampliando sua competitividade. A indústria e a mineração do futuro precisarão ser cada vez mais tecnológicas, eficientes, seguras e sustentáveis. Acredito que a Bahia reúne condições importantes para participar desse novo ciclo.

> *"Uma operação industrial com essa trajetória precisa continuar evoluindo, incorporando tecnologias, desenvolvendo pessoas e aprimorando sua eficiência, segurança e desempenho ambiental."*

A trajetória da Tronox no Brasil, na mineração e na transformação industrial, especialmente por meio de sua presença na Bahia, ajuda a ilustrar esse caminho.

55 anos de presença industrial na Bahia

Em 2026, completamos 55 anos de operação em Camaçari. A fábrica iniciou suas atividades em 1971, quando realizou a primeira produção brasileira de dióxido de titânio, o TiO_2, e permanece como a única planta integrada de pigmento de dióxido de titânio da América do Sul. O TiO_2 está presente em inúmeros produtos do cotidiano, como tintas, plásticos, papéis, borrachas, eletroeletrônicos e embalagens.

Ao longo dessa trajetória, nossa presença passou a integrar o desenvolvimento econômico e social das comunidades ao redor da operação. Hoje, a unidade sustenta cerca de 750 empregos diretos e indiretos, mantém relacionamento com aproximadamente 80 empresas prestadoras de serviços no estado e integra uma cadeia econômica cujo impacto é estimado em cerca de 7 mil pessoas. Além da geração de emprego e renda, a Tronox investe em capacitação profissional e em iniciativas sociais, ambientais, educacionais, culturais e esportivas nas comunidades da região.

Esses 55 anos representam um legado e uma responsabilidade com o futuro. Uma operação industrial com essa trajetória precisa continuar evoluindo, incorporando tecnologias, desenvolvendo pessoas e aprimorando sua eficiência, segurança e desempenho ambiental.

Competitividade industrial é construída todos os dias

O futuro da indústria baiana dependerá cada vez mais da capacidade de produzir de forma segura, eficiente, sustentável e competitiva. Esses elementos precisam avançar juntos e orientar, de maneira consistente, as decisões e a rotina das operações.

Na Tronox Bahia, temos fortalecid uma cultura de excelência operacional baseada em segurança, disciplina na execução, confiabilidade dos ativos, processos eficientes e melhoria contínua. Buscamos incorporar essa cultura à forma como trabalhamos, reduzindo a variabilidade, aumentando a previsibilidade dos processos e fortalecendo nossa competitividade no longo prazo.

Essa evolução passa necessariamente pelas pessoas. Tecnologia, automação e uso de dados terão presença cada vez maior na indústria, enquanto conhecimento técnico, desenvolvimento profissional, liderança e engajamento continuarão sendo diferenciais fundamentais.

Pessoas e qualidade de vida

Nenhuma transformação industrial se sustenta sem pessoas. Por isso, os investimentos em tecnologia e modernização precisam caminhar junto com a construção de um ambiente que valorize segurança, desenvolvimento profissional, qualidade de vida e respeito.



Ulisses Dumas

> *"O compromisso de uma empresa permanece após a extração do minério, na recuperação do ambiente."*

Ao longo dos anos, esse compromisso tem recebido reconhecimentos externos. A Tronox já figurou entre as melhores empresas para trabalhar e recebeu premiações nacionais por suas práticas de qualidade de vida. Em 2025, foi eleita Empresa Mais Incrível para Trabalhar na categoria Química, Petroquímica e Farmacêutica, em reconhecimento da FIA Business School/Estadão, e recebeu o Prêmio Ouro da Associação Brasileira de Qualidade de Vida.

O que considero mais relevante é o que esses reconhecimentos representam: a busca por uma organização em que as pessoas possam se desenvolver e participar ativamente da transformação da indústria. A tecnologia transforma processos; as pessoas constroem e sustentam os resultados no longo prazo.

Mineração responsável

A experiência da Tronox com mineração no Brasil demonstra que a responsabilidade ambiental precisa acompanhar todo o ciclo de vida de uma operação. Um exemplo é a Mina do Guajú, em Mataraca, na Paraíba. Após décadas de atividade, a mina chegou ao fim de seu ciclo produtivo, mas o compromisso da empresa com a área continuou por meio de um amplo processo de recuperação ambiental. O programa de recomposição é considerado pelo Ibama um modelo para mineração de superfície em areias.

O trabalho vai além da recuperação da paisagem. Após a recomposição do relevo e a reposição do solo orgânico, são utilizadas espécies nativas no reflorestamento e realizadas ações de reintrodução da fauna. O programa já envolveu a soltura de 1.889 animais. Os levantamentos registraram populações de primatas superiores a 200 indivíduos, além da presença de espécies ameaçadas de extinção, como o macaco-prego-galego (*Sapajus flavius*) e o guariba-de-mãos-ruivas (*Alouatta belzebul*).

A empresa já foi convidada diversas vezes por órgãos ambientais para compartilhar os resultados de seus programas de recuperação ambiental e do processo de fechamento da Mina do Guajú. Esses convites demonstram o reconhecimento da excelência alcançada pela Tronox na condução responsável do descomissionamento de uma operação de mineração.

Para nós, esse é um exemplo concreto de mineração responsável. O compromisso de uma empresa permanece após a extração do minério, na recuperação do ambiente, no retorno da biodiversidade e no legado deixado para as próximas gerações.





"Essa combinação de presença local, conhecimento técnico e experiência global nos coloca em uma posição privilegiada para contribuir com o desenvolvimento da Bahia."

Investir para preparar a indústria para o próximo ciclo

Olhar para 2030 também significa continuar investindo na modernização da indústria instalada na Bahia. Na Tronox, planejamos investir cerca de R$ 200 milhões nos próximos cinco anos em melhorias de processo, novas tecnologias, pesquisa e desenvolvimento, modernização industrial e avanços ambientais.

Esses investimentos buscam preparar uma operação com mais de cinco décadas de história para os desafios do futuro, combinando competitividade, confiabilidade, inovação e sustentabilidade. Na área ambiental, mantemos iniciativas relacionadas à gestão de recursos hídricos, qualidade do ar, efluentes, recuperação ambiental, biodiversidade e economia circular. Entre elas estão novas tecnologias de monitoramento, incluindo o uso de inteligência artificial no acompanhamento dos controles ambientais.

Essa é uma questão central para o futuro da indústria baiana: a competitividade exige investimento e inovação contínuos para que os ativos industriais existentes permaneçam eficientes, sustentáveis e relevantes nas próximas décadas.

Sustentabilidade que gera transformação

Para nós, sustentabilidade precisa estar incorporada à maneira como operamos e tomamos decisões. Na Bahia, isso já se traduz em mudanças concretas. Desde 2024, toda a energia elétrica consumida pela planta é proveniente de fontes renováveis certificadas.

Outro exemplo está na economia circular. Temos trabalhado para encontrar novas aplicações para materiais gerados em nosso processo produtivo. Um dos principais projetos envolve o minério não reagido, o MNR. Estudos realizados em parceria com a Universidade Federal da Bahia demonstraram a viabilidade de sua utilização em materiais para a construção civil, incluindo argamassas, cimentos e areia aditivada.

A partir desse trabalho, temos avançado na valorização e no reaproveitamento desse subproduto, fortalecendo sua inserção na economia circular. Nossa expectativa é ampliar esse movimento, buscando novas aplicações e reduzindo progressivamente a necessidade de destinação convencional do material.

É esse tipo de transformação que queremos ampliar: utilizar tecnologia, conhecimento e parcerias para fazer uso mais eficiente dos recursos naturais, reduzir desperdícios e transformar desafios ambientais em oportunidades de inovação e geração de valor.

Na indústria de 2030, sustentabilidade e competitividade estarão cada vez mais conectadas. Produzir melhor, utilizando menos recursos e reinserindo materiais nas cadeias produtivas, representa uma responsabilidade ambiental e uma estratégia industrial de longo prazo.

Inovação e terras raras

Essa busca por inovação vai além das nossas operações atuais. Globalmente, a Tronox vem avançando em sua estratégia de terras raras e materiais críticos, apoiada em sua experiência em mineração, recursos minerais e processamento industrial.

Recentemente, a companhia firmou uma parceria estratégica com a JX Advanced Metals, envolvendo cerca de US$ 32 milhões em investimentos conjuntos em estudos e desenvolvimento, com iniciativas na Austrália e nos Estados Unidos.

Embora ainda esteja em desenvolvimento, essa agenda demonstra como uma empresa com longa trajetória na mineração e na indústria pode aplicar seu conhecimento acumulado à exploração de oportunidades em materiais críticos, inovação e tecnologias associadas à economia do futuro.

Bahia conectada às cadeias globais

A Bahia tem uma oportunidade importante de combinar sua tradição industrial com seu potencial mineral e transformar essas vantagens em cadeias produtivas de maior valor agregado. O desafio é ampliar a capacidade de transformar os recursos, agregando tecnologia, conhecimento e valor dentro do próprio estado.

Em Camaçari, a Tronox mantém uma operação industrial madura, com 55 anos de história e em constante evolução e modernização. Ao mesmo tempo, integra uma companhia global com ampla experiência em mineração, processamento mineral e transformação industrial.

Essa combinação de presença local, conhecimento técnico e experiência global nos coloca em uma posição privilegiada para contribuir com o desenvolvimento da Bahia, tanto na evolução da indústria instalada quanto nas discussões e oportunidades relacionadas ao aproveitamento responsável do potencial mineral do estado.

O Polo Industrial de Camaçari reforça essa oportunidade ao reunir infraestrutura, fornecedores, serviços especializados e profissionais qualificados, criando um ambiente favorável à atividade industrial e à circulação de conhecimento e tecnologia.

Em um cenário internacional no qual cadeias produtivas mais resilientes e materiais estratégicos ganham importância, acredito que a Bahia tem potencial para ampliar seu protagonismo. A combinação de recursos minerais, indústria, tecnologia e conhecimento pode atrair investimentos e impulsionar novas cadeias de valor. Transformar esse potencial em desenvolvimento duradouro é o caminho para construir a Bahia de 2030. ■





DA FLORESTA AO FUTURO: COMO A BRACELL AJUDA A CONSTRUIR A NOVA ECONOMIA DA BAHIA

Leonardo Sarno *- Gerente de Tecnologia Florestal da Bracell*

A construção da nova economia da Bahia até 2030 passará, inevitavelmente, pela capacidade do estado de combinar crescimento econômico, inovação tecnológica, competitividade global e sustentabilidade ambiental. Nesse cenário, a indústria de base florestal ocupará uma posição estratégica, não apenas como fornecedora de matéria-prima renovável para diversos setores produtivos, mas como protagonista de uma nova bioeconomia baseada em ciência, tecnologia e gestão responsável dos recursos naturais. Mais do que produzir madeira e celulose, o setor florestal será um dos grandes motores da transição para uma economia de baixo carbono, capaz de gerar empregos qualificados, atrair investimentos, desenvolver regiões do interior e criar soluções inovadoras para os desafios ambientais do século XXI.

A Bahia reúne condições únicas para liderar esse movimento, uma vez que possui clima favorável, tradição florestal consolidada, infraestrutura logística relevante e uma das maiores bases de florestas plantadas do país. Os dados mais recentes da Associação Baiana das Empresas de Base Florestal (Abaf), divulgados no Relatório Bahia Florestal 2025, evidenciam esse potencial do estado, que está na 4ª posição nacional em área plantada de eucalipto, com 660 mil hectares (ha), o que representa apenas 1,2% do território estadual. A Bahia, no entanto, possui 10,6 milhões de hectares de áreas degradadas com potencial para plantio florestal, reforçando que o estado tem uma grande capacidade competitiva para ampliar a atuação do setor, gerando desenvolvimento econômico, social e ambiental. Tudo alicerçado em um modelo já existente de manejo florestal sustentável, baseado no sistema de plantio em mosaico, intercalando cultivo comercial, com a recuperação de áreas antropizadas, com vegetação nativa, preservando a fauna e a flora silvestres.

Apesar dessa importante oportunidade, o diferencial competitivo do futuro não estará apenas na disponibilidade de terras ou na produtividade das plantações, mas principalmente na capacidade de transformar conhecimento em valor. Nesse contexto, os setores de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), como da Bracell, desempenham um papel fundamental na construção dessa nova economia, atuando como um centro de geração de tecnologia, inovação e sustentabilidade para toda a cadeia florestal.

Até 2030, o sucesso do setor florestal dependerá de sua capacidade de aumentar continuamente a produtividade sem ampliar proporcionalmente o uso de recursos naturais. Essa equação somente será possível por meio da pesquisa científica e da inovação tecnológica. Localizado no

> *"Até 2030, o sucesso do setor florestal dependerá de sua capacidade de aumentar continuamente a produtividade sem ampliar proporcionalmente o uso de recursos naturais."*


Acervo Bracell

"Essa capacidade de diagnóstico precoce fortalece os programas de monitoramento fitossanitário."

agreste baiano, o setor de Pesquisa & Desenvolvimento Florestal da Bracell, por exemplo, desempenha um papel estratégico na geração de conhecimento, inovação e desenvolvimento de soluções que sustentam a competitividade e a sustentabilidade das operações florestais da companhia.

A partir de uma infraestrutura moderna e de equipes multidisciplinares altamente qualificadas, o centro conduz pesquisas em áreas como melhoramento genético, proteção florestal, biometria, silvicultura, manejo de recursos naturais, ecofisiologia, biotecnologia, cultura de tecidos, tecnologia da madeira e transformação digital aplicada ao setor florestal. Os resultados gerados têm contribuído para o desenvolvimento de tecnologias e práticas de manejo alinhadas aos mais elevados padrões internacionais, consolidando a unidade como um polo de pesquisa de referência para o setor de base florestal. Esse ambiente de inovação é sustentado por uma equipe que reúne competências científicas e técnicas em diferentes áreas do conhecimento florestal. A integração entre pesquisadores, especialistas, técnicos e profissionais de extensão permite conectar ciência, experimentação e aplicação operacional, acelerando o desenvolvimento de soluções e a geração de valor para o negócio, para o setor florestal e para a sociedade.

Além de atender às demandas operacionais da empresa, o trabalho realizado no agreste baiano fortalece a capacidade da Bracell de antecipar desafios, desenvolver soluções inovadoras e gerar conhecimento de relevância global, contribuindo para posicionar a Bahia como um importante centro de excelência em pesquisa florestal tropical e bioeconomia.

Melhoramento genético e futuro da silvicultura

Uma das áreas de maior relevância para o futuro da silvicultura é o desenvolvimento de clones de eucalipto cada vez mais produtivos, resilientes e adaptados às diferentes condições ambientais da Bahia. O melhoramento genético representa uma das principais alavancas de competitividade do setor florestal brasileiro. Por meio da seleção avançada de materiais genéticos, é possível desenvolver árvores com maior crescimento, melhor qualidade da madeira, maior eficiência no uso da água, resistência a pragas e doenças e maior adaptação às mudanças climáticas.

Os programas de melhoramento desenvolvidos pelas empresas do setor, como os da Bracell, contribuem diretamente para ampliar a produtividade das florestas plantadas, reduzindo a pressão sobre a expansão de áreas produtivas e aumentando a sustentabilidade do negócio. Além do aumento de produtividade, a compreensão aprofundada das propriedades físicas, químicas e anatômicas da madeira permite otimizar processos industriais, aumentar rendimentos e desenvolver aplicações inovadoras para a biomassa florestal.

Em um cenário global marcado pela busca por materiais renováveis, a madeira e seus derivados ganham protagonismo como alternativas sustentáveis para substituição de recursos fósseis. O avanço das pesquisas nessa área amplia as oportunidades de agregação de valor e fortalece a competitividade da indústria florestal baiana.

Com a ampliação da base florestal, a saúde da floresta será cada vez mais decisiva para garantir a produtividade e a sustentabilidade das plantações de eucalipto. Nesse contexto, a diagnose molecular para detecção de fitopatógenos desponta como uma ferramenta estratégica para a identificação dos principais agentes causadores de doenças nos plantios. A utilização de técnicas avançadas de biologia molecular permite identificar de forma rápida, precisa e confiável fungos, bactérias e outros agentes causadores de doenças, muitas vezes antes mesmo que os sintomas sejam observados em campo. Essa capacidade de diagnóstico precoce fortalece os programas de monitoramento fitossanitário, reduz riscos operacionais e contribui para decisões mais assertivas no controle das doenças.

Para a Bracell, o desenvolvimento e a aplicação dessas tecnologias representam uma importante frente de inovação, permitindo maior proteção


Acervo Bracell

"Localizada em áreas de floresta plantada de eucalipto e outra em ecossistema de vegetação nativa no litoral norte da Bahia."

do patrimônio florestal, redução de perdas produtivas e aumento da eficiência dos programas de melhoramento genético e manejo. Além disso, a integração da diagnose molecular com sistemas digitais de monitoramento e análise de dados reforça a capacidade da empresa de antecipar ameaças fitossanitárias e construir florestas mais resilientes diante dos desafios impostos pelas mudanças climáticas e pela evolução dos agentes patogênicos.

A proteção florestal também assume importância crescente na perspectiva de uma produção sustentável. Entre os principais desafios da silvicultura tropical está o manejo de insetos-praga, especialmente lagartas desfolhadoras que podem comprometer o desenvolvimento das florestas e impactar a produtividade. Nesse contexto, o controle biológico de lagartas representa uma das soluções mais alinhadas aos princípios da sustentabilidade e da inovação.

Nos últimos 10 anos, a Bracell realizou investimentos consistentes para estruturar e expandir seu programa de controle biológico, com foco na produção massal e na liberação estratégica de agentes de biocontrole em suas áreas florestais. Como resultado, a companhia, que tem uma biofábrica em Alagoinhas (BA), alcançou uma redução de 90% nas ocorrências de surtos de lagartas e de aproximadamente 85% na utilização de defensivos químicos destinados ao controle de pragas florestais. Além dos ganhos econômicos associados à maior eficiência operacional e à otimização dos custos de formação da floresta, essa iniciativa fortalece o compromisso da empresa com práticas de produção ambientalmente responsáveis, promovendo um modelo de proteção florestal mais sustentável e resiliente.

Tríade de sucesso: eficiência, conservação e rentabilidade

O manejo florestal sustentável constitui outro pilar da atuação da Bracell na construção da nova economia baiana. O desafio não é apenas produzir mais, mas produzir melhor, conciliando eficiência operacional, conservação ambiental e rentabilidade. Os programas de pesquisa em manejo buscam identificar práticas capazes de maximizar o crescimento das florestas ao mesmo tempo em que preservam os recursos naturais. Estudos relacionados a espaçamento de plantio, nutrição florestal, manejo de resíduos, preparo de solo e uso racional de insumos permitem aperfeiçoar continuamente os sistemas produtivos e aumentar a competitividade do setor.

Entre os recursos naturais mais importantes para a sustentabilidade da atividade florestal destaca-se a conservação do solo, que será determinante para o sucesso da silvicultura e para a resiliência dos territórios rurais até 2030. Por esse motivo, o setor de P&D da Bracell desenvolve pesquisas voltadas para práticas conservacionistas do solo, como cultivo mínimo, redução de processos erosivos, manutenção da fertilidade, aumento da matéria orgânica e proteção das bacias hidrográficas. Essas iniciativas contribuem para assegurar a sustentabilidade da produção de longo prazo e demonstram que crescimento econômico e responsabilidade ambiental podem caminhar lado a lado.

A gestão eficiente dos recursos hídricos também ganha relevância diante dos desafios impostos pelas mudanças climáticas. O monitoramento de microbacias, a avaliação do comportamento hidrológico das paisagens florestais e o desenvolvimento de práticas conservacionistas permitem gerar conhecimento científico capaz de orientar decisões estratégicas e fortalecer a segurança hídrica das regiões onde a empresa atua. Dessa forma, a floresta deixa de ser vista apenas sob a ótica produtiva e passa a desempenhar papel fundamental na prestação de serviços ecossistêmicos.

Adicionalmente, como parte de seu compromisso com a sustentabilidade e com o avanço do conhecimento científico, a Bracell implantou duas torres de fluxo de carbono na Bahia, sendo uma localizada em áreas de floresta plantada de eucalipto e outra em ecossistema de vegetação nativa

no litoral norte da Bahia. Essas estruturas utilizam tecnologia de covariância dos vórtices turbulentos *(Eddy Covariance)* para realizar o monitoramento contínuo das trocas de dióxido de carbono (CO_2), vapor d'água e energia entre a vegetação e a atmosfera.

Os dados gerados permitem compreender com maior precisão a dinâmica do carbono nos diferentes ecossistemas, quantificando processos de sequestro e emissão de gases de efeito estufa, além de avaliar a influência das condições climáticas sobre o balanço de carbono ao longo do tempo. Em 2025, os dados analisados mostram que a companhia alcançou uma redução de 47% das emissões de carbono por tonelada produzida desde 2020, atingindo o índice de 0,255 tCO_2e por tonelada produzida, frente a 0,482 tCO_2e registrados no início desta década. Esse resultado faz parte da estratégia Bracell 2030, que prevê redução de 75% das emissões.

Essa iniciativa fortalece a capacidade da empresa de gerar informações científicas robustas para subsidiar estratégias de manejo sustentável, apoiar inventários de carbono e ampliar o entendimento sobre a contribuição das florestas plantadas e nativas para a mitigação das mudanças climáticas. Além disso, o monitoramento de longo prazo proporciona uma base sólida para o desenvolvimento de soluções alinhadas à transição para uma economia de baixo carbono, reforçando o papel da empresa como referência em inovação e sustentabilidade no setor florestal.

Transformação digital e transferência de tecnologia

A transformação digital também exerce papel decisivo na evolução da pesquisa florestal. O enorme volume de dados gerados exige novas abordagens para análise e tomada de decisão. Nesse contexto, a inteligência artificial surge como uma das tecnologias mais promissoras para o setor. A Bracell possui a oportunidade de integrar algoritmos avançados, aprendizado de máquina e sistemas preditivos à gestão de seus dados de pesquisa e operações florestais. Essa capacidade permite antecipar riscos, otimizar recursos, identificar padrões complexos e acelerar a geração de conhecimento.

> *"Ao olhar para 2030, fica evidente que a indústria de base florestal terá um papel decisivo na consolidação da nova economia da Bahia."*

Dentro dessa jornada de inovação, a biometria florestal desempenha papel fundamental. Considerada uma das bases científicas da gestão florestal moderna, a biometria fornece as ferramentas necessárias para mensurar, analisar e prever o comportamento das florestas ao longo do tempo. A utilização de inventários florestais, modelagem estatística, sensoriamento remoto, drones e tecnologias de monitoramento permite estimar com elevada precisão indicadores relacionados a crescimento, produtividade, estoque de carbono e qualidade da madeira. Essas informações são essenciais para orientar investimentos, reduzir incertezas e garantir a sustentabilidade econômica e ambiental das operações.

A transferência de tecnologia para as operações florestais da Bracell é conduzida pelo time de Extensão Florestal, que atua como elo estratégico entre as áreas de Pesquisa & Desenvolvimento e os times operacionais de silvicultura. Sua principal missão é transformar conhecimentos científicos, resultados de pesquisas e inovações tecnológicas em práticas de manejo aplicáveis e de alto impacto no campo. Por meio de programas de capacitação, treinamentos técnicos, validação operacional e acompanhamento contínuo, a Extensão Florestal assegura que novas tecnologias, materiais genéticos, recomendações silviculturais e ferramentas de gestão sejam incorporados de forma eficiente às rotinas operacionais. Essa atuação contribui para acelerar a adoção de inovações, aumentar a produtividade florestal, promover a melhoria contínua dos processos e fortalecer a cultura de excelência técnica da companhia. Dessa forma, a Extensão Florestal desempenha um papel fundamental na geração de valor para o negócio, garantindo que os avanços desenvolvidos pela pesquisa se convertam em ganhos reais de competitividade, sustentabilidade e desempenho operacional.

Cultivando o futuro

Ao olhar para 2030, fica evidente que a indústria de base florestal terá um papel decisivo na consolidação da nova economia da Bahia. Entretanto, essa transformação não será impulsionada apenas pela produção de celulose ou pela expansão das áreas florestais, mas principalmente pela capacidade de inovar, gerar conhecimento e criar soluções alinhadas aos desafios globais da sustentabilidade. Nesse contexto, o setor de Pesquisa e Desenvolvimento da Bracell posiciona-se como um dos principais vetores dessa transformação.

Mais do que atender às demandas do presente, a indústria de base florestal – que é responsável por 6% do PIB da Bahia, movimentando R$ 24,7 bilhões e gerando cerca de 242 mil empregos diretos, indiretos e induzidos – têm a oportunidade de liderar a construção de um futuro no qual a floresta seja reconhecida não apenas como fonte de matéria-prima, mas como plataforma de conhecimento, inovação e desenvolvimento sustentável. Dessa forma, as empresas, como a Bracell, poderão contribuir de maneira decisiva para que a Bahia se torne uma referência mundial em bioeconomia, competitividade industrial e transição para uma economia de baixo carbono. ■



COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA E CONEXÕES QUE IMPULSIONAM O DESENVOLVIMENTO DA BAHIA

Bruno Portela *- Head de Comunicação, Marcas e Eventos da Rede Bahia*

Informação de qualidade, com credibilidade, e capacidade de estabelecer conexões genuínas são fatores cada vez mais importantes para tornar a comunicação um ativo estratégico para apoiar as organizações que querem estar próximas de seu público. E isso ocorre porque as empresas, instituições e marcas disputam não mais espaço, mas, sim, atenção, confiança e relevância em um mercado cada vez mais competitivo e fragmentado devido às múltiplas formas de acesso às informações.

Nesse cenário, os grupos de comunicação sérios e comprometidos com sua audiência têm uma posição estratégica que vai além da produção e distribuição de conteúdo. Assume, agora, um papel relevante de ajudar a conectar públicos e mercados, principalmente em um estado como a Bahia, com 417 municípios e nuances bem particulares entre seus 27 territórios de identidade, além de ter uma forte diversidade econômica, social e cultural.

É justamente nesse ambiente que a Rede Bahia, maior grupo de comunicação do Norte e Nordeste, ganha relevância por estar presente em todas as regiões do estado, por meio de emissoras de TV e rádio, sites, redes sociais e das empresas de eventos e marketing, como a Bahia Eventos. Essa presença nos lares dos baianos, em múltiplas telas, fortalece a conexão ao falar e representar a singularidade do estado e mantém a capacidade do grupo de gerar valor para diferentes marcas que queiram estar ou que já atuam no estado.

O processo de confiança e credibilidade, por meio de veículos líderes de audiência e de uma estratégia personalizada, é reflexo de um grupo que está ao lado dos baianos e baianas há 41 anos, construindo uma relação que conecta os diferentes territórios, acompanha as transformações da sociedade, incluindo as tecnológicas, e participa, de forma atuante, das discussões que movimentam o desenvolvimento e a economia do estado.

E esse olhar não poderia ser diferente, uma vez que a Bahia concentra mercados diversos, formados por atividades industriais, setor de turismo, lazer, religioso, agronegócio, energia, comércio, serviços, cultura, economia criativa, atividades esportivas, mercado pet, dentre outros. E o estado, devido ao seu potencial estratégico e a uma população estimada de 14.889.472 habitantes, tem ainda a capacidade de atrair grandes eventos e projetos de outros estados e internacionais, potencializando ainda mais o desenvolvimento regional.

> *"Um estado como a Bahia, com 417 municípios e nuances bem particulares entre seus 27 territórios de identidade."*



"Eesses eventos impactaram, presencialmente, mais de 500 mil pessoas entre janeiro de 2025 e agosto deste ano."

Um exemplo disso é a realização da RoboCup Brasil, que é uma competição de robótica anual internacional. O evento ocorreu em Salvador, em 2025, e reuniu representantes de 40 países. Com produção da Bahia Eventos, a competição consolidou ainda mais a presença da empresa na promoção de grandes eventos corporativos tanto dentro como fora da Bahia.

Um ambiente como esse, com grande potencial de atração de negócios e marcas, exige ter a capacidade de falar com esses diferentes públicos, por meio de formatos e conteúdos pensados estrategicamente, e, ao mesmo tempo, preservar a identidade do povo baiano. Esse conjunto representa um diferencial competitivo do mercado atual, principalmente em um momento em que a própria comunicação passa por uma transformação profunda.

Isso ocorre porque a multiplicação de canais e a forte presença das redes sociais ampliaram as possibilidades de acesso, ao mesmo tempo que ajudaram a fragmentar a atenção da audiência, porque as pessoas são expostas diariamente a uma quantidade gigantesca de informações, campanhas e estímulos. Neste cenário desafiador, construir significado, gerar identificação e oferecer experiências que façam sentido para seus públicos se tornou imperativo.

Tríade para ampliar resultados

A Rede Bahia vem fazendo essa conexão ainda mais forte com significado, identificação e experiências a partir de uma integração que aproxima três áreas fundamentais para a construção de uma estratégia mais efetiva: Comunicação, Marcas e Eventos. Essa junção contribui para que diferentes frentes de atuação sejam pensadas a partir de uma mesma visão estratégica, coordenada por uma mesma gerência.

A mudança organizacional, intensificada neste segundo semestre, sob a minha gestão, investe na lógica de maximizar os resultados a partir da construção de uma linha de trabalho que concentra a expertise de um grande grupo de comunicação e uma equipe estruturada, alicerçada nessas três áreas, para pensar as entregas de forma a ampliar os efeitos para os clientes, sempre com conteúdos personalizados para as necessidades do contratante.

O pensamento adotado reflete essa importante tríade resultante da conexão das áreas de Comunicação, Marcas e Eventos: uma campanha, ou projeto, desenvolvida pela Rede Bahia pode fortalecer um evento, que, por sua vez, gera conteúdo qualificado para o público e essa experiência, por consequência, reforça o posicionamento de uma marca.

Essa lógica evidencia que, quando existe uma estratégia comum, cada iniciativa deixa de ser uma ação isolada e passa a contribuir para um objetivo maior e que constrói um discurso uniforme, com a possibilidade de abordagem em diferentes veículos, plataformas, projetos e frentes de relacionamento das marcas com os clientes e a própria audiência da Rede Bahia, fazendo com que os eventos sejam lembrados muito tempo depois de suas realizações.

Um grupo que conversa com a Bahia

Esse movimento estratégico, com a junção das áreas, pode ser percebido com a campanha institucional destinada a evidenciar a potencialidade da Rede Bahia e a capacidade de falar com todo o estado, intitulada "Sempre conectada com você". A iniciativa contribui, ao longo deste semestre, para apresentar a dimensão e a amplitude da presença da empresa em todas as regiões, como um grupo de comunicação que consegue falar com 13 milhões de baianos e baianas por meio da atuação integrada dos 15 veículos: TV Bahia, TV Subaé, TV Santa Cruz, TV Sudoeste, TV São Francisco, TV Oeste, Bahia FM, Bahia FM Sul, GFM, Jovem Pan Salvador, g1 Bahia, iBahia, ge Bahia, Bahia Eventos e UNA – Casa de Criadores.

Além de fortalecer o relacionamento com a audiência que acompanha as principais notícias e também encontra opções de entretenimento em múltiplas plataformas, a campanha destaca que o grupo está presente onde o baiano está, compreendendo as diferentes realidades do estado e produzindo conteúdo relevante para cada região, sempre com narrativas construídas a partir da realidade das pessoas.

E esse estar próximo dos baianos, entendendo suas necessidades e desejos, ocorre mesmo diante das constantes transformações sociais e tecnológicas e das novas formas de consumir informação, porque a Rede Bahia, ao longo dessas quatro décadas, vem se adaptando e se preparando continuamente para o futuro, com investimento em inovação e em projetos ambiciosos, como a cobertura do Carnaval e do São João, mas sem perder a dimensão de valorizar a Bahia e os baianos. Essas iniciativas, inclusive, contaram com investimentos de marcas internacionais e nacionais e com forte presença no estado, como a Amazon e Neoenergia.

Soluções personalizadas

Em um ambiente econômico que impulsiona as empresas a buscarem cada vez mais soluções completas de comunicação, essa capacidade da Rede Bahia de falar com um público tão grande, fiel ao conteúdo de qualidade e à credibilidade, ganha valor ainda mais importante. Isso porque as marcas e empresas procuram uma solução que permita alcançar determinado público, oferecendo conteúdo personalizado para as suas necessidades.

O nosso grupo de comunicação, nesse cenário, representa uma vantagem competitiva única, porque, mais do que a quantidade de pessoas alcançadas, os produtos têm a capacidade de transformar esse alcance em relacionamento, influência, experiência e negócios.

Esse movimento, planejado de maneira integrada, é importante porque, quando uma marca ou empresa consegue estar presente em diferentes momentos da jornada do público, a comunicação ganha profundidade, fazendo com que seja lembrada para além do momento de veiculação e da realização do evento, porque ganha valor real para o público.

Portfólio: relacionamento e construção de marca

É justamente aqui que a nova área da Rede Bahia, resultante da junção da Comunicação, Marcas e Eventos, passa a atuar de forma mais integrada ao restante da organização, unindo comunicação, cenografia, produção, ativações, experiências e entregas comerciais em um único racional estratégico. E essa mudança acompanha uma transformação mais ampla do mercado de eventos, que deixou de enxergar essas iniciativas apenas como momentos de encontro para tratá-las como plataformas de relacionamento e construção de marca.

Três bons exemplos, nesse sentido, são os eventos corporativos proprietários desenvolvidos pela Bahia Eventos, como a ConstruNordeste, que é o maior encontro da construção civil do Norte e Nordeste e foi o primeiro a ser realizado pela empresa no segmento empresarial. Desde então, já são quatro edições bem-sucedidas; a Expo Mundo Pet, principal plataforma de negócios dos mercados pet e veterinário do Nordeste, com edições realizadas em 2025 e 2026; e, mais recentemente, Bora SSA, o maior evento wellness do Brasil, que é uma referência nacional em saúde, bem-estar e qualidade de vida. O Bora SSA marcou a entrada da Bahia Eventos no segmento wellness, em parceria com a Oquei Entretenimento, mostrando que a empresa está antenada às oportunidades e aos interesses dos baianos.

Além dos eventos proprietários, a Rede Bahia, por meio da Bahia Eventos, também esteve à frente da produção de importantes projetos, como INDEX Bahia, maior evento da indústria do Nordeste, com edições realizadas em 2025 e 2026; Casa O Boticário, que promoveu um show da cantora Solange Almeida para celebrar o São João deste ano no Porto da Barra, em Salvador; encontros da Confederação das Santas Casas de Misericórdia, Hospitais e Entidades Filantrópicas (CMB), em Brasília, nas edições de 2025 e 2026; e Simpovidro, principal encontro do setor vidreiro na América Latina, realizado em 2024, em Alagoas, e, este ano, em novembro, na cidade de Florianópolis. A empresa produziu a Eatech International, encontro internacional exclusivo para líderes de tecnologia, CIOs e executivos, que ocorreu em Punta Cana, na República Dominicana, em 2025.



"Marcas e empresas procuram uma solução que permita alcançar determinado público, oferecendo conteúdo personalizado."

Juntos, esses eventos impactaram, presencialmente, mais de 500 mil pessoas entre janeiro de 2025 e agosto deste ano. Por meio da cobertura dos veículos da Rede Bahia, o alcance foi 20 vezes maior, impactando 10 milhões de pessoas na Bahia, mostrando a força de um grupo que consegue falar com toda a Bahia. Além disso, conseguiram atender mais de 1.200 marcas e clientes.

Esses eventos evidenciam, acima de tudo, uma estrutura mais complexa de planejamento que vai além de montar o espaço para receber um público durante algumas horas ou dias. Eles começam semanas antes, com um planejamento minucioso e a divulgação por meio da comunicação, que cria conteúdo, gera expectativa no público, envolve parceiros, ativa marcas e estabelece conexões. E não para por aí. Depois, continua produzindo resultados positivos por meio da repercussão e de novos desdobramentos.

Por isso, a integração de Comunicação, Marcas e Eventos na Rede Bahia representa uma oportunidade de ampliar esse valor, resultante do trabalho especializado e pensado por uma equipe com grande expertise, em cada projeto, permitindo que a experiência oferecida ao público esteja alinhada aos objetivos dos parceiros.

Afinal de contas, um grupo como a Rede Bahia não pode ser analisado apenas a partir da perspectiva de mídia. Existe uma dimensão econômica relacionada à capacidade de criar ambientes de conexão entre empresas e sociedade. Ao oferecer conteúdo, alcance, experiências e oportunidades comerciais, o maior grupo de comunicação do Norte e Nordeste contribui para o desenvolvimento da Bahia ao aproximar diferentes agentes econômicos e ao fortalecer conexões que ajudam a movimentar negócios e a gerar oportunidades para o crescimento do estado. ■

> *"Esses eventos impactaram, presencialmente, mais de 500 mil pessoas entre janeiro de 2025 e agosto deste ano."*




Divulgação Tecon

CAIS DE HISTÓRIA, VENTOS DE PROGRESSO: A ROTA VERDE DA BAÍA DE TODOS-OS-SANTOS

Demir Lourenço Júnior *- Diretor-Executivo do Tecon Salvador, Unidade de Negócio da Wilson Sons*

"Como a tradição marítima baiana e a vanguarda da eletrificação desenham o amanhã do comércio global."

O comércio marítimo internacional vive uma transformação sem precedentes desde a revolução da conteinerização. Historicamente avaliados apenas pelo calado, velocidade de movimentação e capacidade estática, os portos mundiais agora respondem a uma exigência inegociável: a descarbonização das cadeias logísticas. No cenário contemporâneo, a transição energética deixou de ser um apêndice institucional para assumir o centro da estratégia corporativa, da mitigação de riscos regulatórios e da atração de investimentos globais.

Responsável por cerca de 95% do fluxo do comércio exterior brasileiro, a atividade portuária é o elo direto entre o setor produtivo nacional e os mercados mais exigentes do planeta. Diante das metas mandatórias da Organização Marítima Internacional (IMO) para neutralizar emissões de gases de efeito estufa até meados deste século e das barreiras fiscais sobre carbono impostas por blocos econômicos maduros, comprovar ecoeficiência na prática tornou-se imperativo comercial.

Nesse contexto de repactuação global, a eletrificação da infraestrutura e dos equipamentos de pátio não é uma aposta teórica, mas a resposta tecnológica mais madura e de impacto imediato para aliar eficiência operacional à sustentabilidade e ao compartilhamento de valores genuínos e urgentes.

Eficiência e Rentabilidade: A Planilha Quebra o Mito

Embora o custo inicial de aquisição (Capex) de equipamentos portuários 100% elétricos ainda seja superior ao dos maquinários tradicionais a combustão, a conta fecha com ampla vantagem no Custo Total de Propriedade (*Total Cost of Ownership* – TCO).



Motores elétricos modernos convertem mais de 90% da energia em trabalho mecânico útil, ante a modesta média de 30% a 38% dos motores a diesel, entregando torque instantâneo e manobras consideravelmente mais ágeis no pátio. Ao mesmo tempo, a drástica redução de peças móveis e a eliminação completa de óleos lubrificantes e filtros cortam despesas de manutenção e diminuem o tempo de inatividade (*downtime*), assegurando disponibilidade técnica contínua aos navios. Esse ganho é potencializado pelo avanço da tecnologia, a exemplo das baterias de alta densidade, que proporcionam maior autonomia para suportar turnos pesados e contam com recargas rápidas sincronizadas às trocas de equipes. Na prática, o investimento inicial mais elevado se traduz rapidamente em menor custo por contêiner movimentado e produtividade de classe mundial.

O Tecon Salvador na vanguarda da mobilidade verde

No Tecon Salvador, essa transição é construída sobre bases sólidas. Fomos pioneiros no País ao introduzir, ainda em 2011, guindastes de pátio sobre pneus (RTGs) totalmente elétricos. Agora, damos mais um salto de padrão mundial ao consolidar a maior frota de tratores de pátio (*terminal tractors* – TTs) 100% elétricos do Brasil, substituindo gradativamente os equipamentos que ainda temos à diesel.

Até o início de 2027, o terminal vai operar com 36 tratores elétricos dedicados à movimentação interna contínua, complementados pela recente aquisição de duas empilhadeiras pesadas *reach stackers* e uma *sidelo-*

> *"É a energia renovável baiana impulsionando diretamente a logística do comércio exterior."*



"Ao ofertar uma infraestrutura portuária verde de classe mundial, a Bahia reafirma seu papel estratégico no comércio internacional."

ader, maquinários de grande porte igualmente movidos a eletricidade.

Os resultados mensuráveis dessa operação comprovam a escala da mudança:

- **Redução no consumo de combustível fóssil:** A frota elétrica diminuiu o consumo relativo de diesel do terminal em 47% no período de 2021 a agosto de 2026.
- **Queda expressiva na emissão de carbono:** Em 2021, registrávamos 9,2 toneladas de CO2 a cada mil contêineres movimentados (escopos 1 e 2). Com a frota eletrificada e os processos otimizados, alcançamos, no acumulado de janeiro a agosto de 2026 apenas 3,6 toneladas — uma diminuição de quase 62% na intensidade da pegada de carbono por movimentação operacional. Com a aquisição destes novos equipamentos que, em parte, substituirão os equipamentos que ainda temos à diesel, este indicador tende a melhorar ainda mais.
- **Eliminação de resíduos perigosos:** A remoção de motores a combustão elimina a geração de centenas de litros de óleo lubrificante usado e suas respectivas etapas de logística reversa.
- **Descarbonização de ponta a ponta:** Ao eliminar as emissões diretas de pátio (Escopo 1 da companhia), proporcionamos aos exportadores e importadores uma redução consistente nas emissões de Escopo 3 em suas cadeias de valor, garantindo conformidade aos padrões climáticos internacionais.

Matriz limpa, governança ESG e os ODS da ONU

A eletrificação de frotas pesadas só atinge sua integridade ambiental se a fonte geradora de eletricidade for verdadeiramente limpa. Na Bahia, essa equação se fecha com perfeição.

O estado se destaca nacionalmente na geração de energia limpa, onde apesar da principal fonte de abastecimento ser de usinas hidrelétricas, a região também é referência na produção de energia eólica e fotovoltaica, oferecendo condições ideais para a transição energética. O Tecon Salvador aproveita esse potencial regional abastecendo suas estações de recarga rápida com energia limpa no mercado livre. É a energia renovável baiana impulsionando diretamente a logística do comércio exterior.

Esse compromisso se reflete na solidez da Wilson Sons, empresa originalmente baiana com mais de 188 anos de atuação e importante atuação na infraestrutura marítima e portuária brasileira. Esse empenho é atestado pelo *CDP*, no qual a companhia conquistou reconhecimento por não apenas mensurar e divulgar de maneira transparente as suas emissões de gases de efeito estufa, mas também pelas medidas ativas que toma para gerenciar o impacto ambiental de

suas operações e mitigar os riscos climáticos atrelados ao negócio.

Nossas práticas conectam-se diretamente às metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU: o ODS 13 (Ação Contra a Mudança Global do Clima), pela mitigação contínua de emissões; o ODS 9 (Indústria, Inovação e Infraestrutura), pela modernização tecnológica dos cais; e o ODS 12 (Consumo e Produção Responsáveis), pela gestão ecoeficiente de recursos energéticos.

Conexão global para a riqueza da Bahia

O investimento contínuo em tecnologia limpa e modernização operacional consolida o Tecon Salvador como uma das plataformas mais eficientes e competitivas da América do Sul. Nosso terminal é plenamente capacitado para receber de forma simultânea as maiores embarcações porta-contêineres autorizadas na costa leste do continente: os navios *New Panamax*, de 366 metros de comprimento.

Com cais contínuo de calado profundo, guindastes elétricos de cais *Ship-to-Shore* (STS), gates de cais e pátio com leitura óptica automatizada (*OCR*) e sequenciamento de pátio apoiado em inteligência artificial, conectamos com agilidade a produção baiana aos principais mercados do mundo, com serviços diretos e semanais para todos os continentes, incluindo a Ásia e todo o extremo Oriente.

O algodão do Oeste, a indústria automobilística, as proteínas e frutas de diversas regiões e os produtos químicos, petroquímicos e industriais do Brasil encontram no terminal de contêineres do Porto de Salvador um canal de escoamento ágil, seguro e ambientalmente responsável. Na economia contemporânea, investidores globais já não desenham suas cadeias de suprimento apenas com base em custos imediatos; a pegada de carbono do transporte tornou-se vetor determinante de valorização. Ao ofertar uma infraestrutura portuária verde de classe mundial, a Bahia reafirma seu papel estratégico no comércio internacional e assume protagonismo na consolidação da Economia Azul — modelo no qual a pujança logística e a preservação dos ecossistemas marinhos e costeiros impulsionam-se mutuamente.

Berço secular da navegação no país e legítima Capital da Amazônia Azul, a Baía de Todos-os-Santos volta a iluminar o horizonte do desenvolvimento nacional. Ao unirmos tecnologia limpa, robustez empresarial quase bicentenária e compromisso autêntico com o território, o Tecon Salvador transforma seus cais em um porto aberto para o futuro. Nossa trajetória consolida a convicção de que estamos no rumo certo: fazer pulsar a economia através de uma matriz limpa, honrar a grandeza da maior baía tropical navegável do planeta e liderar, com coragem e visão, o comércio marítimo que as futuras gerações merecem herdar. ■

ONDE A INDÚSTRIA AVANÇA, A CETREL JÁ ESTÁ PRONTA.

SOMOS A MAIOR PLATAFORMA NACIONAL DE SOLUÇÕES AMBIENTAIS E DE EMERGÊNCIAS PARA A INDÚSTRIA

Cada novo empreendimento, cada expansãoe cada meta de produção exigem responsabilidade, segurança e compromisso com a conformidade ambiental. A Cetrel oferece a confiança necessária para essa jornada, combinando rigor técnico, tecnologia, capacidade operacional e quase cinco décadas de experiência em gestão ambiental e resposta a emergências.



TRATAMENTO DE EFLUENTES E ÁGUA
ECONOMIA CIRCULAR
RESPOSTA A EMERGÊNCIAS
CONSULTORIA AMBIENTAL

PRESENÇA EM 18 ESTADOS
+200 UNIDADES OPERACIONAIS

Cetrel solví



BAHIA AMPLIA O USO DO CONSÓRCIO PARA INVESTIR E CRESCER

Vivian Zimovski *- Diretora Regional Licenciada da Ademicon na Bahia*

A economia brasileira atravessa um momento de contrastes. De um lado, há sinais de atividades e oportunidades em diferentes setores. De outro, o ambiente financeiro ainda exige cautela. A taxa Selic vem sendo reduzida nos últimos meses e chegou a 13,75% ao ano em setembro, mas os juros seguem em patamar elevado.

Na Bahia, esse cenário se repete em um recorte regional, que mantém trajetória de crescimento, mas também sente os efeitos das condições econômicas mais amplas. O estado encerrou 2025 com expansão de 2,7% do PIB, segundo a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). Em 2026, a atividade avançou 0,4% no primeiro trimestre e acelerou para 2,3% no segundo.

Entretanto, para o consumidor, o momento exige escolhas mais cuidadosas. Em Salvador, 25% das famílias estavam inadimplentes em agosto, segundo a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) da Fecomércio-BA.

Esses números ajudam a explicar uma mudança no mercado. Nas decisões de maior valor, a pergunta sobre como comprar passou a ter tanto peso quanto a escolha sobre o que comprar. Prazo, custo total e previsibilidade entraram agora, na conta de quem planeja uma aquisição.

Com crédito mais caro e orçamento pressionado, o planejamento financeiro deixa de ser apenas uma recomendação e passa a fazer parte da própria decisão de consumo. Para famílias, significa avaliar prazos, capacidade de pagamento e objetivos. Para empresas e empreendedores, significa olhar para investimentos com horizonte mais longo e maior previsibilidade.

Novo olhar para o planejamento financeiro

Se no passado a compra de um imóvel ou de um veículo era guiada muitas vezes pela disponibilidade imediata de crédito, hoje o consumidor está mais atento ao orçamento, aos custos envolvidos em cada contratação

> *"Prazo, custo total e previsibilidade entraram agora, na conta de quem planeja uma aquisição."*





e à necessidade de se preparar para projetos de médio e longo prazo.

Essa mudança abre espaço para modalidades que têm o planejamento como essência, e é nesse contexto que o consórcio ganha uma nova dimensão na Bahia e em todo o Brasil. Mais do que um meio de aquisição de bens, ele passa a ser compreendido como ferramenta de planejamento financeiro e também de investimento, que permite conquistar bens e serviços sem juros, construir uma aposentadoria imobiliária e viabilizar novos negócios.

Essa nova compreensão vem acompanhada de uma ampliação dos usos da modalidade. O consórcio deixou de estar associado apenas a carros e imóveis. Na categoria de serviços, por exemplo, é possível planejar reformas, viagens, cursos de especialização, casamentos, procedimentos estéticos e até tratamentos de saúde, como a fertilização in vitro (FIV), entre outros.

Já no agronegócio, a modalidade tem sido usada para a aquisição planejada de máquinas agrícolas, veículos pesados, equipamentos e implementos, e também de tecnologias que aumentam a eficiência da produção, como drones, softwares de gestão e sistemas de irrigação. São usos que acompanham a modernização do campo e a busca por mais produtividade.

Esta diversificação tem aproximado o consórcio de famílias, em diferentes momentos da vida, e de empresas, respeitando o ciclo produtivo de cada uma, o que ajuda a explicar o interesse crescente pela modalidade. Os números do setor confirmam esse movimento. Em 2025, o Sistema de Consórcios ultrapassou, pela primeira vez, R$ 500 bilhões em créditos comercializados no país, alta de 32,1% em comparação a 2024, e encerrou o ano com 12,76 milhões de participantes ativos, segundo a Associação Brasileira

> *"Em 2025, o Sistema de Consórcios ultrapassou, pela primeira vez, R$ 500 bilhões em créditos comercializados no país."*

de Administradoras de Consórcios (ABAC).

Neste contexto, a Bahia teve um papel relevante. O estado foi o quarto que mais comercializou consórcios no país, com mais de 381 mil cotas, crescimento de 7,4% no comparativo anual. No mesmo período, foram mais de 150 mil contemplações e 865 mil participantes ativos. Motocicletas e veículos leves lideraram as adesões, mas imóveis e veículos pesados, estes ligados diretamente à atividade produtiva, também tiveram destaque.

A Bahia como mercado estratégico

A Bahia não é apenas um mercado de grande volume para o consórcio. É um estado de características econômicas e regionais diversas, o que amplia as possibilidades de atuação e traz um olhar estratégico para o setor.

Essa dinâmica aparece no dia a dia das empresas que comercializam o produto. A Ademicon, maior administradora independente de consórcio do Brasil em créditos ativos, por exemplo, comercializou mais de R$ 726 milhões na Bahia entre janeiro e agosto de 2026, o que aponta um crescimento de 42% em relação ao mesmo período de 2025. Considerando todo o Nordeste, foram mais de R$ 2,6 bilhões, desempenho 66,5% superior ao do ano anterior. Com atuação em 24 estados, no Distrito Federal e, mais recentemente, nos Estados Unidos, em Miami e Orlando, a companhia completa 35 anos em 2026 e atualmente, conta com seis lojas em território baiano.

Mais importante do que os números isolados do setor é o que eles indicam sobre a demanda, que segue crescente em diferentes regiões do estado. Por isso, o segmento tem investido em presença física em diversas cidades. Estar fisicamente próximo permite compreender as necessidades locais e levar informação e orientação a quem está planejando os próximos passos, o que amplia o acesso da população a soluções de crédito planejado.

Esse movimento tem ainda uma dimensão econômica que vai além da oferta do produto propriamente dito. Crescer em número de unidades regionais significa mais do que aumentar os pontos de atendimento. Representa gerar oportunidades, formar e desenvolver consultores, movimentar a economia local e fomentar o empreendedorismo em diferentes regiões do país. Em um estado com a extensão territorial da Bahia, a chegada de empresas que investem além dos grandes centros ajuda a movimentar os mercados locais e a criar conexões econômicas. E cada cota de crédito contemplada se converte em um imó-

> *"E cada cota de crédito contemplada se converte em um imóvel, um veículo ou uma máquina, o que irriga também outras cadeias produtivas da região."*



vel, um veículo ou uma máquina, o que irriga também outras cadeias produtivas da região.

Tendências e perspectivas para o próximo ciclo

O próximo ciclo do mercado de consórcios deve ser marcado não só pela expansão de volume, mas principalmente pela capacidade de acompanhar consumidores mais informados e exigentes. A ABAC projeta para 2026 resultados superiores aos de 2025, sustentados pela continuidade do crescimento e pelo avanço da conscientização sobre planejamento financeiro.

Uma das tendências mais claras é o uso do consórcio como estratégia de investimento e de formação de patrimônio. Em 2025, o tíquete médio das cotas subiu 14,8%, alcançando R$ 96,9 mil, e o segmento de imóveis cresceu 48,4% em créditos comercializados, segundo a entidade. Pesquisa da associação com administradoras do segmento imobiliário mostra ainda que 31% dos consorciados de imóveis são pessoas jurídicas, sinal de que empresas também passaram a incorporar a modalidade ao planejamento.

Outra frente é o avanço do consórcio nas cadeias produtivas, especialmente no agronegócio e no transporte. Em um estado em que agronegócio, logística e infraestrutura seguem demandando investimentos, a possibilidade de renovar frotas, adquirir máquinas e incorporar tecnologia sem o custo dos juros tende a ganhar espaço entre produtores e empresários.

A tecnologia também terá papel importante nesse processo. A digitalização facilita o acesso, agiliza jornadas e amplia as possibilidades de relacionamento. Mas, em decisões financeiras de médio e longo prazo, a tecnologia não elimina a necessidade de orientação. Para as administradoras, isso significa investir em qualificação dos profissionais, experiência do cliente e reforçar a comunicação sobre educação financeira, entendendo que cada região tem particularidades e necessidades próprias.

A Bahia de 2030 será resultado de investimentos, inovação e novos negócios, mas também das atitudes tomadas por consumidores e empresas ao longo dos próximos anos. Em um cenário marcado por crédito restrito, juros e endividamento, planejar deixa de ser apenas uma escolha individual, e passa a ser uma ferramenta essencial para tomar decisões mais conscientes, organizar a vida financeira e contribuir para o desenvolvimento da economia. ■





MINERAIS ESTRATÉGICOS: A BAHIA DIANTE DE UMA NOVA FRONTEIRA DE DESENVOLVIMENTO

Gilcimar Oliveira *- Diretor de Sustentabilidade e Pessoas da Appian Capital Brazil*

A mineração vive um momento de transformação, impulsionada pela crescente demanda global por minerais estratégicos, pela transição energética e pela necessidade de cadeias produtivas mais sustentáveis e competitivas. Na Bahia, esse cenário abre espaço para novos investimentos, tecnologias e oportunidades de geração de emprego, renda e desenvolvimento regional. Com um investimento previsto de R$ 3,3 bilhões até 2030, a expansão de uma importante operação de níquel no Sul do Estado, por meio de um projeto subterrâneo, deverá ampliar a produção, estender a vida útil da mina por décadas e incorporar novas tecnologias à atividade mineral. Em entrevista exclusiva à *Bahia Econômica*, Gilcimar Oliveira, Diretor de Sustentabilidade e Pessoas da Appian Capital Brazil - gestora e controladora da Atlantic Nickel, aborda as perspectivas para o setor, os avanços em inovação e sustentabilidade, a formação de mão de obra, o fortalecimento da economia regional e as condições necessárias para que a Bahia amplie sua participação nas cadeias globais de minerais estratégicos.

A mineração ocupa posição estratégica na economia baiana e a Atlantic Nickel tornou-se um dos principais ativos do Estado nesse segmento. Qual é, na sua avaliação, a contribuição atual da Companhia para o desenvolvimento econômico da Bahia e qual papel ela poderá desempenhar na construção da economia baiana até 2030?

A Appian Capital Brazil, fundo de investimento privado especializado em mineração, atua na Bahia por meio da Atlantic Nickel, produtora brasileira de níquel sulfetado verde no Sul da Bahia no município de Itagibá. A empresa tem se consolidado como um vetor de desenvolvimento para o Estado, operando um ativo de relevância com padrões internacionais. Até 2030, nossa expectativa é ampliar essa contribuição com a implantação do Projeto Underground, que prevê investimento de R$ 3,3 bilhões e poderá estender a vida útil da mina por mais duas a três décadas. Esse movimento reforça a presença da mineração no estado e cria condições para que a Bahia continue atraindo investimentos, tecnologia e oportunidades de desenvolvimento econômico.

A Mina Santa Rita, em Itagibá, representa um importante empreendimento de mineração de níquel no Brasil. Quais são hoje os principais indicadores da operação em termos de produção, investimentos, geração de empregos, arrecadação e movimentação da cadeia de fornecedores, e como esses números podem evoluir nos próximos anos?

No primeiro semestre de 2026, o desempenho operacional incluiu a produção de 61.995 toneladas de concentrado de níquel, contendo 7.980 toneladas de níquel. No mesmo período, registramos crescimento de 33% na receita bruta e de 23% na receita líquida em comparação com o primeiro semestre de 2025. A operação atual mantém um quadro de

> *"Implantação do Projeto Underground, que prevê investimento de R$ 3,3 bilhões."*



"Quando atingido o potencial produtivo, esta mina se consolidará como a maior operação subterrânea de níquel sulfetado da América Latina."

cerca de 3.000 colaboradores diretos. Esses números evoluirão substancialmente com o Projeto Underground, que prevê criar cerca de 1.500 empregos no pico das obras e elevar o quadro total de funcionários, na fase de operação, para 3.500 a 4.000 pessoas, quase dobrando a capacidade de produção de níquel (de 15 mil para 24 mil toneladas anuais).

Além dos indicadores operacionais, os dados mostram uma presença significativa de profissionais oriundos da própria região. Dentro de uma amostra de **591 profissionais**, observa-se que **511 colaboradores (93%)** atuam nas operações **Open Pit** e **40 colaboradores (7%)** estão vinculados às operações do **Projeto Underground**. Entre os colaboradores analisados, **370 pessoas (77%) são naturais da Bahia**, enquanto **296 pessoas (61%)** são provenientes de municípios localizados em um raio de até 65 quilômetros da operação, considerando a área até Jequié. A distribuição inclui ainda **192 colaboradores (40%) naturais de Ipiaú** e **49 colaboradores (10%) naturais de Itagibá**.

Outro indicador relevante é o **Programa Portas de Entrada**, que atualmente conta com mais de **58 participantes**, com cerca de **21 aprendizes** e **37 estagiários**. Os programas representam oportunidades de formação e desenvolvimento profissional para jovens e estudantes em diferentes etapas de qualificação. O número de estagiários é aproximadamente **76% superior** ao de aprendizes, indicando uma participação expressiva de estudantes em formação técnica e universitária.

Vale destacar ainda que estes números representam apenas os empregos diretamente vinculados às operações. É importante, porém, considerar o efeito multiplicador que uma operação minerária pode gerar sobre a economia local e regional. A presença da mina atua como um importante catalisador do desenvolvimento, impulsionando a geração de empregos indiretos e induzidos, tanto por meio da cadeia de fornecedores e prestadores de serviços quanto pelo crescimento da atividade econômica decorrente da maior circulação de renda na região. Dessa forma, os benefícios da operação se estendem para além dos postos de trabalho diretamente criados pela empresa, contribuindo para o fortalecimento e a diversificação da economia local e regional.

O níquel é considerado um mineral estratégico para diversas cadeias industriais e para a transição energética global. Como o senhor avalia as perspectivas de longo prazo para o mercado de níquel e quais oportunidades esse novo cenário pode representar para a Atlantic Nickel e para a Bahia?

O níquel tem papel importante em diversas cadeias industriais e aplicações ligadas à eletrificação da economia, incluindo sistemas de armazenamento de energia e mobilidade elétrica. Por isso, a perspectiva de longo prazo para o mercado segue positiva. A Atlantic Nickel, produtora brasileira de níquel sulfetado verde, se posiciona de forma estratégica nesse cenário, fornecendo minério de alta qualidade para o mercado internacional e contribuindo para cadeias produtivas mais sustentáveis.

Essa oportunidade consolida a Bahia como polo produtor relevante, atraindo investimentos e promovendo maior integração do estado às cadeias globais de valor.

Com a implantação do Projeto underground da Mina Santa Rita avançando em ritmo forte temos, uma grande oportunidade de ver esse papel do estado ganhar ainda mais notoriedade. Quando atingido o potencial produtivo, esta mina se consolidará como a maior operação subterrânea de níquel sulfetado da América Latina, e será responsável por aproximadamente 55% do níquel produzido mundialmente.

O Projeto Underground da Mina Santa Rita é apontado como estratégico para o futuro da operação. Quais são os principais objetivos e avanços desse projeto, qual o potencial de extensão da vida útil da mina e de que maneira ele poderá ampliar a competitividade da Atlantic Nickel? Nesse processo, qual tem sido a importância da parceria com a CBPM e o Governo da Bahia?

O Projeto Underground é a iniciativa mais estratégica da companhia, com um investimento previsto de R$ 3,3 bilhões até 2030. Os objetivos incluem estender a vida útil da mina por mais 20-30 anos ao passo que aumentamos a competitividade de nossas operações acessando minério com teor médio de níquel de 0,50% (ante 0,29% da mina a céu aberto), permitindo um ganho de 60% na produção anual com a mesma planta de beneficiamento. Estamos avançando com a construção da mina subterrânea que teve início em março de 2026. Hoje já temos quase 500 metros de túneis construídos e a previsão de acessar o corpo mineral antes do final de 2028. Quando estiver em plena operação, o empreendimento terá capacidade planejada de alimentação da planta de 6,35 milhões de toneladas por ano e poderá se tornar a maior operação subterrânea de níquel sulfetado da América Latina. A parceria com a CBPM e o Governo da Bahia tem sido fundamental para garantir segurança institucional, alinhamento para o desenvolvimento econômico e atração de investimentos.



"Esse compromisso se traduz não apenas em iniciativas de recuperação da Mata Atlântica e de gestão hídrica."

A expansão e a modernização da mineração exigem investimentos permanentes em tecnologia, produtividade e segurança. Quais são as principais tecnologias e soluções de inovação que a Atlantic Nickel vem incorporando à operação e como elas estão transformando a atividade mineral na Bahia?

A inovação é um pilar do Projeto Underground, que incorpora tecnologias de ponta como o método de lavra *Sublevel Caving*, que será aplicada pela primeira vez no Brasil, além de um sistema de aproximadamente 3,5 km de correias transportadoras subterrâneas, substituindo caminhões e reduzindo a pegada de carbono. O projeto adota um padrão geomecânico superior com uso intensivo de telamento, tirantes e concreto projetado, elevando significativamente os padrões de segurança operacional.

Em paralelo, seguimos continuamente buscando oportunidades de melhoria e otimização do processo produtivo. A aplicação de Inteligência Artificial (IA) representa uma importante oportunidade nesse sentido, com potencial para aumentar a eficiência e o desempenho operacional. Um exemplo é a etapa de flotação, na qual a tecnologia já vem sendo aplicada, em fase de teste, para otimizar os parâmetros de operação e melhorar o desempenho do sistema.

A sustentabilidade passou a ser um dos principais fatores de competitividade da mineração mundial. Como a Atlantic Nickel vem conciliando crescimento da produção, eficiência operacional, redução de impactos ambientais e uso responsável dos recursos naturais?

A companhia integra a sustentabilidade como componente central de seus processos de tomada de decisão, refletindo em suas operações o compromisso de transformar recursos naturais em prosperidade e desenvolvimento sustentável. Esse compromisso se traduz não apenas em iniciativas de recuperação da Mata Atlântica e de gestão hídrica — que já permite o reaproveitamento de 85% da água utilizada na operação —, mas também em um importante diferencial de nosso produto: uma das menores pegadas de carbono entre os produtores globais de níquel, posicionando nosso produto

> *"A geração de renda será ampliada significativamente, elevando o quadro de colaboradores de 3.000 para até 4.000 pessoas na região."*

no primeiro decil da indústria mundial em termos de emissões.

Esse desempenho é resultado da combinação de uma matriz energética predominantemente limpa no Brasil com um processo produtivo eficiente e um rigoroso controle operacional. Trata-se de uma credencial cada vez mais relevante em um mercado no qual empresas de diferentes setores estão assumindo compromissos crescentes de descarbonização de suas cadeias produtivas e buscando fornecedores capazes de contribuir para o alcance dessas metas.

O Projeto Underground amplia ainda mais essa oportunidade. A transição para a operação subterrânea permitirá produzir mais níquel a partir do mesmo montante de material processado, ao mesmo tempo em que incorporará processos mais eficientes e tecnologias como as correias transportadoras, reduzindo a dependência de caminhões e, consequentemente, o consumo de combustíveis e as emissões associadas ao transporte do minério.

Dessa forma, combinamos práticas responsáveis de gestão ambiental, eficiência operacional e uma das menores intensidades de carbono do setor para oferecer um produto com uma credencial ambiental cada vez mais valorizada: um níquel de baixa pegada de carbono, capaz de se tornar um parceiro estratégico para empresas comprometidas com a descarbonização de seus processos e cadeias produtivas.

Adicionalmente, a estratégia da Appian Capital Brazil, também inclui a Graphcoa, operação da companhia produtora de grafite, cujo Projeto Nova Jordânia operará 100% sem barragens de rejeitos (usando empilhamento a seco), demonstrando o mais alto padrão ESG em todo o portfólio.

Além da atividade de extração mineral, uma empresa de grande porte pode contribuir para transformar economicamente toda a região onde está inserida. Como a Atlantic Nickel trabalha para fortalecer fornecedores locais, estimular novos negócios e ampliar a geração de renda e oportunidades nos municípios do entorno de sua operação?

A Atlantic Nickel impulsiona a economia regional de forma estruturada, com ações que refletem o seu compromisso social de transformar e desenvolver as comunidades anfitriãs de suas operações, aliado ao sólido compromisso no fomento da economia local. A companhia trabalha para capacitar a mão de obra e fortalecer fornecedores locais, integrando-os a uma cadeia mais competitiva. Com a expansão do Projeto Underground, a geração de renda será ampliada significativamente, elevando o quadro de colaboradores de 3.000 para até 4.000 pessoas na região.

Dentro de uma amostra de **591 profissionais**, observa-se que **511 colaboradores (93%)** atuam nas operações **Open Pit** e **40 colaboradores (7%)** estão vinculados às operações do **Projeto Underground**. Entre os colaboradores analisados, **370 pessoas (77%) são naturais da Bahia**, enquanto **296 pessoas (61%)** são provenientes de municípios localizados em um raio de até 65 quilômetros da operação, considerando a área até Jequié. A distribuição inclui ainda **192 colaboradores (40%) naturais de Ipiaú** e **49 colaboradores (10%) naturais de Itagibá**.

Outro indicador relevante é o **Programa Portas de Entrada**, que atualmente conta com mais de **58 participantes**, com cerca de **21 aprendizes** e **37 estagiários**. Os programas representam oportunidades de formação e desenvolvimento profissional para jovens e estudantes em diferentes etapas de qualificação. O número de estagiários é aproximadamente **76% superior** ao de aprendizes, indicando uma participação expressiva de estudantes em formação técnica e universitária.

A relação com as comunidades é um dos aspectos mais importantes para a sustentabilidade de um empreendimento mineral de longo prazo. Quais são os principais programas e investimentos sociais desenvolvidos pela Atlantic Nickel nas áreas de educação, qualificação profissional, empreendedorismo, saúde e desenvolvimento comunitário?

Promover o desenvolvimento das comunidades anfitriãs de suas operações, aliado ao sólido compromisso no fomento da economia local. Com este propósito, a Appian Capital Brazil e Atlantic Nickel desenvolvem uma série de iniciativas voltadas à educação e incentivo ao empreendedorismo nos municípios de Gongogi, Itagibá e Ipiaú, no Sul da Bahia. A partir do Edital de Apoio a Projetos Sociais, as iniciativas têm como propósito estimular iniciativas que apresentem propostas alinhadas aos **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)** como crescimento econômico, equidade de gênero e agricultura responsável. Dentre os destaques estão:

Empreendedorismo

Projeto Cacau - iniciativa que estimula o resgate da cultura do cacau no Sul da Bahia, por meio da agricultura familiar, ação já beneficia mais de 200 produtores rurais da região;

Projeto Banana - programa voltado ao desenvolvimento socioeconômico local e incentivo ao empreendedorismo no município de Itagibá (Sul da Bahia), focado no beneficiamento da banana, um dos principais cultivos da região. A ação beneficia 10 famílias agricultoras por meio do beneficiamento da banana.

Educação e Inovação

Projeto STEM – capacitação de professores da rede pública nas disciplinas de ciência e tecnologia, além de matemática. Ação beneficia 1.665 alunos na região;

InovaNickel - programa / maratona de inovação voltada para estudantes do ensino médio de escolas públicas da região com o objetivo de criar soluções para problemas reais da comunidade.

Cultura, Esporte e Inclusão Social

Programa de Música, Educação e Apoio Social (Promart) – iniciativa tem como objetivo o desenvolvimento escolar e socioemocional de crianças e adolescentes por meio de aulas de música;

Escolinha de Esportes Itapirama – A ação tem como objetivo promover o desenvolvimento escolar e socioemocional de crianças e adolescentes por meio da prática esportiva do futebol, além de combater a evasão escolar.

Um dos desafios da Bahia para os próximos anos será ampliar sua participação em cadeias produtivas de maior valor agregado. Na sua visão, como o Estado pode aproveitar melhor sua riqueza mineral para gerar mais industrialização, tecnologia, empregos qualificados e valor dentro do próprio território baiano?

A mineração é um vetor relevante de desenvolvimento regional na Bahia, com forte capacidade de geração de emprego, renda e arrecadação. No entanto, o setor também enfrenta desafios importantes, como a necessidade de avanços em infraestrutura logística, maior previsibilidade regulatória e fortalecimento do ambiente de negócios. Por outro lado, o cenário global apresenta oportunidades significativas, especialmente com o aumento da demanda por minerais críticos. Nesse contexto, a Bahia tem potencial para se consolidar como um polo estratégico, desde que consiga alinhar competitividade, sustentabilidade e atração de investimentos.

O mundo vive uma disputa crescente por minerais considerados críticos e estratégicos. O Brasil e, particularmente, a Bahia estão preparados para aproveitar essa oportunidade? O que ainda precisa avançar?

O Brasil reúne condições naturais e geológicas que o colocam em posição privilegiada no cenário global de minerais estratégicos. Para ampliar sua competitividade, é fundamental avançar em aspectos como segurança jurídica, eficiência regulatória e infraestrutura, além de incentivar a inovação e a adoção de práticas sustentáveis. A integração do país às cadeias globais de valor também passa pela capacidade de oferecer produtos com alto padrão ESG, o que é cada vez mais demandado por investidores e clientes internacionais. Nesse contexto, empresas que operam com visão de longo prazo têm papel central nesse movimento.

Olhando para 2030, quais são os principais desafios e oportunidades que o senhor identifica para a Atlantic Nickel — seja em relação ao mercado internacional de níquel, investimentos, expansão da produção, inovação, sustentabilidade ou infraestrutura — e quais condições serão necessárias para que a empresa continue ampliando sua contribuição para a economia baiana?

A principal oportunidade para 2030 é a consolidação do Projeto Underground, para estender a vida útil da mina por 20-30 anos e aumentar a produção para 24 mil toneladas anuais. Os desafios envolvem a execução eficiente deste projeto até o início da operação em 2028. Para continuar ampliando essa contribuição, é essencial a manutenção de um ambiente de negócios favorável, com infraestrutura robusta e estabilidade regulatória que suporte investimentos de longo prazo.

Para concluir, se a proposta da revista é discutir a "Bahia 2030: A Construção de uma Nova Economia", qual é a visão da Atlantic Nickel para o futuro da mineração no Estado? Que papel a Companhia pretende desempenhar para que a Bahia se torne mais competitiva, inovadora e integrada às cadeias globais de minerais estratégicos?

A visão de futuro é de crescimento sustentável, ancorado em inovação e protagonismo global. O papel da companhia é continuar sendo um motor de integração da Bahia nas cadeias estratégicas, materializado pelo Projeto Underground e possíveis oportunidades futuras que serão fartas dado o potencial geológico do Estado. Ao investir R$ 3,3 bilhões neste projeto, a Appian Capital Brazil não apenas consolida um ativo de classe mundial na Bahia, mas também reforça seu compromisso de longo prazo com a tecnologia, a sociedade e o meio ambiente local. ■



"A principal oportunidade para 2030 é a consolidação do Projeto Underground, para estender a vida útil da mina por 20-30 anos."





Ele está com você, mas você não percebeu.

Na tinta da parede, nos plásticos, na borracha do chinelo que todo mundo usa, no revestimento da sua casa e até no papel-moeda, o TiO_2 está presente em produtos que fazem parte do cotidiano das pessoas, mesmo sem ser notado.

Há 55 anos, a Tronox produz em Camaçari o dióxido de titânio, um pigmento fundamental para a indústria brasileira. E por trás de cada partícula branca produzida na Bahia, existe uma equipe orgulhosa que faz a diferença acontecer!

TRONOX

CU$TO BRASIL



CONHEÇA OS VILÕES QUE PRECISAM SER DERROTADOS

ELES ESTÃO PRESENTES NO SEU DIA A DIA E CUSTAM **R$ 1,7 TRILHÃO** POR ANO PARA O POVO BRASILEIRO.

Acesse e descubra o impacto dos vilões que pesam no seu bolso.

CNI Confederação Nacional da Indústria